

Cartografias da vida na universidade 2

TRAVESSIA DOS AFETOS



trajetos | **afetos** | devir



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO

Cartografias da vida na universidade
Trilogia trajetos | afetos | devir

**POLÍTICA SENSÍVEL DO CUIDADO DE SI
NA TRAVESSIA DOS AFETOS:
POR *UMA* SAÚDE INVENTIVA**

LISANDRA BERNI OSORIO

Livro 2
PELOTAS 2023

LISANDRA BERNI OSORIO

Cartografias da vida na universidade

Travessia dos Afetos

Trajetos - **Afetos** - Devir

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Livro 2 da Trilogia

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria Manuela Alves Garcia

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

O83p Osorio, Lisandra Berni

Política sensível do cuidado de si na travessia dos afetos, por uma
saúde inventiva [recurso eletrônico] : cartografias da vida na universidade
2 I afetos : travessia dos afetos / Lisandra Berni Osorio ; Maria Manuela
Alves Garcia, orientadora. — Pelotas, 2023.
147 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação,
Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Afetividade. 2. Docência. 3. Vivências acadêmicas. 4.
Metamorfose. 5. Ensino-aprendizagem. I. Garcia, Maria Manuela Alves,
orient. II. Título.

CDD 370

Tempo de Travessia

O livro 2, dos afetos, extrai dos dados encontrados nos ditos e escritos de alunos e professores, algumas repetições e diferenças que pulsam em meio à travessia dos mapas afetivos, pelas ruas transversais na vida educacional. O tempo atropela o caminho, a necessidade de flexibilização é o grito do fundo das aulas, o acolhimento pede permanência, mas é o conhecimento, que parece ser o mais procurado. Para que uma transformação ali ocorra, uma aula das metamorfoses é ministrada por docências-personagens, as quais passam pelos estágios do peso de um Camelo; da coragem de um Leão e; da criação de uma criança. Elas precisam encontrar seus alunos fora das salas e percorrem o corredor espelhado, para, no meio de tudo, encontrarem também a si mesmas. É naquele corredor, entre Eros e Narcisos, que descobrem que o maior conhecimento não está no “conteúdo” das aulas ou nas apostilas a serem decoradas, mas antes, está na abertura para aquilo que alunos e professores são capazes de afetarem e serem afetados. Assim, os três principais afetos descritos por Spinoza (alegria, tristeza e desejo), variam suas formas conforme o que os corpos afetados têm de aumento ou diminuição em suas potências de agir e são capazes de escreverem a afirmação da vida e suas nuances. Os alunos-personagens, manifestam seus anseios, desejos e abismos e colorem com o negro de uma crisálida, as inclusões e as resistências aos modos discriminatórios que flanam por ali; o azul de um pássaro, que voa para fora da bolha, rompendo os hábitos de fazer as mesmas coisas no tempo que a instituição o obriga; a força das águas vivas (ora transparentes, ora turvas) carregadas por um menino correndo pelo vento que sopra um imponderável movimento de se tornar quem é. Precisam andar, andar, até ficarem diferentes. Precisam aprender a voar até olharem com outros olhos as diferenças que florescem no chão das salas de aulas, das paredes educacionais, das pontes que os aproximam da rizomática universidade. Os afetos pedem passagem, e -, ora caminham por trajetos rostificados de funções de um aluno nota dez e de um professor ideal; ora provocam deslocamentos do Desejo que andarilha por novos territórios em que podem colocar mais corpo nas aulas, mais pés nas ruas dos aprendizados; ora se redimensionam para transvalorar os próprios percursos e fazer do amor, não um

signo enganador que provenha uma necessidade, mas uma beatitude que consiga fazer da satisfação com cada um, a melhor obra. O ritornelo da vida afetiva de quem aprende e de quem ensina, traceja suas formas de pensar, agir e sentir; inscrevem-se pelo olhar, pela voz, pelo corpo, pelo cuidado.

Sumário

deCANTAR AfeTOS	9
1 afetos pedem passAgem	13
1.1 dos encontros nascem personagens	22
1.1.1 docentes	22
1.1.2 alunos	25
2 repetição, desvios e desejo	31
3 des.caminhos da diferença	47
3.1 diz.fazendo um rosto	55
3.2 pontes	65
3.3 uma escuta sensível	68
4 corredor espelhado	75
4 corredor espelhado	75
4.1 No meio do caminho havia mapas, havia mapas no meio do caminho...	80
4.2 exPOSIÇÃO	85
4.3 Eros encontra Narciso...	88
5 aula das metamorfoses	93
5.1 profecia do riso	103
5.2 furAR a bolha....	105
6 amor, docências e outras drogas	111
6.1 e o tempo levou	125
IN.conCLUIR	129
referências	138
anexos	146

deCANTAR AfeTOS

Travessuras de pesquisa



No coração do entardecer dos dias que se vive no Castelo dos Saberes, há uma coloração bonita no horizonte das ruas em que a ansiedade ganha um pouco de calma, a depressão integra partes de alegria, a vontade de desistir rompe o crepúsculo do desejo. O primeiro passo é trêmulo e inquieto. O silêncio das horas, - vasto, oprimido, implacável - logo é atropelado pelo burburinho do chão que ladrilha aquelas concepções enraizadas e adentra nas avenidas dos hábitos e maus costumes. Lis'Arauta está farta de uma "má consciência"¹ que insiste em domesticar o corpo e limitar sua relação com o mundo. Escuta de Grós²: "o corpo se vinga de uma série de graves mal-entendidos". O corpo é um texto escrito, inúmeras vezes reescrito, e ainda não escrito do si mesmo. Lis'Anda começa sua jornada nos paralelepíedros dos pensamentos que caminham ao sair da caixa de Pandora e adentram nos recôn-

1 Nietzsche (2009, p. 67) disse em Genealogia da Moral: "Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade e da paz."

2 GRÓS, Frédéric (2021, p. 22). Caminhar, uma filosofia.

ditos das metamorfoses. Ela se põe a andar sem cessar longe das iluminadas razões, para entender com a integridade de suas pulsões que se faziam travessia em seu corpo como doces travessuras. Ainda que pés latejem, percorre porões de memória empoeirados pelas desilusões e, atravessava o cômodo inviolável das canções que lhe agitam em partículas de afetos. Os afetos não dormem, eles sonham. Ela quer ouvir os fantasmas mais sombrios da Educação e atravessar pelo meio-fio dos acontecimentos com o gosto livre dos passos incertos. Aquele véu que lhe governava a alma por metafísicas, faz da queda um estrondo em seu coração. Então, a cerração que pulveriza suas dores, precipita uma chuva de amores esquecidos e toma pra si, o desafio de fazer de suas eiras e beiras um novo modo de caminhar. No divã de uma vida que engole mais doses de sana idade que de docilidade, mastiga de vagar pelas ruas abandonadas de si e torna seus ossos fósseis mais fortes nos passos mais largos ao pôr do sol, enquanto a noite não vem. A lentidão lhe pecha e torna o tempo a dura ação da angústia e da salivação que expande seus movimentos andarilhos. Doces sentidos sobem pelo seu ventre e fertilizam um espírito livre no vórtice da trilha ÉTICA das escutas, vozes que experimenta como bons encontros, onde “tudo que acontece é sempre um começo”³: A Ética requerida não pode ser vendida nas prateleiras das ilusões de pertencimento, pois exige uma prática que escape da servidão a cada singularidade. Lis’Alma quer abraçar o buraco negro de seu vazio, para dele, desdobrar possibilidades de seu existir. Quer tocar a pele do medo para dele colher coragem. Quer caminhar por uma ação afirmativa, que exija desacomodar dos mesmos jardins. Passa a entender o que Spinoza lhe diz: “a satisfação consigo mesmo pode surgir da razão; e só a satisfação que surge da

3 RILKE (2013, p; 50). Cartas a um jovem poeta [carta de 23 de dezembro de 1903].

razão é a maior que pode existir”⁴ e, dela advém uma alegria e disposição para agir. Quer continuar a ouvir os afetos em travessia que acionam o ato de pensar, pois pensar é sentir (Spinoza), sentir é criar (Pessoa), criar é resistir (Deleuze), resistir é transvalorar (Nietzsche), transvalorar é um gesto de franco falar (Foucault). Falar é assumir modos outros na espiral da própria Saúde, pois “quando as palavras morrem, irremediavelmente, os homens adoecem”⁵. A ousadia da Travessia faz-se grafias em multiplicidade para que suas chamadas não se tornem frio esgotamento. Lis’Arqueia repetições que desenham a rostificação de alunos com subjetivas urgências e com professores cansados de insurgências. No entanto, de algumas formas, percebe que eles são capazes de artistar suas máscaras de espanto com a vida, assim como também, podem depreender daí, passos com sabor de confiança. Lis’Artista tenta pintar as diferenças por entre as bibliotecas das verdades, em regimes de degustar menos soluções prontas e mais saborear as perguntas. Ainda é um esboço, aberto às brechas das imperfeições. Lis’Água transborda na liquefação dos dias para encontrar Lis’Anacrônica, a qual quer tiquetaquear nos trajetos dos afetos o tempo necessário para a ruptura de algumas certezas. Não eram os édipos que a ensurdeciam. Não eram os narcisos que a iludiam. Eram as medusas que petrificavam seu olhar. Lis’Afora pensa que a Loucura está nas desarrazoadas práticas de normatividade dos tempos sombrios. É um coletivo de forças que sopram em sua cara a potência que tem o Desejo como verbo contínuo, seiva da vida. Um sopro chamado Drummond lhe sussurra: “Sempre no mesmo engano outro retrato. É sempre nos meus pulos o limite. É sempre nos meus lábios a estampilha. É sempre no meu não aquele trauma. Sempre no meu amor a noite rompe. Sempre dentro de mim meu

4 SPINOZA (2020). *Ética*. [parte IV, proposição 52, escólio].

5 MOREY. Carta a uma princesa, 21 de agosto de 2010.

inimigo. E sempre no meu sempre a mesma ausência”⁶. Ela recupera a própria voz num grito e diz que vontade é coisa estranha, mas que entranha na travessia como uma doce travessura, que de.canta afetos, exige tempo, pede ar.

Cartografias

6 ANDRADE (2012, p. 53). Antologia poética.

**1 afetos pedem
passagem**

Tese: para que serve? Um arquivo morto de uma “mente sem lembranças”? Qual verdade seria possível nos escombros e destroços de uma expedição? Ela encontra-se com Solnit em “a história do caminhar”, a qual lhe diz que, “superar a vontade de andar no próprio ritmo e fazer o tempo render. E, inicialmente, a lentidão acabaria tornando árdua aquela caminhada”⁷. Sente que o tempo veloz do mundo contemporâneo descompassa à morosidade que passou a sentir por dentro. Não foi apenas a prorrogação de um prazo, ou uma pandemia que se atravessou no caminho, mas a forma de ver o mundo como um rasgo. Não lhe cabia adentrar ou sair da Caverna de Platão de um mundo dividido em essências e aparências, sensibilidades e inteligibilidades, afinal, “a ‘aparência’ pertence também à realidade: ela é uma das formas de sua essência”⁸. As coexistências de uma vida em obra, com seus aspectos duros e moles coabitando um mesmo corpo, que por sua vez, faz parte compositiva com outros corpos. Caminha com Nietzsche quando ele lhe diz que o mundo é uma abstração que criamos para suportar a vida, ele não é dedutível de nossos preconceitos, mas sim de um mundo de relações, “observado por um ponto diferente, assume cada vez aspecto novo”⁹. Se há uma vontade de verdade para Foucault que passe por formas de dominação e poder, há também vontades de potência que podem irromper a bolha com suas forças, as quais, para Spinoza, aumentam a capacidade de agir quanto mais se aproximam do Desejo com D maiúsculo. São repetições como reafirmações para si mesma, para não esquecer, ainda que se coloque constantemente em dúvidas sobre os caminhos tomados. Por isso, como em movimentos ritornelos, ela volta

7 SOLNIT (2016, p. 88). A história do caminhar.

8 NIETZSCHE (2017, p. 399). Vontade de Potência.

9 NIETZSCHE (2017, p. 399). Vontade de Potência.

aos volumes reduzidos, “ainda que por pouco tempo; ainda que por pouca coisa a ser vista: é preciso cerca de cinco mil vaga-lumes para produzir uma luz equivalente à uma única vela”¹⁰. Retorna ao seu OBJETIVO: Cartografar linhas de subjetivações e sensibilidades da vida na universidade, para extrair daí, condições de possibilidades de pensar a Clínica em composição com o Cuidado de Si na Travessia dos Afetos, com vistas a uma Saúde Inventiva. A Tese como uma experimentação, é capaz de provocar os sentidos de quem a lê tanto quanto de quem sente pesquisando? Sem generalizações, sem uma fórmula mágica para amputar o sofrimento. Seria essa a Ética em curso? Os ventos spinozianos lhe sussurram: “a ética é um problema de potência, e jamais um problema de dever”¹¹. Os encontros com Pandora lhe causavam, não um dever, mas uma necessidade. Em eterno retorno, necessidade de voltar para escritos e dados de alunos bolsistas da PRAE nos idos da Dissertação de 2016. Necessidade de ampliar o olhar para o corpo docente. O que alegria uma aula? Haja vista que “uma aula reitera menos um conteúdo específico, um saber de ementa, e mais uma matéria e um tema – um tema problemático e uma matéria vital”¹². O suor de quem a protagoniza, escorre pelo corpo que se entrega. Ensinar e aprender caminham lado a lado, de tal modo, que todos uma hora iam acabar se esbarrando naquela Travessia. Lis’Anda se pergunta: Como os atos de uma vida no Castelo dos inSaberes, esculpem o cuidado de si enquanto uma ética; orquestram as im permanências em brechas possíveis; circunscrevem seus afetos em travessia? Um passo dado é testemunha do passo a seguir. Multiplicidades transbordam “linhas que não se reduzem ao trajeto de um ponto, e escapam da estrutura,

10 DIDI-HUBERMAN (2011, p. 52). Sobrevivência dos vaga-lumes.

11 DELEUZE (2019, p. 57). Cursos sobre Spinoza,

12 OLIVEIRA (2012, p. 78). Para dar uma aula escritural. In: CORAZZA (2012).

linhas de fuga, devires”¹³. A cartografia se faz no processo imanente dos elementos heterogêneos que vão surgindo no caminho e isso a faz “imprimir ao devir o caráter do ser – eis a mais alta vontade de potência”¹⁴. Uma espécie de ápice da meditação no incessante retorno que a aproxima do mundo das metamorfoses. A metamorfose é a própria diferença. Uma diferença é capaz de animar nosso corpo, não só pelo gosto do novo, mas pela ruptura do ovo. Não há vida que não se inicie por uma espécie de ovo. Lis’Alada quer dar asas às problematizações que adviram do luto de algumas ilusões, em que a morte faz um nascedouro estudantil que perverte a lógica do bom aluno, do aluno ideal, do bom professor, do professor bom. Eles nascem “quando uma infinidade de partes extensivas são determinadas de fora pelo encontro com outras partes”¹⁵, que estabelecem relações com o que os caracterizam. Enquanto durar o estoque, nasce! Spinoza na voz de Deleuze enuncia que o homem não nasce social, não nasce racional, é um devir. Nessa direção, “estamos completamente à mercê dos encontros, isto é, estamos completamente à mercê das decomposições”¹⁶.

Lis’Arva sente que se transforma de variadas formas. Transformações que acontecem ao longo do tempo e, os ares pelos quais caminha, a afetam sem que se fixe em um modo apenas. Não é a volatilidade das sensações, mas sim, a versatilidade das co.moções em seu corpo. Encontrar as emoções que ocorrem no teatro do corpo, as quais precedem e se relacionam com os sentimentos que ocorrem no teatro da mente, passa a ser, encontrar as sensibilidades que movimentam a singularidade dos sentidos dentro e fora do Castelo, afetos, que nascem de uma e.moção. Damásio lhe intervém: “Espí-

13 DELEUZE; PARNET (1998, p. 36). Diálogos.

14 NIETZSCHE (2017, p. 390). Vontade de Potência.

15 DELEUZE (2019, p. 260). Cursos sobre Spinoza.

16 DELEUZE (2019, p. 90). Cursos sobre Spinoza

nosa recomendava que lutássemos contra emoções negativas com emoções ainda mais fortes mas positivas, conseguidas por meio do raciocínio e do esforço intelectual”¹⁷ Isso a leva indagar, afastando-se de positivities tóxicas ou de negatividades repelidas do contemporâneo, pois diante do nau.frágil estudantil e das preocupações docentes, muitas vezes, os sentimentos não se transformam em expressão ou se expressam sob efeito de afetos tristes quando restam desiludidos. Haveria pelo caminho uma certa ausência de suavidade que “aparece subtendida na norma cada vez mais presente que torna mais pesada uma sociedade que se quer democrática e liberal, mas cuja lógica consumista não permite diferenciar os seres em uma economia que não tem emoção”¹⁸.

A arte de nomear a emoção e torná-la um ato público refletido, uma palavra, uma interação com o outro, é algo nem sempre possível. Alguns comportamentos da emoção não são visíveis a olho nu. Aprendemos por re.pressões civilizatórias¹⁹ que, de algum modo, o choro que grita em nós pode nos fragilizar ou o sorriso para a vida, diante de tantas mazelas, pode negar o infortúnio. Segura o mal-estar e engole tuas obrigações! Se há o medo [de ir à aula, de apresentar um trabalho, de tirar notas insuficientes, de não conseguir se formar, de ter dificuldade de se inserir no mercado de trabalho, de não dar conta de uma tese], também há esperança, de que tais coisas encontrem caminhos no chão das incertezas inerentes à vida. Assim, “a alegria surge por imaginarmos que uma coisa que odiamos é destruída ou afetada de algum mal não surge sem alguma tristeza do ânimo”²⁰. Os afetos estão constantemente em Travessia e atravessam o texto como atravessam o viver. Eles andam em bando

17 DAMÁSIO (2004, p. 20.). Em busca de Espinosa.

18 DUFOURMANTELLE (2020, p.14). Potências da Suavidade.

19 FREUD (2010). O mal-estar na civilização.

20 SPINOZA (2020). Ética. [Parte III, proposição 47, p. 128].

e proliferam-se por contaminação. Alguns trancam o caminho e os passos-palavras não manifestam a fluidez de uma trajetória pré-determinada, mas se misturam, se confundem e deixam o vivente-leitor numa torção do pensamento. “Não é apenas o pensar, a capacidade e ter uma ideia capaz de mover o próprio corpo que define a vida humana, mas também a força de liberar essa ideia, de fazê-la ter uma vida própria, a habilidade e carregá-la em um meio”²¹. Lis’Arte costura no meio das coisas da pesquisa, os afetos.



Customização de afetos²².

Depois do *habeas corpus*, os afetos aprisionados ganharam soltura. Alguns saíram desvairados, outros contidos, outros ainda, deveras sentidos. Haviam aqueles que se infiltravam na alquimia psique e soma, *se fico nervoso meu corpo responde com dor de cabeça e até náuseas*, diz o Discente Mutante. Assim, no rol dos estudos sobre saúde mental na educação superior no País das Armadilhas há afetos deflagrados em mal-estar discente que varia entre 25% a 58%, encontrando-se como principais sintomas os níveis de estresse, distúrbios psicossomáticos, irritabilidade, fadiga, depressão, dependência química, fobias, insônia, isolamento, sendo os cursos das Ciências Humanas e da Saúde os mais afetados, embora os mais explorados em termos de pesquisa, e, no limite, a eclosão da evasão²³. A Educação abre as portas para estudantes que se deslocam de outras cidades, que trabalham, e que desferem fraco vínculo institucional, seja por questões

21 COCCIA (2010, p. 48). A vida sensível.

22 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtAJ1eDALSM/?igshid=MzRIOD-BiNWFIZA==>

23 ANDRADE *et al.* (2016).

macropolíticas, seja por questões singulares, tais como “a falta de base do aluno pode levar a reprovações sucessivas em determinadas disciplinas, e muitas vezes, ao abandono do curso”²⁴, o que é evidenciado na área das Ciências Exatas.

Fernando Pessoa então anuncia: “o sentimento abre as portas da prisão com que o pensamento fecha a alma”²⁵. Uma travessia de afetos. “O afeto é uma ideia clara em exercício, uma inteligência superior, uma lucidez em devir”²⁶. Desnudar-se parece à Lis’Andarilha o melhor jeito para encontrar os docentes e os alunos em meio à investigação. Sem expectativas, sem julgamentos, e, um pouco sem memória. Flutuante atenção de cartógrafa, lhe intervém Kastrup²⁷. O funcionamento dessa atenção envolve um trabalho de concentração mas sem uma focalização. Trata-se de um olhar clínico aberto ao inesperado, o qual opera com uma variação contínua; abarca uma construção tátil de fragmentos daquilo que a pesquisadora sente-se tocada por força de afetação; efetua-se também por um momento de decantação dos sentidos. É aí o momento em que há uma percepção dos limites engendrados no e pelo campo cartográfico, como num zoom sobre janelas e suas mobilidades, donde “cada janela cria um mundo e cada uma exclui momentaneamente as outras, embora outros mundos continuem copresentes”²⁸; sendo pois, o reconhecimento, um gesto necessário para calibrar a atenção, colocando-a novamente em suspensão.

Ficar frente a frente com o percurso daquele Discente Mutante; ficar frente a frente com a Aluna Brilhante, que agora se transforma em outros personagens, é como ficar cara a cara consigo mesma.

24 . ADACHI (2009, p. 31).

25 PESSOA (2019, p. 141). O poeta para além de sua poesia.

26 SCHIAVON (2019, p. 274). Pragmatismo pulsional: Clínica Psicanalítica.

27 KASTRUP (2014). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.

28 KASTRUP (2014, p. 44). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo.

Porque o que os encontros produzem são uma espécie de *clinamen*²⁹, um desvio para dar passagem ao heterogêneo, ao paradoxal, átomos que caem e colidem provocando uma certa revolução. “Por quê?, é a questão do dentro, a questão do eu: pois, se o povo falta, se ele se estilhaça em minorias, sou eu que sou primeiro um povo, o povo de meus átomos”³⁰. A *möebius*, invariavelmente, retorna ao seu pensamento e por isso fica mais forte falar de corpo e desejo, pulsão e linguagem, de formas inseparáveis e espalhadas pelo corpo do texto em seus graus de repetição e variação, tal como a fita da vida no Castelo dos Saberes, a qual andarilhos contam de seus apolíneos e dionisíacos modos de existir. Um fora que se dobra como o forro de um casaco dentro de si. Um dentro que se abre para as experiências.

Ficar frente a frente com o Professor, que agora vira personagens-docências, é, para Lis’Analítica, como caminhar por lugares ocupados pela docência. Habitar uma fatia de tempo naquela terra incognoscível, na qual é preciso adentrar para se perder e se perder para ir ao encontro do desconhecido³¹, tal como vivemos à época do Contágio. Portanto, ficar cara a cara diante de singulares docências, cartografa o desafio de ouvir a voz de um ofício-professor que busca respostas naquele encontro, e, “todo ofício, mesmo tendo uma base de ouro, tem também sobre si um teto de chumbo, que pressiona e comprime a alma até que ela fique estranha e torta”³². Respostas fechadas fatalmente desenhariam linhas hegemônicas em uma vida

29 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 26). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5, 2012. Os autores elucidam que “clinamen com o ângulo mínimo, só tem sentido entre uma reta e uma curva, a curva e sua tangente, e constitui a curvatura principal do movimento do átomo. O clinâmen é o ângulo mínimo pelo qual o átomo se afasta da reta”.

30 FOUCAULT (2013). O corpo utópico, As heterotopias.

31 No livro “Um Guia sobre el arte de perderse”, Rebecca Solnit (2022, p. 18), cita uma passagem de Henry David Thoreau: “No nos encontramos a nosotros mismos hasta que no estamos perdidos, o em otras palabras, hasta que no perdemos el mundo y podemos reconocer donde estamos y cuál es la infinita extensión de nuestras relaciones”.

32 NIETZSCHE (2012, p. 241). A gaia ciência. [Aforismo 366].

acadêmica composta de linhas muito diversas, enquanto questões em curso podem criar condições para o re-existir. Isso compele Lis'Ávida a transpor dificuldades em coragem, dotar de impulso regenerativo no interior dos corpos e acolher o fora que lhe invade. Os afetos não estão em lugares pré-definidos, eles formam circuitos³³ e se dispõem sobre os corpos educacionais enlaçando-os e abrindo frestas para aquilo que sentem transbordar. Caminha, e, invariavelmente, encontra-se com os afetos. Encontros causam afetos, e assim, é acionado o imaginário nos passos dos alunos, dos professores e a velocidade necessária da Instituição para acompanhar aquilo que é produzido no acontecer das coisas que dão contorno a uma sala de aula. Encontrar esses afetos é achá-los, capturá-los³⁴. Para Lis'Anda, encontrar os afetos é se colocar à prova, é viver o cuidado de si na pele, é se ver implicada enquanto pesquisadora.

1.1 dos encontros nascem personagens

1.1.1 docentes

O primeiro passo foi o convite, por meio da Pró-Reitoria de Ensino, professores interessados puderam participar da Trilha da Loucura. Foram dois momentos presenciais com os docentes, À ocasião das confirmações para o primeiro encontro, 12 docentes confirmaram presença, dos quais 6 comparecem. A metamorfose do Professor em personagens-docências dá-se por meio das forças que emergiram do campo problemático em curso, as quais são roubadas das três transformações de Zaratustra: Docência-camelo, Docência-leão, Docência-criança. As “três metamorfoses do espírito menciono para vós: de como o espírito se torna Camelo, o Camelo

33 SAFATLE (2020). O circuito dos afetos.

34 DELEUZE; GUATTARI (2011). Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia 2. vol. 1.

se torna Leão e o Leão, por fim, criança”³⁵. O Camelo possui força, mas ainda conduz sua vida de modo servil, carregando os valores dos outros colados sob suas costas, em que crenças metafísicas o iludem de sua liberdade e o sofrimento é seu destino para um dia conquistá-la. Talvez a liberdade do Camelo que almeja fugir desse mundo se aproxime com alguns aspectos das subjetivações capitalísticas e das subjetivações fugitivas, mas sem traçar ritornelos. O Leão, nasce da revolta e do cansaço da constante fuga do Camelo, de modo que enquanto este dizia sim ao que o mundo lhe dizia que devia fazer, o Leão resolve dizer não. É um deslocamento seu, para transmutar aqueles valores que o dominavam. No entanto, o faz por oposição, ainda não consegue criar seus próprios valores. É para isso que advém o espírito da criança, o qual não pauta seus valores pelos antigos valores, mas promove uma dança em seu devir, capaz de realizar coisas novas em liberdade.

No primeiro momento, Lis’Anda sugere aos docentes, que falem livremente sobre o que pensam, o que sentem em relação à saúde e à educação dos alunos. Momento em que surgem importantes discussões sobre a vida do aluno, mas sobretudo a implicação que o professor tem nessa dinâmica. À leitura da Carta 67 do estoico Sêneca a Lucílio, “Sobre a doença e resistência ao sofrimento”, emergem forças de afecção. A carta parece ter catalisado expressões acerca do que pensam sobre a vida dos alunos. Um catártico momento que antecede a hora que eles próprios escreveram uma carta ao aluno.

No segundo momento, Lis’Ama novamente traz uma carta, dessa vez a do poeta Rilke, a qual poderá ser ouvida pelo Podcast criado pela pesquisadora a posteriori.

35 NIETZSCHE (2016, p. 37). Assim falava Zaratustra.



Podcast Cartografias: Episódio 1 Tristeza e Solidão³⁶

Antes da leitura, é mostrado os últimos 15 min do filme Vermelho como o céu³⁷, trecho o qual trata potencialmente da temática acerca da relação de um professor com uma turma de alunos cegos. Relação a qual é construída como um modo de encontrar caminhos para a expressão daqueles alunos através da arte. Logo após o vídeo, a leitura da carta e a discussão dos mesmos, há um momento para escutar a música uma palavra³⁸ de Carlos Varela, em que então, escrevem algumas palavras num pequeno inventário. Para finalizar, após poema musicado de Luís Borges sobre a arte da cartografia chamado “Del Rigor de la Ciencia”³⁹ via Spotify, construíram um mapa coletivo sobre os trajetos que sentem que os alunos desenham em suas vidas durante a graduação.



Imagem 1: Encontro com docentes

36 Disponível em: <https://spotify.link/bP2lPjVAZDb>

37 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yvd9R30hNqk>

38 Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4SzeAxQemtMGRIiQc7gNYq?si=b630a0af2f7d4449>

39 Disponível em: <https://spotify.link/asd6K5VCZDb>

Fonte: Autora, 2022.

1.1.2 alunos

O segundo passo torna-se um garimpo. Por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Lis'Ávida vasculha uma lista de excel que demora a chegar por questões éticas da LGPD [Lei Geral de Proteção de Dados]. Alunos bolsistas que estavam a concluir sua graduação naquele semestre de 2022/1, estavam misturados com outros já formados ou evadidos, estavam também com seus nomes duplicados por possuírem mais de uma bolsa na PRAE. Vinte alunos confirmaram presença para a proposta de um encontro em um sábado de julho de 2022. Cinco fizeram-se presentes, e posteriormente, no *Inventário da Travessia dos Afetos*, enviado virtualmente⁴⁰, mais três alunos participaram, totalizando oito integrantes. Lis'Atenta, entende o garimpo como uma ação de cartógrafa. Sem condições ideais, sob o sol forte, procura preciosidades em águas turvas. Garimpar o mundo com olhos de criança e curiosidade. Garimpar uma planilha com lentes de aumento, já tem idade. Cartografar com as retinas que carregam imagens e histórias nas geografias dos afetos. O que o olhar carrega que o corpo já não o carregue? O ato de garimpar aciona uma disposição do olhar. Diz.torção do esqueleto, mexer a cabeça na intenção do alvo. A coluna já pede trégua. Por isso olhar de garimpo. Peneirar as pequenas importâncias da vida, sem perder de seu fundamento. De uma existência ética estudantil, depurar o conteúdo sensível que está para o cuidado; decantar o cuidado que está para o político.

Lis'Atenta percebe que olhar fixo sobre algo revela-se inútil, pois sempre que pudermos ver sob diferentes ângulos, abre cami-

40 Em anexo

nho para mudar de lugar e olhar melhor. Aproximar e distanciar, em movimentos alternados faz deportar olhares pré-concebidos.

Com passos do encontro com alunos formandos/2022/1⁴¹:

1. circular a voz em quais marcas a universidade imprimiu sobre cada um;
2. leitura coletiva da carta de Rilke de 12 de agosto;
3. escrever uma carta ao professor com tudo que gostaria de lhe dizer;
4. breve partilha do que as cartas lhe suscitaram;
5. responder ao Inventário;
6. vídeo de um curta de aluno do cinema da UFPel sobre um menino que inventou seu próprio dicionário;
7. desenhar seu próprio mapa de seus caminhos pela universidade no período de sua formação.

Dessa forma, o Discente Mutante da pesquisa dissertativa de Pandora mantinha seu conatus nesta pesquisa com as Lis'As, perseverando por onde passa, em suas falas e escritos. No entanto, a Aluna Brilhante, face as suas multiplicidades e intensidades dos ditos&escritos, ela passa aqui, por transformações em três personagens. São eles:

-O **Pássaro Azul** tinha feições ambivalentes. Ao mesmo tempo que continha o trágico em si, também assoviava um canto belo de profunda vivacidade. Parecia haver um limiar por vezes perigoso em suas vivências. Seu nome tem inspiração em um poema:

Há um pássaro azul no meu coração
que quer sair
mas eu sou demasiado duro para ele,
e digo, fica aí dentro,

41 materiais utilizados em anexo.

não vou deixar
 ninguém ver-te.
 há um pássaro azul no meu coração
 que quer sair
 mas eu despejo whisky para cima dele
 e inalo fumo de cigarros
 e as putas e os empregados de bar
 e os funcionários da mercearia
 nunca saberão
 que ele se encontra
 lá dentro.
 há um pássaro azul no meu coração
 que quer sair
 mas eu sou demasiado duro para ele,
 e digo, fica escondido,
 queres arruinar-me?
 queres foder-me o
 meu trabalho?
 queres arruinar
 as minhas vendas de livros
 na Europa?
 há um pássaro azul no meu coração
 que quer sair
 mas eu sou demasiado esperto,
 só o deixo sair à noite
 por vezes
 quando todos estão a dormir.
 digo-lhe, eu sei que estás aí,
 por isso
 não estejas triste.
 depois,
 coloco-o de volta,
 mas ele canta um pouco lá dentro,
 não o deixei morrer de todo
 e dormimos juntos
 assim
 com o nosso
 pacto secreto
 e é bom o suficiente
 para fazer um homem chorar,
 mas eu não choro,
 e tu?

Charles Bukowski
 BUKOWSKI, C., The Last Night of the Earth Poems, 1992.

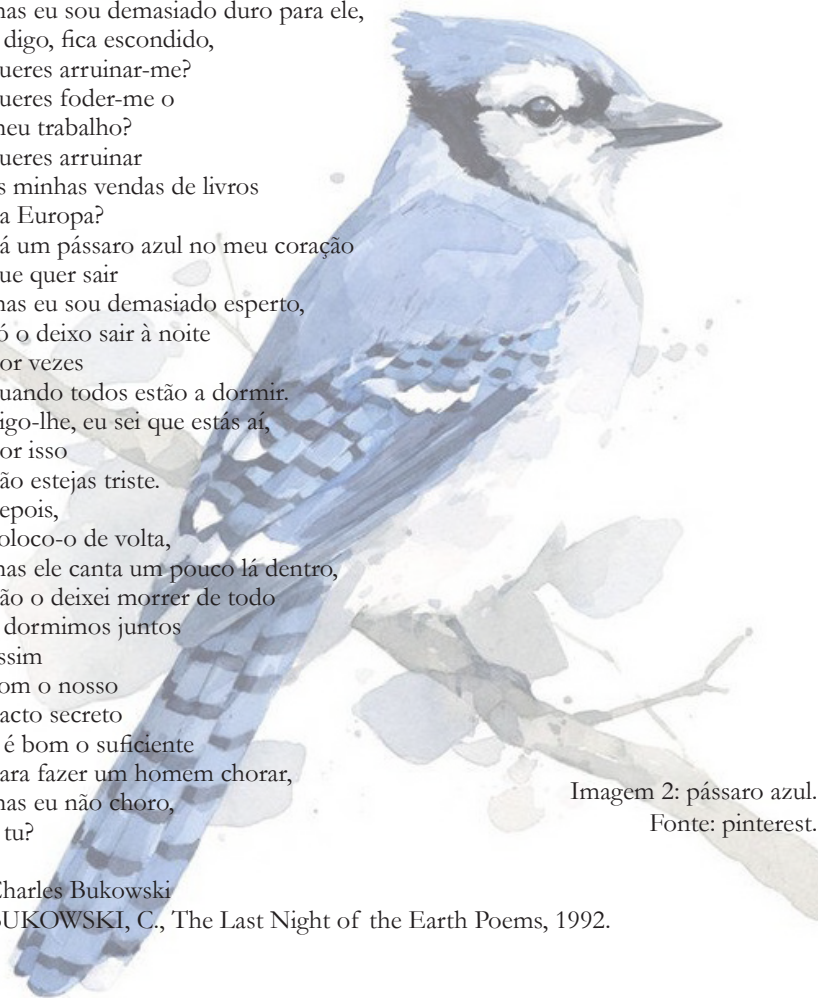


Imagem 2: pássaro azul.
 Fonte: pinterest.

- O Menino-que-carrega-água-viva.

Personagem que agencia o livro Água viva de Clarice Lispector com o poema de Manoel de Barros:

O menino que carregava água na peneira
Tenho um livro sobre águas e meninos.

Gostei mais de um menino que carregava água na peneira.
A mãe disse que carregar água na peneira era o mesmo que roubar um vento e sair correndo com ele para mostrar aos irmãos.

A mãe disse que era o mesmo que catar espinhos na água.
O mesmo que criar peixes no bolso.
O menino era ligado em despropósitos.

Quis montar os alicerces de uma casa sobre orvalhos.
A mãe reparou que o menino gostava mais do vazio, do que do cheio.

Falava que vazios são maiores e até infinitos.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito, porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.
No escrever o menino viu que era capaz de ser noviça, monge ou mendigo ao mesmo tempo.

O menino aprendeu a usar as palavras.

Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.

E começou a fazer peraltagens.
Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios.

Até fez uma pedra dar flor.

A mãe reparava o menino com ternura.

A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!

Você vai carregar água na peneira a vida toda.

Você vai encher os vazios com as suas peraltagens, e algumas pessoas vão te amar por seus despropósitos!

Manoel de Barros.

Exercício de ser criança, 1999.



Imagem 3: água viva

Fonte: pinterest.

Suas experiências estudantis passaram por descobertas de um corpo em transformação, por um olhar em sua ampliação. Esse conceito de personagem que compõe o movimento de levar algo consigo, não por peso, mas por multiplicidade do molusco oceânico, ao mesmo tempo que está viva, a água pode dar o efeito de fluida e que escapa a todo momento, tal como a vida.

- A **Crisálida Negra** era como um clarão na obscuridade dos segundos. A timidez a fazia mudar de cor rapidamente. Por vezes tornava-se tão transparente que sua invisibilidade lhe causava dor e desamparo, outras vezes era o sossego que precisava. Seu nome tem inspiração na série Borboletas Negras, cujo personagem-escritor, descobre no fundo de sua história, segredos inimagináveis, cujo símbolo de metamorfose das borboletas, eram negras por serem raras e por serem capazes de trazer vida ao que se encontrava em petrificação. O negro da noite, o escuro é um tom afetivo que inebria, e resplandece a beleza do cuidado. Contudo, por vezes sofre, devido a suas asas ainda estarem em formação da película fina que lhe envolve, sem proteção.

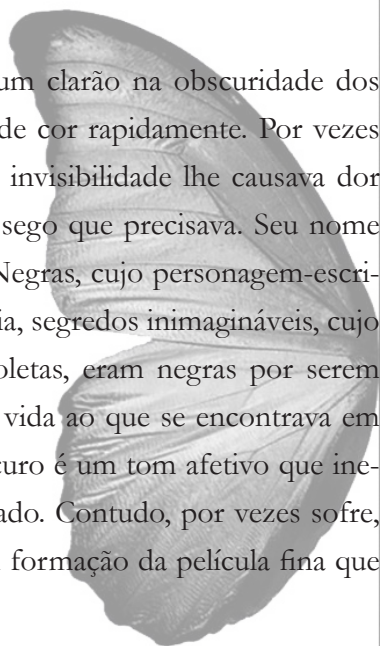


Imagem 4: crisálida.

Fonte: pinterest.

Em um momento inicial após aqueles encontros, Lis'Aranha sente-se irrefletida, como se quisesse seus fios em um varal de sonhos perdidos. Uma “amostra” pequena daria conta de desenhar uma pesquisa? O que a ciência vai dizer? Lembra de uma ideia de percorrer não apenas por alunos em vulnerabilidade social, mas alunos que não precisavam de bolsa para sobreviver. Queria também que houvesse dados quantitativos sobre essa população como um todo. — Seria lindo!!, pensa. Foi quando escutou a voz do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han: a “salvação do belo é salvação do

outro”a⁴².

Respira mais aliviada, ainda que a angústia de um “curto longo caminho”⁴³ estivesse à sua espera. De que adiantaria abraçar o mundo com as pernas se o que a vida pede é a força de uma delicadeza, lhe dizia a carta lida no livro 1. Seus pés já estavam com a casca grossa e seus dedos com calos, sente que suporta o desafio do mudo espanto. Afinal, “às vezes uma revolução acontece por inadvertência. Um efeito de uma extrema suavidade, ligeiramente diferente dos outros momentos, e, no entanto, é a vida que, repentinamente, pega fogo, fica em chamas. Mas é um fogo de uma suavidade inexplicável”⁴⁴. Lis’Acalma temporariamente esse grande voo um dia almejado que ganha outros contornos de chão firmados, pois “o que quer aprender a voar um dia deve desde logo aprender a ter-se de pé, a andar, a correr, a saltar, a trepar e a bailar; não se aprende a voar logo à primeira”⁴⁵. A beleza está nos olhos de quem vê. Não por interpretação, mas pelo que força a pensar. A visão não existe isoladamente dos sentidos. É preciso também refazer o itinerário.

42 HAN (2019, p. 97). A salvação do Belo.

43 BONDER. Alma Imoral [documentário] – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=209kUEgfOnY>

44 DUFOURMANTELLE (2022). Potências da suavidade.

45 NIETZSCHE (2016, p. 201). Assim falava Zarathustra.

2 repetição, desvios e desejo

Se tem algo que a.parece procurado em todos os cantos do Castelo dos Saberes desta pesquisa, esse algo, é o Desejo. Seja pelas tentativas de axiomatizar os fluxos desejantes, seja pelas fendas que ele insistente em abrir para escapar daquilo que o aprisiona. Afinal, “ele é a própria essência ou natureza de cada um, à medida que ela é concedida como determinada, em virtude de algum estado preciso de cada um, a realizar algo”⁴⁶. Há, portanto, algo que nos estrutura em uma dado território, algo que nos faz deslocar para novos modos existenciais e algo que nos faz retornar, como em timbres ritornelos que fabricam os cordões do desejo em três repetições que se constituem como modos de ligações de nossos afetos, de nossos pensamentos, de nosso corpo.

O ritornelo ajuda Lis’Auréola a pensar o movimento das temporalidades e do desejo passando pelo corpo de quem ensina e de quem aprende, bem como pelo seu próprio corpo, como *subjetivações aberrantes* que os esbarram num ponto movente do mapa. Isso parece nos dizer que “há algo ‘forte demais’ na vida, intenso demais, que só podemos viver no limite de nós mesmos”⁴⁷. Ocupar um território educacional não é fixarmo-nos ali, conclama a nos ocuparmos com a caminhada ela mesma. Andar, andar, até andar diferente. Nas paisagens que nos habitam em meio à vida universitária, se olharmos com outros olhos, perceberemos uma íntima relação entre o tempo e o caminhar. Velocidades nos alcançam e alguns acontecimentos retidos em nosso corpo se repetem por hábito, por memória, por eterno retorno⁴⁸. Não raras vezes evitamos atravessar a vida a pé e sentimos medo de demorar nas linhas que escrevemos sem saber estarmos perdidos, perdidos naquilo que os outros esperam de

46 SPINOZA (2020). Ética, [parte III, prop. 56, p. 136].

47 LAPOUJADE (2015, p. 23). Deleuze, os movimentos aberrantes.

48 LAPOUJADE (2015). Deleuze, os movimentos aberrantes.

nós, como nas *subjetivações capitalísticas*. Tecnologias nos rodam e nos rondam em assombro e caminham por nós já que estamos apressados demais pelos prazos, cansados pela sobrecarga, *à flor da pele* demais para tamanho esforço. Sedentários da capacidade de criar nosso próprio tempo de ensinar, de aprender e de compreender, com a alma roubada pelas velozes trilhas dos desígnios educacionais reprodutivos, o mundo se atualiza apenas enquanto espectro de algo fora a nós mesmos, como uma causa exterior e, portanto, inadequada, diria Spinoza. Sequer ousamos ficar um pouco mais no tempo para sentir o gosto que o tempo tem. O caminho por vezes parece desaparecer e findar insípido. E essas observações só faziam Lis'Anda afirmar o caminhar naquele lugar. Ela percebe que, quando ousamos andar pelas ruas da cidade, sentimos a lentidão do aroma do tempo se debruçar sobre notas de inVENTOs afetivos que fazem suar em dias de sol, misturadas com o terroso petricor dos dias de chuva. Alagadas, não ficam só as ruas nos campus universitários, as repetições no tempo também transbordam. O tempo é recuperado pela liberdade do que podemos pensar no trajeto até o Castelo, nos rizomas percorridos ou no percurso de volta para casa. Fazemos mapa com as experiências que se cruzam, onde o destino é o próprio movimento, ainda que o movimento continue sempre em outro lugar e o tempo se anuncie: — Presente! Ela quer escutar as melodias das horas ligeiras passando e deseja que o tempo dure só até a próxima música. Só mais alguns passos para recomeçar. O caminhar reverbera pequenos intervalos que dão passagem ao ar, enquanto a aceleração é a “tentativa de recuperar o domínio perdido sobre o tempo a partir de uma mobilização existencial do si-próprio”⁴⁹.

Paciência também faz caminho, não espera de pernas cruzadas, mas faz da felicidade pela pausa saborosa de um café de ca-

49 HAN (2016, p. 82). O aroma do tempo: em ensaio filosófico sobre a Arte da Demora.

nela na Cantina do Anglo, de uma conversa gostosa nas ruazinhas que perfazem labirintos no *campus* Capão do Leão -, a liberação da contingência do tempo. Afinal, “para variar as relações entre os elementos do pensamento, é preciso repetir, repetir ligações sem modelo definido a priori, tal é a razão contingente”⁵⁰. A arte está em caminhar lentamente rápido para alcançar o aromático sossego de encontrar a si, a cada vez, em inquieta ação.

Aquilo que se repete nos estudos sobre a saúde mental dos universitários, nos ditos&escritos de professores e alunos desta Tese, e alguns rastros da Dissertação⁵¹ na figura de Pandora e Discente Mutante, expressa uma reverberação que se repete para dar força; se repete para se diferenciar; se repete para dar corpo ao corpo-sensível-do-arquivo da pesquisa, como um “jogo de forças e ondas uno e múltiplo simultaneamente acumulando-se aqui, enquanto se reduz ali, um mar de forças agitadas que provocam sua própria tempestade, transformando-se eternamente num eterno vaivém.”⁵² Não é preciso acionar uma falta para entender o empuxo desejante, é antes, uma afirmação da diferença pela força da repetição. Escreve o psicanalista Joel Birman em um dos capítulos do belíssimo livro dedicado à Gilles Deleuze: uma vida filosófica, que “a repetição diferencial implica o excesso pulsional que funda a possibilidade da diferença subjetiva e da singularidade”⁵³. Nessa direção, Lis’Avista os comportamentos estudantis deflagrando suas circulares vias de articulação, - algumas vezes com a vida [ainda que capturados por modos de existência que os sufoquem, conseguem abrir fendas para respirar]; outras vezes com a morte [quando não há prudência, e o

50 DAVID-MÉNARD (2007, p. 20). Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud. Discurso.

51 OSORIO (2016).

52 NIETZSCHE (2017). Vontade de Potência. [§385, p. 488].

53 BIRMAN (2000, p. 474).

estudante lança mão de medidas que são reativas e que diminuem sua potência de agir consoante com seu Desejo].

Algumas repetições aparecem sob a forma de HÁBITO, o qual seria uma primeira síntese disjuntiva que se efetua em um estudante-lavrário pela soma das contradições, retenções e esperas. O hábito pode, para alguns, aparecer desgastado pela rotina, para outros, emergir potencializado pela invenção. Se o que caracteriza o presente é o hábito “que constitui solo movente do tempo”⁵⁴ em que a repetição de um ato conduzido pela pulsão -, aciona uma perseveração das coisas em nosso ser para existirmos o máximo possível. Se perseverar faz repetirmo-nos, e a repetição conserva algo em nós, é porque, a cada vez, a experiência mesma da repetição produz efeitos sobre nosso corpo. É como se os agentes em educação precisassem fazer algo permanecer em meio à vida acadêmica para não sentirem perder as estribeiras e conseguirem continuar sua caminhada ali.

A temporalidade do desejo não acorrenta apenas um presente, pois somos também aquilo que se repete em nós como MEMÓRIA, tanto aquela que se recompõe em outro tempo e atualiza os sentidos [imagem de uma PLURIversidade], como aquela que se fixa numa imagem do passado [imagem de um UNIversidade]. Lis’Anda cartografa a memória como uma construção. Um labiríntico tempo dos acontecimentos dos encontros, dos seus diários de bordo em um processo de análise cartográfica em que a memória é matéria viva do presente de um registro sensível no corpo que se traduz por uma sensação. Não se trata de restituição de imagens, mas fazer do pensamento sem imagem uma ficção que insurge em multiplicidade. Uma memória em que coabitam fluxos temporais de um passado futuro imanente. Caminhar, repetir [velhos-novos] trajetos, recordar

54 LAPOUJADE (2015, p. 69).

afetos, re.criar devires, - é encontrar a saúde do tempo.

Algumas vezes repetimos por medo de lembrar um passado ou desejo de revivê-lo, mas nunca é o mesmo fragmento. Não lembrar de alguns fantasmas, não quer dizer que eles não existam. Eles continuam a existir num tempo virtual à espera da fantasia de um reencontro. O suposto esquecimento é uma forma de acessar aquela memória gravada no coração do passado que insiste em abrir as portas por meio da repetição. A compulsão por repetir, para além de um princípio de prazer, solicita um outro jeito de recordar. Um impulso que se perfaz nas diferentes relações onde o afeto primário das vivências venha a encontrar conexão. Não basta repetir por si só, a repetição em si mesma dificulta a ação do pensamento. Então é preciso depurar da lembrança uma singularidade, e num movimento nem sempre fácil, de recordar-repetir-elaborar diria Freud⁵⁵, para daí, tramar novas relações. Se a repetição pode ser capaz de dar lugar à memória que se atualiza, então ela encontrará lugar de expressão e, ainda que tenha sido outrora reprimida, a coragem de verbalizar para outrem na medida em que se ouve, abre frestas para a elaboração, mesmo numa ambiência educacional e seus limites. Outras vezes repetimos na emergência de uma sensação de asfixia, como se a falta de ar nos impulsionasse para outros territórios, em busca de oxigênio. A desterritorialização provocada por esse movimento de submergir às lembranças leva nosso desejo a ser produzido. Ainda que doa, ainda que piore temporariamente, mas com reconciliação. Naquele instante com as docências e com os alunos, havia uma força que se afirma em Lis'Alma. Ela pensa que instante é coisa engraçada. Ele passa e quando passa, já passou e já não resta. Ele se finda. Ele está sempre sendo agora, lhe situava Clarice com seu “instante-já” de seu personagem impessoal “it”. Cartografar o instante daqueles

55 FREUD [1914], 2010.

encontros torna-se missão estranha. Mas ainda assim, Lis'Analógica o busca. O de ontem, o de hoje, o de amanhã. Mistura de tempos em tempos que servem de bússola para não esquecer porque está ali, afastada temporariamente daquele Castelo, porque jaz sempre pelas ruas de um outro não-lugar, sobretudo para lembrar do dia que irá retornar. Afinal, “a vida tem memória, hábito, repetição”⁵⁶ em atividades que marcam uma recomposição contínua.

Uma caminhada que traz desconforto e cansaço em que “o milagre não é ficarmos felizes apesar disso, mas graças a isso”⁵⁷. Logo Lis'Andarilha por aquelas repetições que desfolham as camadas do ETERNO RETORNO, cadenciando as experiências em possibilidades de desvio pelas transmutações. É um desejo que assombra a repetição, um Desejo que se veste de Vontade de Potência. Assim, a Repetição nunca mais seria a mesma. Ela queria sair do Mesmo e entrar em variações do tempo, pois “é este o liame fundamental entre o eterno retorno e a vontade de potência. Um não pode ser dito a não ser do outro. A vontade de potência é o mundo cintilante das metamorfoses, das intensidades comunicantes, das diferenças, dos sopros, insinuações e expirações”⁵⁸. Lis'Anda passa por trajetatividades que estão constantemente revisitando as paisagens emocionais daqueles personagens. Alguns caminhos precisam ser cruzados, de novo e de novo, até que encontre a possibilidade de bifurcação. Ela assume sua repetitividade à caminho de uma des-construção de algo que se passa pelo campo dos afetos minados. Se caminhos já conhecidos levam ao despertar das recordações, o circuito da vida educacional precisa de seu próprio tempo, o qual não se mede entre instante e duração, mas precisa de tempo ao pro-

56 SAFATLE (2020, p. 304). O circuito dos afetos.

57 GRÓS (2021, p. 15). Caminhar, uma filosofia.

58 DELEUZE (2000, p. 392). Diferença e Repetição.

cesso de escavação de si [e do outro], camada a camada, contornando-se em solos psicanalíticos de ressignificação, assentando-se em solos filosóficos de criação. Lis'Afirma a composição das diferenças, em suas formas de contradição e inovação, para delas conseguir enxergar as fulgurações que transforme a travessia da palavra dos ditos&escritos, uma transvalorização do modo cartesiano, quando professores e estudantes lhe dizem de algum modo assim: Escrevo, logo recordo!; Digo, logo existo!; Penso, logo transformo!; Lis'Ainda percebe que as subjetivações estudantis trafegam por diferentes desvios, uma vez que “a repetição nunca se explica pela forma de identidade no conceito nem pelo semelhante na representação”⁵⁹. O labirinto pelo qual adentram no Castelo das Repetições, não é tanto o das fantasias não realizadas que latejam na epiderme dos passos para traçar novos rumos, é muito mais o da arte de atualizar um saber de si, em que “nunca haverá falta ou vazio se o critério for o da abertura, enquanto potência da vida (e do tempo)”⁶⁰. Ao menos aposta nisso, ao olhar para o território existencial a ser construído pelo Desejo, pois desejar “é construir um agenciamento, construir um conjunto”, lhe diz Deleuze em *O Abecedário*⁶¹.

Lis'Aranha percebe então que no caminhar a repetição é uma trama. A teia vai se formando entre o vivido, a resiliência, a resistência resistida e a lutada; suas linhas finas e delicadas vão bordando uma rede de relações. Entre os estudantes, as relações que mais se evidenciam são relações com o **Tempo**⁶² [dedicação exclusiva à universidade, aprendizados, vida], com o **Acolhimento**⁶³ [diálogos, afe-

59 DELEUZE (2000, p. 359). Diferença e Repetição

60 SCHIAVON (2019, p. 270).

61 DELEUZE; PARNET (1997). L' Abécédaire de Gilles Deleuze.

62 Nos ditos&escritos dos participantes da Tese, há ocorrência de 25 vezes a palavra “tempo”, sobretudo entre os formandos. .

63 Ocorrência de 09 vezes a palavra “acolhimento” [ditos&escritos]. .

tividades], com as **flexibilizações**⁶⁴ [do tempo, das normas], com a **Solidão**⁶⁵ [relacionamentos, encontros, o si, o outro], com a **Bolsa**⁶⁶ [questões econômicas, políticas e existenciais]. Entre os docentes, ficam mais ressaltadas as relações com o **Conhecimento**⁶⁷ [saber, conteúdos, práticas em suas conexões com as teorias]; com a **Preocupação**⁶⁸ [modos de estudar e aprender, demandas subjetivas]; com a **Presença** [frequência, participação, colaboração, corpo], com a **Diversidade** [diferenças culturais e sociais que se apresentam no modo de se relacionar com o ‘conhecimento’]. O devir-aranha, aqui, comparece na superfície esgarçada dos **Deveres**, rendados fio a fio das horas esquecidas de si, sobre os entulhos das velhas formas de viver, criando novas conexões com a **Experiência**, uma vez que “a experiência não diz de nós, ela se diz das coisas em relação”⁶⁹. Escuta um NÃO lá de longe. Era Nietzsche lhe adivindo: “Não! A vida não me desiludiu! A cada ano que passa eu a sinto mais verdadeira, mais desejável e misteriosa – desde aquele dia em que veio a mim o grande liberador, o pensamento de que a vida poderia ser uma experiência de quem busca conhecer – e não um dever, uma fatalidade, uma trapaça!”⁷⁰. Fios emaranhados em contradições. O que insiste em retornar está além do não dito ou do interdito por barreiras

64 Há 06 momentos pelos quais os participantes fazem menção à “flexibilidade” nas relações na universidade.

65 Ocorrência de 09 vezes a palavra “solidão” [ditos&escritos], sem considerar as respostas do Inventário relacionadas ao apoio social que constam na figura X do Livro 1, onde quase todos respondem sentir solidão em variados graus.

66 Ocorrência de 13 vezes a palavra “bolsa”, sem considerar as respostas específicas para as bolsas no Inventário da Travessia dos Afetos.

67 Idem, com a ocorrência de 13 vezes da palavra conhecimento.

68 Idem, com menção à palavra preocupação em 10 momentos, excetuando-se as sete ocorrências nas respostas específicas à pergunta: “Possui preocupações?”, como evidenciado na Figura X do livro 1.

69 LAPOUJADE (2000, p. 271). Do campo transcendental ao nomadismo operário [William James].

70 NIETZSCHE (2012, p. 190-191). A gaia ciência, [aforismo 324].

protetoras daquilo que aprisiona a Educação em obrigações.

Ultrapassar as obrigações, [de uma aula ministrada, de um “bom” desempenho], as quais são, muitas vezes, dirigidas mais como um gozo de missão cumprida do que como afirmação do próprio processo de criação da vida, - é perceber que “caminhar é uma maneira de garantir um baluarte contra essa erosão da mente, do corpo, da paisagem e da cidade, e todo andarilho é um guarda fazendo ronda para proteger o inefável”⁷¹, Escavar uma suavidade acadêmica que “arrisca fora das normas, das obrigações e dos julgamentos impostos”⁷² uma obra da vida que não se obriga, pois ela é própria aquilo que nos permite ouvir o estranho em nós. O inefável, ou uma espécie de estranho inquietante descrito por Freud⁷³, pelas suas forças inconscientes que se anunciam na superfície da subjetividade humana, ganham caminho pelo in.determinado “preditor” das im.permanências estudantis, ganham atalhos para a des.aprovação acadêmica como pré-ditadora dos que ficam na universidade até a conclusão de suas formata.ções. Nas palavras de Ernani Chaves: “aquilo que insistimos chamar de ‘realidade’ é o que nos é mais ‘infamiliar’ – ao seu extremo”⁷⁴. Quando morrem os ideais de uma universidade que dê conta de todas as demandas sociais, materiais e afetivas de quem se encontra nela, torna-se possível conhecer mais de perto, que o conhecimento seguro sobre as coisas, estava ali, junto com os que foram enterrados, e que, o mais íntimo, o mais supostamente familiar, era simultaneamente um estranho inquietante, afinal para que servem as utopias senão para continuar caminhando⁷⁵. Se

71 SOLNIT (2016, p. 32). A história do caminhar.

72 DUFOURMANTELLE (2022, p. 94).

73 FREUD (2021). O infamiliar e outros escritos.

74 CHAVES (2021). Perde-se em algo que parece plano (ensaios). No trecho citado da página 158, o autor refere-se à “verdade” freudiana que o surrealismo expressou.

75 GALEANO (2014.)

“o que é familiar é conhecido”, erramos ao pensar que ele vem de nossa interioridade, pois ele “é o habitual e o habitual é o mais difícil de conhecer”⁷⁶. Assim, Lis’Agaia escuta do filósofo, que na origem do que entendemos por conhecimento, acostumamo-nos a considerá-lo presente quando re-conhecemos algo já visto antes. Há, aí, algo que nos habituamos e não mais admiramos de nosso cotidiano, e assim, o tornamos familiar para não mais sofrermos de inquietação. Quando se torna maior o domínio das plataformas digitais pelo momento pandêmico, quando as regras e os percursos tornam-se sabidos pelos estudantes calouros, há algo que se controla, mas sempre há também, algo que ainda não se sabe. De tal modo que algum enigma estaria sempre por irromper o pensamento mostrando que o ato de conhecer não é localizável. Lis’Andarilha pelos campus novamente por meio dos mapas de Pandora e alguma coisa re.volta e se transforma. Movimentos descontínuos que palavreiam e fazem da duração rastros de intensidade. É pela via da invenção, no chão da repetição, nos semáforos do eterno retorno, - que algo se diferencia, que algo dá passagem a uma existência outra para se vestir.

Lis’Aranha, vestindo fios do conhecimento como afeto mais potente entre os fios de seda spinozistas, percebe que, o que quer que um professor deseje, o que quer que um estudante deseje, a cartografia não conseguiria dimensionar seus espaços, mas talvez, diagramaria sob alguns aspectos imanentes da vida, as partículas de sensibilidade de seus silêncios e de suas vozes. Sensibilidade que, por vezes, fica anestesiada pela repetição e, outras vezes, encontra na repetição a razão para existir. Lis’Atenta para os alunos que repetem as disciplinas, repetem percursos ao precisarem de um tempo maior para sua graduação, repetem as faltas, fartam-se de mesmos conteúdos que professores precisam repetir. O cotidiano que funda

76 NIETZSCHE (2012, p. 224). A gaia ciência, 2012, [aforismo 355].

a vida orgânica, pede traços maquínicos de outras texturas. O que falta [professores em alguns cursos, diálogos, humanidade, aluno atento, pensamento crítico], o que se encontra em excesso [a bolha-universidade que protege, aluno apático, professor autoritário] - tramam uma teia lavrando uma diferença. A diferença em si mesma é uma afirmação da vida. Andar em círculos e romper os ciclos, perfaz modos costumeiros e criam fissuras nas paredes educacionais solidamente construídas até então. Na medida em que, para os docentes, o tempo de preparar uma aula não está na previsão do tempo, temporais de angustias furam o habitual. Na medida em que, o aluno não chega na aula à tempo, atrasou-se para pegar o ônibus porque o colega de quarto fez barulho a noite toda e não conseguiu dormir, e ao pegar no sono não escuta o despertador, ganha “infrequência” na chamada. A aula precisava alcançar doses de anacronismo, cortes lacanianos, nas variações de uma devoradora velocidade no lento processo de aprender até o último minuto, criando espaço para o corpo transitar seu pensamento. No arroio da vida universitária escoavam as ladainhas das *subjetivações-ritornelo: colocam coisa demais em tempo de menos; a quantidade e densidade em muito pouco tempo...* A repetição dos termos nos registros investigativos, impõe-se à Lis’Anelo e, percorre o tempo onde “tudo é necessário, seja pela essência seja pela causa: a necessidade é a única afecção do ser, a única modalidade”⁷⁷. Seria necessário entender que o peso do tempo em sua escassez para os estudantes deflagraria os modos como se vinculam ao que é preciso ser feito? A solução estaria em expandir o tempo ou tornar as atividades menores e mais velozes? O que querem? É o que estava na *subjetivação presa no futuro*. O tempo finito e temporal frustram o desejo, eis que “o esforço pelo qual cada coisa se esforça por perseverar em seu ser não envolve nenhum tempo finito, mas

77 DELEUZE (2017, p. 41). Espinosa e o problema de expressão.

tempo indefinido”⁷⁸, de tal modo que, afirmar um desejo implica sua potência para durar, o *quantum* de forças de perseverança. Quanto mais o tempo se repetia, mais imprimia sua força de diferenciação.

Transvalorar cada repetição seria como tomar “a vida como meio do conhecimento’ com esse princípio no coração se pode viver não somente com bravura, mas ainda viver alegremente e rir de felicidade!”⁷⁹ Se o Conhecimento a que se busca nesta pesquisa não é o de armazenamento nos *HDs* humanos para um desempenho acadêmico realizar, ele se aliciaria a uma verdade sobre o si mesmo que se liberte de purismos e encontre pura aliança com o devir. No entanto, havia um poço no pátio oeste do Castelo dos InSaberres que encontrava-se seco. A sede de “conhecimento” bebeu toda sua fonte e esvaziou-se de Sentidos⁸⁰. No caminho das ilusões algumas subjetivações acreditavam no mundo imaginário de um tempo preso no futuro. *Quando me formar, vou ter vida*, disse o estudante; *se você se responsabilizar por suas ações terá mais sabedoria*, vocifera Docência-leão. Havia uma potência, ainda que enfraquecida, nesses fragmentos, mas as lágrimas sequestradas pelas correntes iluministas haveriam de retornar no chão das salas de aulas. Ainda que “os pensamentos mais profundos e mais preciosos para nós são aqueles pelos quais lamentamos carecer de lágrimas”⁸¹, eram elas que trariam a alegria de volta ao diálogo. O Menino-que-carrega-água-viva sentia acolhimento na própria ambiência do Centro de Letras, onde menciona: *sentia-me em um local de refúgio, onde poderia me reconhecer e ser aceito na minha totalidade, sem julgamento em relação a minha sexualidade e a minha expressão*. Esse encontro consigo, na composição com o mundo dentro do Castelo,

78 SPINOZA (2020, p. 105). ÉTICA, [Parte III, prop. 8].

79 NIETZSCHE (2012, p. 191). A gaia ciência, 2012, [aforismo 324].

80 Sentidos, não como direção ou significado, mas como aquilo que se sente por meio do corpo.

81 CIORAN (2014), p. 46). O livro das ilusões.

tem a força de fazer uma torção daquilo que parecia ser o bendito raciocínio clínico que a Docência-camelo tanto dizia, tensionado também algo sobre os projetos de pesquisa, palestras e encontros com profissionais do ramo que fizeram Crisálida Negra persistir nos estudos. Torções e tensionamentos que são capazes de colocar em suspeita o suor provocado pelo esforço [conatus] que a Educação vem fazendo para abrir suas vagas pelas políticas afirmativas e para abrir suas telas em virtude do Contágio, pois suas portas, depois da evasão por conta da crise geral que o vírus da tristeza causou, - vem transbordando em lágrimas para se refazer a cada novo passo. As lágrimas que a Educação represa precisariam jorrar suas frustrações, pois “as coisas que entram na esfera de nossa admiração ou de nossa tristeza só permanecem nela porque não as sacrificamos ou abençoamos com nossos adeuses líquidos”⁸². Evitar a frustração seria não esperar o prazer de um aluno articular teoria e prática, não esperar a riqueza por concluir uma graduação, uma vez que a esperança é uma alegria instável que depende de uma variação do desejo? A frustração é algo realmente evitável naquela curta longa travessia? Não estaria a esperança fazendo suas tramas aracnídeas à confiança em si, no outro, no mundo? Uma aposta na caminhada. Os des-caminhos das lágrimas poderiam levá-la ao Desejo? É o que Lis’Amanos estudantes que afina um outro rito e elo quando a maioria deles, nesta Tese, entraram em cursos que não eram sua primeira opção, porém, alguma composição com o curso de segunda opção acabou sendo orquestrada por eles. De tal modo que “a preocupação com a subsistência” se impõe sob uma “liberdade aparente de escolher eles próprios esse papel, enquanto para a maioria ele é escolhido”⁸³. Spinoza poderia dizer que uma causa exterior lhe determinou e isso

82 CIORAN (1989, p. 21). Breviário de decomposição.

83 NIE/TZSCHE (2012, p. 225). A gaia ciência, [aforismo 356].

o torna escravo de si, enquanto Nietzsche diria que o homem pode desempenhar tão bem esse papel, que faz deste uma arte, “ele torna-se ator”⁸⁴. Logo, poderíamos pensar que eles não tiveram escolha e se acomodaram. Todavia, pelos relatos desses mesmos alunos, há a satisfação com seu desempenho acadêmico e com o curso, apesar das exigências denunciadas. Mas, abdicaram de uma possível reopção, - a qual, nos estudos de Pandora⁸⁵, tinha um índice de 11% entre os bolsistas da PRAE. *O curso foi incrível pra mim*, disse a Crisálida Negra, ainda que sentisse que a área de seu curso “*não é valorizada*” e a “*família dizia para mudar para licenciatura*” (Crisálida Negra afirma a posição de manter o bacharelado onde o curso integral é mais puxado). Tudo isso, parece a travessia dos afetos acontecendo, onde “caminhar é uma maneira de criar mundo e também de estar nele”⁸⁶, reencontrando dispersões da vida, delineando limites, transpondo a Intuição como elemento gerador de força ativa que pode ultrapassar o dever. Nessa direção, Spinoza em sua *Ética*, diz que há um processo que se repete quando “os homens se alegram cada vez que se recordam de um mal já passado ou que se enchem de gáudio ao falar dos perigos de que se salvaram”⁸⁷. É um afeto fundamental acionando o ato de pensar. Passado e presente se misturam e constituem as suas cartografias. E, “um afeto que é paixão deixa de ser paixão quando dele formamos uma ideia clara e distinta”⁸⁸ para então produzir ideias na interação com a mente, produzindo desejo na interação com o corpo.

84 NIETZSCHE (2012, p. 226). *A gaia ciência*, [aforismo 356].

85 OSORIO (2016).

86 SOLNIT (2016, p. 59). *A história do caminhar*.

87 SPINOZA. (2020, p. 129). *ÉTICA*, [Parte III, prop. 47].

88 SPINOZA. (2020, p. 216). *ÉTICA*, [Parte V, prop. 3].

**3 des.caminhos
da diferença**

Se tem algo que habita em todos os cantos rizomáticos do Castelo desta pesquisa, esse algo, é a Diferença. Mas nem todos dão as mãos para ela, e buscam um caminho retilíneo. As bifurcações são inevitáveis e os afetos pedem passagem. Não há molde para artistar a vida em meio às pedagogias universitárias, pois na existência ali, são bordadas diferentes linhas geográficas, em que alunos advêm de todos os lugares; ali, são rebocadas identidades em que professores de todas as idades assumem seus variados modos de lecionar; ali, histórias são inventadas para borrar contornos que insistem fixar suas biografias, uma vez que os agentes em educação ficam zonzos com as mudanças do tipo de estudo [contraste do ensino médio para o ensino superior] e do perfil do aluno [políticas afirmativas que contribuem para uma diversidade sociocultural dos estudantes]. Há uma coexistência em potência e uma contradição em luta acontecendo e, isso, acredita Lis’Anda, pode ser um des. caminho, não apenas possível, como necessário para que a vida seja acolhida em suas diferentes matizes que lhe são inerentes. É um processo em que, como diria Nietzsche, pode se desenvolver de muitos jeitos, mas não sem tensões e questões, não é na passividade que se transforma algo, há de “interrogar e submeter à prova os próprios caminhos”⁸⁹.

Crisálida Negra havia se interrogado sobre o papel das exigências acadêmicas, música que se repetia na trilha sonora do Castelo, quando menciona que *as cobranças nos semestres iniciais foi um obstáculo negativo, porém foi uma maneira de demonstrar aos estudantes que saíam de suas bolhas escolares e entender o ambiente acadêmico, porém poderia ser mais humanizada esta adaptação*. É momento em que Lis’Anda, ao retomar alguns trajetos dos estudos sobre saúde mental dos universitários, sente novamente a intensidade que ganham ações institucionais

89 NIETZSCHE (2016, p. 203). Assim falava Zaratustra.

para acolher e acompanhar os alunos, pois, algumas vezes, a recepção feita por eles próprios, não representa o apoio social necessário e, tornar-se um obstáculo para adentrar ao novo ambiente: como os trotes, associados a práticas de humilhação e constrangimento, de maneira que, “a estrutura de acolhimento para estes estudantes deveria ser diferenciada, no sentido de proporcionar condições para que os estudantes acompanhem as aulas de maneira equânime.”⁹⁰ Nesse caminho, em direção ao suporte social em amplo espectro, é possível vislumbrar o incentivo à convivência com a família, embora alguns alunos forjem o distanciamento dos laços de sangue por inúmeras razões, como por questões ligadas à sexualidade e por conflitos. Além disso, é possível vislumbrar também atividades psicoeducativas voltadas para alunos, docentes e demais profissionais⁹¹. Os alunos não desejariam apenas se adaptar à universidade mas atuar nela, e para esta ação ocorrer é preciso em algum nível uma espécie de destruição e reconstrução em que o axioma humano é convocado a criar uma vida forte o bastante para se distanciar dos refúgios da proteção de rebanho, e isso parece acontecer quando criticam a bolha institucional pela via régia de um sistema capitalista. Contudo, em alguns momentos, parecia que os alunos em busca de um tempo perdido, queriam um amparo para seus medos e fragilidades, e aí, talvez, pudesse figurar o que Nietzsche chamou de benevolência. Assim, olhar para as singularidades estudantis e suas necessidades de todo um sistema de inclusão no ensino superior, não passaria por questões demasiadas humanas de compaixão para extrair “a pedra da loucura”⁹² ou um sofrimento, mas fazer a vida florescer da benevolência que ritorna com e apesar das dores, e que se desen-

90 ARCCOSI (2015.)

91 PADOVANI, *et al.* (2014); RODRIGUES; PEREZ; BRUN (2020).

92 LABATUT (2022).

volve por ondas de um algo a mais que um dever dos professores, dos funcionários, como uma forma de atividade constante de humanidade⁹³. A Educação poderia aqui ter uma longa conversa com a Saúde e então lhe dizer: “sempre somos recompensados pela nossa boa vontade, nossa paciência, nossa equidade, ternura para com o que é estranho, na medida em que a estranheza tira lentamente o véu e se apresenta com uma nova e indizível beleza – é a sua gratidão por nossa hospitalidade”⁹⁴.

No entanto, querendo escapar das Unidades de Tratamento Intensivo, a Docência-camelo pensa sobre suas internas ações quando diz que *é difícil conciliar as diferenças, falar a mesma língua para tantos alunos, cada um é um mundo particular*. Lis’Afirma os devires ali pairando no ar das futuras decisões. Pensa nos encontros passados com Pandora em que é evidenciado pelas violências, veladas ou não, ditaduras de padrões, contra o cabelo cortado ou colorido, a roupa militar, à homossexualidade, à gordura corporal, à mulher. Pensa que essas linhas também se manifestam nos alunos da Tese. Cada um é um mundo particular. No cardápio das relações mais devires por favor! *Para poder incluir fazer igual para todos e não fazer diferente para o diferente. Parece que há um tempo atrás era mais uniforme*. Era preciso democratizar a Educação para que doses de igualdade de condições fulgurassem sua presença? Era preciso dar as mãos para a diferença naquela caminhada e afirmar um modo autêntico de existência? Era preciso um desvio do ideal demasiadamente humano que liberte formas subjetivas que aprisionam alunos e professores? Se há uma lógica na contradição, seria a da multiplicidade. Nossa multiplicidade se liga ao que há de heterogêneo. Pandora havia alertado Lis’An-tagônica que

93 NIETZSCHE (2018, p. 61). Humano, demasiado humano, [aforismo 49].

94 NIETZSCHE (2012, p. 176). A Gaia Ciência, [aforismo 334].

Os discentes reivindicam melhores condições do ensino e da aprendizagem, das estruturas físicas da instituição, dos sistemas de avaliação que não preveem as individualizações e o processo criativo dos alunos (...). No entanto, por vezes findam estratificados quando faltar às aulas tem o sentido de desistência, quando um baixo aproveitamento tem sentidos outros que não de dificuldades ou resistência ao que está posto⁹⁵.

Diferente de sermos múltiplos reprodutores das mesmas histórias, somos intensidades que redesenham trajetos. Há portanto expansões e contrações. Os desvios fazem variar nossa potência de agir e bifurcam-se no pensamento. Afinal, é “a coexistência dos contrários, a coexistência do mais e do menos num devir qualitativo ilimitado, que constitui o signo ou o ponto de partida daquilo que força a pensar”⁹⁶. Algumas linhas transpostas em plurais afirmações ficaram evidentes. Lis’Anda percebe que nas respostas do *Inventário da Travessia dos Afetos*, todos estudantes passaram por momentos difíceis nas suas graduações. Quando pergunta sobre isso: “foi um momento em que atravessou sozinho ou com a ajuda de alguém?; eles respondem: *sozinho, sempre sozinho, digo que eu sou meu próprio salvador*. Composto-se à questão anterior, há seguinte: “procura ouvir conselhos ou experiências de outras pessoas para tomar decisões?”; em que todos novamente respondem *SIM - sou teimoso, mas ouço os outros*. Ainda que atravessar um momento difícil não necessariamente passe por uma tomada de decisão ou um pedido de ajuda, é interessante problematizar as nuances subjetivas que ganham naquilo que eles podem em ATO, atravessados por forças que aumentam e diminuem essa capacidade de agir. Superando a homogeneização de tempos em que *era mais uniforme*, somos capazes de talhar uma alegria de viver na pele das tristezas; de amar apesar do desamparo.

95 OSORIO (2016, p. 149).

96 DELEUZE (2000, p. 243).

Não é sobre ser dotado de razão. Mas fazer da razão uma “vida interessante”⁹⁷. Acolher as diferenças nas diferenças é um desafio. Entre o caos e a paz há uma corda bamba a percorrer, na medida em que “a cada alma pertence um mundo diferente; para cada alma, toda outra alma é um além-mundo”⁹⁸. Quando uma imagem educacional é revelada pelo seu contraste, é ele próprio, o contraste que revela o ideal de normalização. Sem contraste, uma imagem finda opaca, pois “é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante”⁹⁹.

Ainda que Nietzsche lhe diga que “na realidade, não há contrastes. É a lógica que nos dá a compreensão dos contrastes e dela transportamos as coisas”¹⁰⁰. Lis’Antagônica vislumbra que, é pela luta do equilíbrio que estaríamos incessantemente almejando igualar coisas e pessoas, evitando de ver que o contraste, ele mesmo, é uma composição possível de cada um. Em seguida, quem vem lhe mostrar isso, é o Menino-que-carrega-água-viva, o qual atravessa a vida estudantil de modo cambaleante. De um lado, dizia sobre as marcas positivas em sua graduação - *a universidade me abriu os olhos pro mundo*; de outro lado, dizia que *a universidade ainda é muito deslocada do mundo real*. Todavia, “a realidade é apenas um reflexo das condições micropolíticas, inconscientes e pulsionais”¹⁰¹. A própria afirmação da diferença é um problema que insiste numa vitalidade. Vitalidade vaga-lume. Pois não há solução que não caminhe para novas perguntas, na transitoriedade dos passos empreendidos. Dar a mão às diferenças, - nossas, do outro -, tecem deslocamentos com os pés que “atestam, a cada vez, um combate que se desenrola nele e o faz

97 CALIGARES (2019).

98 NIETZSCHE (2016, p. 225). Assim falava Zaratustra.

99 NIETZSCHE (2016, p. 29). Assim falava Zaratustra.

100 NIETZSCHE (2017, p. 49). Vontade de Potência.

101 SCHIAVON (2019, p. 191).

ocupar uma posição sempre nova”¹⁰². Na repetição de um caminho temos a chance de bruxulear dele diferença e compor com ela um enlace de dedos, um lance de dados. Chance que nos possibilita, em meio ao caos, contornarmos a beira e adquirirmos a prudência, sem, com isso, anulá-lo, mas recolocarmos algo de nós mesmos no jogo da vida.

A Docência-criança se interpõe toda corajosa e conta que escreveu na carta ao aluno: *Não somos tão diferentes e certamente temos a aprender um com o outro. Por isso também o amo.* E se amar, é sustentar uma diferença, como supõe a psicanálise, um furor da diferença se interpela na voz ressentida da Docência-camelo: *Mas, não parece ter jeito... seguimos sendo irremediavelmente diferentes.* Lis’Anda suspeita que não precisa ter ‘jeito’ para remediar as diferenças, mas sim ‘jeitos’ que se proliferam no jardim dos aforismos daquele Castelo quando escuta Pandora gritar lá de longe as singularidades e subjetividades polifônicas, maquínicas e coletivas:

Estudantes brancos, negros, pardos, índios, quilombolas, estrangeiros, católicos, luteranos, ateus, espíritas, umbandistas, altos, baixos, gordos, magros, homens, mulheres, hermafroditas, heterossexuais, travestis, homossexuais, transexuais, bissexuais, cabelos aos vento, sem cabelo, fios azuis, violetas, curtos, longos, raspados, all star, coturnos, chinelos, sandálias, alpargatas, sapatilhas, quietos, mudos, calados, silenciosos, barulhentos, gritões, glutões, anoréticos, revolucionários, militantes, feministas, homofóbicos, preconceituosos, esquerdistas, de direita, de coisa nenhuma, alienados, hiperconectados, robotizados, encenqueiros, insatisfeitos, acomodados, passivos, guerreiros, seguem mesmo caminho, fazem sempre diferente, seguem novos caminhos, buscam equilíbrio, extremistas, militares, punks, skinheds, filósofos, cientistas, empíricos, práticos, teóricos, músicos, artistas, fumantes, ex-fumantes, bebem final de semana, bebem sempre que possível, religião não permite, maconha, doce, bala e pozinho, caretas, quadrados, conservadores, da noite, do dia, esperando o tempo passar, rezando para que não termine, nordestinos, baianos, paulistas, mineiros, paraenses, gaúchos, capi-

102 LAPOUJADE (2015. p. 17)

xabas, cariocas, barriga-verde, cigarras, carrapatos, raposas, borboletas, anjos, demônios, com dinheiro no bolso, sem nenhum tostão, que trabalham, que fazem estágio, que estão procurando emprego, que estudam, doentes, saudáveis, com dor, psicossomáticos, saem na chuva para se molhar, têm medo de trovão, e, e, e..... potências de uma existência estudantil.

[rastros de uma escritura, ago 2015]¹⁰³

3.1 diz.fazendo um rosto

Há uma rostidade moldada pelos papéis inculcados por interpretações e significantes educacionais que fazem uma vitalidade humana ser vista como uma saúde patologizante. A metafísica carnibal das burocracias massificam e tornam-se obstáculos para fazer as linhas de coexistências transpassarem aos processos lineares em que “as diversas formas de educação ou de ‘normalização’ impostas a um indivíduo consistem em fazê-lo mudar de ponto de subjetivação, sempre mais alto, sempre mais nobre, sempre conforme a um suposto ideal”¹⁰⁴? As subjetivações estudantis estariam menos a rostificar os estudantes e mais a caminhar por modos de existências mínimas que resultam dos encontros afetivos em meio à vida acadêmica, haja vista que “no canto mais secreto de nossa alma não encontramos um rosto preciso, um corpo definido, mas o espírito móvel que as imagens vez em quando esboçam”¹⁰⁵. Desestratificar o que aprisiona os demasiadamente humanos naquele Castelo possibilita falarem menos em nome d’EUS e mais pelas singulares forças que fazem do rosto sair suas vozes. Lis’Alva ficava pálida só de pensar no universo de *modos operandi* daqueles que fazem o Castelo dos Saberes existir. Mal sabemos o que pode nosso corpo, como sa-

103 OSORIO (2016, p. 55).

104 DELEUZE; GUATTARI (2011, p. 88). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2.

105 COCCIA (2010, p. 61). A vida sensível.

bermos o que pode uma constelação de corpos? Cortamos as cabeças e rostificamos o corpo? Um professor como um acontecimento lhe vem à mente. Ele “se distancia de figuras padronizadas como o professor democrático, o professor reflexivo, o professor dialógico, o professor crítico, o professor militante, o professor transformador e outras cristalizações abstratas”¹⁰⁶. Tampouco sustenta uma ação em direção a uma meta como se ficasse preso ao peso das aulas, dos planejamentos, dos currículos, das avaliações. Lis’Anda, sutilmente aproximando-se da fera que é a Docência-leão, sem medo de tocá-la, percebe que esta, parece estar atravessando uma educação que tece gestos, os quais intentam, tentam, atentam, aos bons problemas na efervescência de uma presença, não se deixando dominar pela ordem dos resultados ou utilitarismos. O medo lhe serve de guia para saber o que ama. Uma voz docente que não se limita ao método ou habilidades, mas cria seu estilo, estilo que não envelhece em ataduras, mas rejuvenesce as leituras de mundo.

Enquanto um rosto se desfaz, a solidão pede para entrar na sala de leituras. Ela não se encontra disfarçada, ela cobre-se da pele feita de corpo e alma. Com efeito, “ninguém pode saber a que grau de solidão um homem chega se o destino o toca”¹⁰⁷. Lis’Ainda pega-se pensando acerca dessa temática que a acompanhava desde seus primeiríssimos encontros com Pandora, em um encontro de “escrileitura” sobre solidão, e destaca uma escrita discente: *Vivemos em uma correria, cercados de pessoas, de problemas e responsabilidades e quando ficamos sozinhos vivenciamos um momento de encontro, podemos conversar com o nosso interior, filtrar preocupações, buscar em nós mesmos soluções para dificuldades e desenvolver estratégias para ficar bem diante das situações que enfrentamos*. Pandora, suspende a caminhada abruptamente, cansada,

106 LARROSA (2019, p. 488).

107 BATAILLE (2017, p. 94). O culpado.

e com as mãos nos joelhos, respiração ofegante grita repetindo a fala contrastante do Discente Mutante: — *é foda viver isolado, ignorado, a indiferença principalmente, nos mata*. O lugar, que dá eco, a faz ouvir novamente: *é foda viver isolado, ignorado, a indiferença principalmente, nos mata*. Lis'Ama ouvir também outros estudantes. Eles pensam de outro modo: *arrisco dizer que se as pessoas soubessem extrair o melhor dos momentos que passam sozinhas, encontraríamos menos gente frustrada e decepcionada por aí*. Com essa voz reverberando sobre seu corpo, vira seu tronco para trás, com ar de admiração por Pandora ter feito o seu possível até ali e decide voltar à trilha que levava à sala de leitura dos rostos e continua a caminhar com a sua própria solidão, onde as coisas adquirem sua nudez que tenta colocar nas gegas andanças. Considera que, o mais sólidos dos sentimentos, é a solidão, a qual não é evanescente como a raiva ou liquefeita como a alegria e tristeza, tampouco depende de algo exterior. Ela é o próprio encontro absoluto. Basta alguns instantes de silêncio consigo para escutar os pensamentos mais verdadeiros. Parecia ser preciso transvalorar a [própria] solidão no Castelo por entre assombros e desassossegos, em que um agito de partículas que, em calmo espanto, derramam suas brumas no corpo que se sente vivo.

Por vezes, a solidão rostifica-se de depressão e mascara a tristeza. Habitar um espaço em que há algo esperado previamente e cheio de expectativas, parece dificultar o processo inventivo que pode ocorrer num encontro. Como se ficasse difícil abrir os olhos para uma vida, outra, possível. Afinal, “dentro do coração de cada ser vivo há uma perspectiva sobre todas as coisas”¹⁰⁸. Todos precisam agir de forma uniforme? Que espaço é possível para criar uma diferença? *Fico pensando na solidão*, diz a Docência-criança. *Me dei conta que cá num biato de turmas que eu não tenho o rosto. Oscilei entre alunos por*

108 COCCIA (2020, p. 55). Metamorfoses.

se formar e outros que conviveram digitalmente. Não tiveram a possibilidade de conversar comigo e ter um outro tipo de interação que permitisse exporem suas dificuldades, seus sofrimentos, continua. Lis'Anda fica pensando se é mais solitário não ser visto ou não conseguir ver a si próprio? A leitura de um rosto remete-se ao conhecimento daquilo que toca o coração. Que emoção?! Não saber do rosto, fazia tal Docência mais solitária, mais solidária? O cuidado de si atravessa o encontro com a ausência de um rosto, abrindo cortes para o conhecimento de si. Como é possível uma Saúde que se decalque das formas cristalizadas para cartografar doses de invenção? Desprender-se de amarras e regenerar os filetes vivos da Educação a faz perseguir em peregrinação. Ainda que paradas em posições também sejam condições para o existir, são as intensidades dos afetos que nos transformam, pois, somos a vitalidade do encontro, somos a sensibilidade que pulsa em nosso peito, somos o medo e a alegria errantes. Somos, a cada dia, diferentes? Eis que repercute a fala do Menino-que-carrega-água-viva: *No fim, identifiquei um transtorno de ansiedade que se desencadeou conforme a solidão e a pandemia, intensificando minhas angústias dos últimos anos;* e as perguntas trilham o desafio de sermos “essa metamorfose ambulante” musicada e que venha resistir aos juízos¹⁰⁹. Juízos são desprovidos de Desejo, uma vez que adquirem uma consciência moral implantada com cara de justiça. O Desejo, tal como podemos pensar com Spinoza, passa por um caminhar que se perfaz de um conhecimento daquilo que nos causa afecção, para que daí obtenhamos rugosidades de seus efeitos pelo devir. Assim, “se jogarmos fora a chave para a compreensão de nossa vida, os motivos de nossa depressão – e também pelo sofrimento da doença e da cura – permanecerão oculto a nós”¹¹⁰. Uma transformação que faz vazar

109 DELEUZE (2011). Para dar um fim ao juízo. In: Crítica e Clínica.

110 MILLER (1997, p. 49).

das rostidades, as intensidades que possam afirmar a imanência de uma vida. A Docência-criança reforça esse pensamento quando diz que *esse período de aula à distância me deixou mais a vontade de fazer aula diferente. Aqueles 40 alunos numa sala de aula me fazia dar aula igual. Por vezes dava estouro que tinha que ser resolvido, mas à distância não, nem fico sabendo. Me chamam como amigos, me falam da vida pessoal. Por um lado foi uma libertação, desses eu conheço o rosto*. Como uma pintura de Frances Bacon, o desfazimento de um rosto quer criar potências que não estejam pintadas por universais e identidades. É, pois, nesses estados não integrados que o elemento criativo emerge. É preciso reconstruir fronteiras, agarrar-se no presente e enlaçar outros limiares entre dentro e fora, coabitar mundos. As máscaras da transformação redesenham a singularidade para habitar outros corpos e desfolhar deles um fulgor de inventividade frente à vida, uma vez que, “todo ser vivo é uma quimera”¹¹¹. Lis’A.masCARAda sente que seus pés estão a escrever sobre as

máscaras

Nossa vaidade veste a máscara da verdade
Esmurramos as portas da falsidade
Julgamos o suposto saber
Escondemo-nos na ignorância de nosso ser

Nosso rosto camufla o medo
Diz farsa a solidão
Sussurra baixinho os desejos mais distantes
Errantes rostidades nossas de cada dia
Querem romper as castidades em ousadia

Quantas máscaras são necessárias para se fazer um rosto?
Quando tudo que se escancara tem formato de desgosto?
São sórdidos gestos contra alguém
Ontem, hoje, de nossa des. humanidade advém
O muro que separa o falso do verdadeiro
É a ilusão dos tempos vindouros
A história mostra, atualiza o candeiro
A geografia desloca os espaços, miradouro

111 COCCIA (2020, p. 71). Metamorfoses.

Há máscaras que cobrem nosso corpo por inteiro
Moldam nossas emoções e pensamentos
Enganam nossa sensibilidade, cativoiro
Fantasiam nossa alma em fragmentos

“Atrás das máscaras, há ainda máscaras”¹¹²
Essas que roubam as feições de um essência
Pois criam espaço para o nascer de outras auroras
Sua arte é fazer novos contornos à própria existência

Há máscaras que mostram mais que escondem
Fazem dos sonhos seu armamento
Constroem uma ética pela qual percorrem
Pintam traços que se libertam do julgamento

Temporariamente livre
Até que a dura ação de tempos sombrios
Venha esculpir a curiosidade pelas perguntas
Em máscaras moldadas pelas respostas

“A multiplicidade é a verdade mais profunda da vida”¹¹³
Contingências forjam máscaras de guerra
Nossas almas peregrinas incorporam a pele do mundo
Vislumbramos um voo de paz

Vestimos a máscara da desilusão
Nossos recalques se decompõem
Não condenemos, pois, nem totem
Tabu de homem
Super estimado de força bruta
Feminilidade de contra-conduta
Desiludir-se é plasmar asas de borboleta
A metamorfose é o movimento preciso
Enfrentar o que outrora era ilusão
Requer de nossos afetos transformação
Ruínas do EU à caminho
Desnuda alma de sonhos
Cobre corpo de real
Encontro potencial para abrir espaço
Mais máscaras que libertem nossas singularidades
Menos fantasias que aprisionam nossas identidades

Cartografias

112 DELEUZE (2000, p. 191). Diferença e Repetição.

113 COCCIA (2020, p. 38). Metamorfoses.

Uma docência pode desmascarar a Educação? Podemos avisar que por detrás da máscara de acesso ao ensino, haveria a máscara de novas práticas [inclusivas, discursivas, de si]? Eis, que sobrevém a escrita do Discente Mutante: *a essência da pessoa, qual é? A direção de seus esforços estão para alguma coisa de fato? Pra mim em geral é posar.* Lis'Alguma pensa que um rosto é diferente de uma máscara. Talvez professores e alunos precisem se desfazer de um rosto que faz pose e se fixa em um modo de ser para experimentar um outro palco, o qual seja mais “determinado por signos e máscaras através dos quais o ator desempenha um papel que está desempenhando outros papéis; pensa-se como a repetição se tece de um ponto notável a um outro, compreendendo em si as diferenças”¹¹⁴. Haveria uma máscara de metas e propósitos educacionais bem definidos para uma vida de sucesso em sobreposição a uma máscara de com.posição com o próprio corpo e os outros corpos por uma trajetória outra em processo? Precisariam compreender suas causas. O Menino-que-carrega-água-viva compartilha que, durante sua graduação que agora chegava ao fim, precisou romper alguns desses fios para conseguir nadar na possibilidade de tornar-se quem se é¹¹⁵, quando diz: — *Foi muito complicado e doloroso, pois foi um ano que destruí o ‘menino’ que todos acreditavam que eu fosse, inclusive eu. Ao mesmo tempo que foi libertador, muitas vezes parecia que eu me prendia, retrocedia em alguns momentos.*” Afinal, pensa Lis'Alguém, “é sobre nossas próprias ruínas que chagamos a saber quem somos”¹¹⁶. Nessa caminhada, querer que algo se torne diferente do que é, coexiste com o desejo de buscar a si mesmo, pois cada um só busca o que falta, quando experimenta uma insatisfação ou quando lhe invade a tristeza que impulsiona uma mudança, caso

114 DELEUZE (2000, p. 54). Diferença e Repetição.

115 NIETZSCHE (2016). *Ecce Homo*. [Porque sou tão sábio].

116 CIORAN (2014, p. 69). *O livro das ilusões*.

contrário, tal afeto, pinta o rosto da ansiedade. Tornar-se quem se é, para Nietzsche, ainda que acesse o conhecimento de si grego, não é para tornar-se outra pessoa com o decaimento do passado e um engajamento do futuro, mas sim, para esculpir sua própria existência no tempo presente. Tal concepção, em agenciamento com o que Spinoza, pincela sobre o perseverar o ser como si mesmo, o qual é o próprio ser do destino não centrado em um eu fixado, uma vez que, “a liberdade é a identidade de si consigo”¹¹⁷. Isso porque tornar-se quem se é, envolve entrar em contato com aquilo que não se é. Há um inconsciente operando de alguma maneira, para que alunos e professores manifestem seus anseios por aquilo que não sabem, e uma determinada ilusão do saber entra em cena quando colocam como questão o desejo de conhecer, pois não é uma reflexão, mas antes uma prática. Clarice, perto do coração selvagem, lhes testemunharia sobre isso quando enuncia: —“Tudo o que não sou não pode me interessar, há impossibilidade de ser além do que se é – no entanto eu me ultrapasso mesmo sem delírio, sou mais do que normalmente –; tenho um corpo e tudo o que eu fizer é continuação de meu começo”¹¹⁸.

Aquele desejo perdido em interioridades, em que as escolhas estudantis pelos cursos da graduação, bem como as escolhas das disciplinas a serem ministradas pelos professores, fazem os personagens perguntarem-se: “O que sou senão uma chance no meio das infinitas probabilidades de não ter sido?”¹¹⁹ De tal modo que cada um naquele Castelo não se torna o que é [um aluno, um professor, um Camelo, um distraído, um apático...] somente quando não sabe de si, mas também quando não se quer diferente. A criação de si

117 CHAUI (2009, p. 76.)

118 LISPECTOR (2022, p. 29). Perto do coração selvagem.

119 CIORAN. O livro das ilusões, 2014, p. 149.(se não mudar rodapé), se mudar, fica assim: CIORAN (2014, p. 149). O livro das ilusões.

não é um ato volitivo, mas um ato de aprender o que é necessário para o mundo, uma afirmação que, em seu radical eterno retorno, aflora uma emancipação. Uma afirmação que olha para o espelho do mundo, este monstro, “sem começo nem fim, uma quantidade brônzea que não se torna nem maior nem menor, que não se consome, mas só se transforma (...)”, como um devir que jamais conhece a saciedade”¹²⁰. É o que o filósofo pergunta: “quem é bastante forte para apresentar sua alma ante esse espelho? Com a vontade de querer sempre e ainda uma vez?”¹²¹ O caminho educacional, apesar de toda contingência, apesar de todo acaso, pode acolher as vontades de potência, em que somos nós mesmos uma vontade de potência, em multiplicidade. Assim, de um lado, alunos buscam o serviço de psicologia por quererem genuinamente mudar algo em si?; querem ser salvos de suas condições?; querem uma solução externa sem se implicar no processo? Por outro lado, professores buscam apoio da PRAE em virtude de sentirem que foge de seu papel lidar com crises emocionais dos alunos?; buscam tal apoio ou orientação, porque suas cargas já estão pesadas o suficiente?; o buscam para legitimar uma situação que extrapolou algum limiar? Todos querem ser ouvidos! Todos querem falar! Mas... o que querem mesmo? Isso mostra à Lis’Alguém a repetição daquela ideia spinozista em que a satisfação consigo mesmo que provém do conhecimento de si, é a maior coisa que podemos esperar.

Uma *subjetivação aberrante*, a qual arranca o estudante de si mesmo, fica a reverberar sua força para acionar o conhecimento de si naquele ambiente que se eleva como uma diáspora ao Menino-que-carrega-água-viva, o que provoca a exumação de seus fantasmas; Uma

120 NIETZSCHE (2017, p. 488). Vontade de Potência, [aforismo 385].

121 NIETZSCHE (2017, p. 489). Vontade de Potência, [aforismo 385].

subjetivação limbótica, a qual transporta o estudante ao limbo de suas convicções, fica a ressoar no questionamento de Crisálida Negra: *se o conhecimento se restringe ao ensino superior, ele é excludente e sem perspectivas de ser efetivo*. O conhecimento, mais uma vez, que seria o mais potente dos afetos, não estaria restrito ao âmbito do Castelo dos Saberes. No entanto, a exclusão sentida provoca tristeza, diminuindo capacidade de ação. O que Crisálida e Menino repetiam em suas existências parecia se aproximar, ora da prisão, ora da liberdade, ora do abismo, em *Subjetivações Ritornelo*. Assim, Lis'Álibe dos afetos circundantes aos modos rostificados, percebe que, “a repetição é verdadeiramente o que se disfarça ao se constituir, o que só se constitui ao se disfarçar. Ela não está sob as máscaras, mas se forma de uma máscara a outra, como de um ponto notável a outro”¹²². Uma vida social sã poderia ser o resultado do equilíbrio entre o espírito gregário e o espírito separativo. Talvez à época do Contágio, de alguma forma, esses espíritos não estavam se alternando, mas coexistindo. O isolamento da vida social se ancorava no campo do pertencimento. E quando as aulas começam a ser retomadas presencialmente, é como se alunos e professores tivessem que se re-conhecerem.



sem rosto,
mas, com os pés firmes
para atravessar as...

Imagem 5: pegadas coração.

Fonte: a autora.

122 DELEUZE (2000, p. 64). Diferença e Repetição.

3.2 pontes¹²³



Lis'Ali admite que, se por um lado, há os efeitos do neoliberalismo sobre a Educação, por outro, há forças para transpô-los em pontes. Afinal, “ser uma ponte, mas nunca uma meta: isso exige uma vida arrancada das normas com uma potência estrita, cerrada, voluntária, que não aceite mais, no final, ser desviada de um sonho”¹²⁴. No caminho havia uma ponte, ritornELO de ligação com o outro para viagens interiores. Uma carta pode ser ponte? Aquela carta de Rilke à Kappus lida tanto com professores quanto com alunos, ensaiava algumas marcas na passagem:

O senhor teve muitas e grandes tristezas, que passaram, e me diz que até a sua passagem foi difícil e desenganadora. Mas, por favor, reflita: essas grandes tristezas não terão passado, antes, pelo âmagô de seu ser? Muita coisa não se terá mudado dentro de si? Algum recanto de seu ser não se terá modificado quando estava triste? Perigosas e más são apenas as tristezas que levamos por entre os homens para ABAFAR A SUA VOZ¹²⁵.

Era uma tristeza que se fazia ponte para a alegria. Talvez precisassem ver, ouvir, acolher com mais atenção, afinal “o grande do homem é ele ser uma ponte, e não uma meta”¹²⁶. O Castelo, é composto por inúmeras entradas e saídas. Muralhas de obrigações, maçanetas que só giram mediante códigos massificantes. É preciso construir pontes. Pontes são caminhos abertos entre alunos e professores. Pontes são passagens para que os encontros ocorram. Pontes são dispositivos que dão acesso ao conhecimento de si. É

123 Inspiração pelas caminhadas ao som da música “Pontes” de Raya, Chico Chico e Victor Ribeiro.

124 BATAILLE (2017, p. 166). Sobre Nietzsche: vontade de chance.

125 RILKE (2013, p. 63). [Carta de 12 de agosto de 1904].

126 NIETZSCHE (2016, p. 26). Assim falava Zaratustra.

preciso também, ter em mente, que pontes podem estar sobre um abismo vasto. Se a remissão do passado e a justificação do porvir querem combater o presente, são necessárias pontes. Fios de ferro em metamorfose e concreto de acolhimento constroem pontes como *um dos fatores protetores [da saúde do estudante], talvez o principal, seja a capacidade de ser ouvido. Nem sempre será compreendido, sobretudo porque compreensão pressupõe interação*, diz a Docência-criança. Momento em que, mais uma vez, o Discente Mutante interpela o pensamento de Lis'Anda, quando ele diz que *o sentimento de desprezo pode construir pessoas com ódio e com desprezo ao meio que vive, podendo cometer atos de violência, queria levar essa discussão para questão dos menos favorecidos socialmente*. Esse dizer ressoa em seu peito no agenciamento de muitas outras vozes, daquilo que ela leu, ouviu e sentiu, então diria pelo timbre do poeta que “se permanecermos calados, quase não poderemos ser distinguidos de tudo que nos rodeia. Não por motivos de desconfiar do mundo, pois ele não nos é hostil; Havendo nele espantos, são os nossos; abismos, eles nos pertencem; perigos, devemos procurar amá-los”¹²⁷. Dessa forma, se a “angústia é um estado de insuficiência psíquica do ego a um perigo que o ameaça, e assim, desperta o desamparo biológico e psíquico”¹²⁸, ela pode servir para uma desterritorialização que ponha o medo de falhar e o medo de não ser ouvido no Castelo, a caminharem pela transformação. Quando esforços cansados de uma vida acadêmica parecem denotar afetos que diminuem a potência de agir, observa-se que eles também se tornam parte do aprendizado quando são evidenciados. A aparência pode revelar e esconder muita coisa ao mesmo tempo. Trata-se de um gesto de amor que “está no fundo dos corpos, mas também sobre essa superfície incorpórea que o faz advir. De modo que, agentes

127 RILKE (2013, p. 67). [Carta de 12 de agosto de 1904].

128 SALVADOR (2016, p. 70).

ou pacientes, quando agimos ou sofremos, resta-nos, sempre, sermos dignos do que nos acontece”¹²⁹. Se o que acontece atravessa o desprezo pela exclusão, a violência pelos preconceitos e as parcas condições econômicas pela desigualdade social, precisam emergir em notas agudas de uma soprano Educação.

Os corpos caminham por seus espaços pequenos, grandes, que se estreitam e se alargam na medida em que depreendem seus inalienáveis mapas afetivos. Uma poética das falas, dos silêncios, dos percursos, das cartas, fazem caminhos também com a psicanálise quando esta diz que “a angústia, portanto, é um termo intermediário entre o gozo e o desejo, uma vez que é depois de superada a angústia, e fundamentado no tempo da angústia, que o desejo se constitui”¹³⁰. O Desejo é eminentemente um conjunto que, em suas pontes filosóficas, impulsionam a vida com mais vigor pela desventura das trilhas curvas. Não sempre, não-todo. Lis’Angustiada com os gritos dos alunos acerca de suas necessidades, “de ter uma vida para além da vida acadêmica”; da “bolha protetora da universidade que não o prepara para o mundo lá fora” - percebe que tais gritos, não se tratam de um sintoma esperando decifração, mas de um corpo estudantil falante, que nos tra-la-lás de uma língua de fuga, fazem ritornelos nos cantos do Castelo. Assim, “quando o nosso coração se agita, amplo e cheio, como o grande rio, benção e perigo dos ribeirinhos, então assistis à origem da vossa virtude”¹³¹. A inevitável travessia da angústia faz ponte com a voz, a qual é efetuada pela existência atual do corpo de quem aprende e de quem ensina. A voz, é ela mesma, uma experiência e, a experiência, “é sempre é um corpo”¹³². Corpo desejante. Lis’Anda não saberia dizer se uma expe-

129 DELEUZE; PARNET (1998, p. 79). Diálogos.

130 LACAN (2005, p. 193).

131 NIETZSCHE (2016, p. 85). Assim falava Zaratustra.

132 COCCIA (2010, p. 20). A vida Sensível.

riência é transmissível, pois é do campo do vivido do corpo que lhe habita. Mas talvez a experiência seja também do campo do dizível.

3.3 uma escuta sensível

Se tem algo que pede passagem em todos os cantos do Castelo desta pesquisa, esse algo, é o diálogo, mas algumas vezes [ou muitas vezes] não oportunizam a voz sair dos calabouços da caixa torácica. O caminho das repetições aqui empreendido, dá voz para os transeuntes da Educação que se se tornam estrangeiros da própria língua numa linguagem que devém intensiva.

Voz, um som vital que exige delicada musculatura e convoca a respiração para modular sua expressão; a voz faz uma cartografia com imagens-pessoas-afetos que moram no chão de nossos passos e exilam-se pelas ruas do nosso pensamento, perdendo-se e encontrando-se; tracejando metálico sussurro que só é ouvido se estivermos dispostos a emití-lo em nossas relações - ouvimos seus espantos?; Escavar a língua em calada revolta não garante uma suave emissão; não é necessariamente um dizer cheio de palavras; ao suspende-las vez ou outra damos textura ao silêncio, a elasticidade do grito muda o tom em que se alternam as notas da canção chamada conversa: tagarelado nada dizemos, falamos muito sem uma palavra sequer, alguns gestos dão ritmo ao que não conseguimos declarar; outros jeitos, em voz alta, emudecem nossa intenção; as vozes que moram em nossa cabeça ficam surdas, mordem a língua e morrem pela boca - a menos que salivemos uma escuta sensível para afinarmos a voz do que sentimos e, arranharmos o som do entendimento daquilo que o outro diz pela feição do não-dito; à espera da voz que não chega, vociferamos que adivinhem nosso querer, queremos?; Há voz no olhar e se, “o pior cego é aquele que não quer escutar”¹³³, o essencial torna-se invencível aos ouvidos; antes de criarmos linguagem decifrável e garatuja vocais desenhadas na infância que nos habita, somos constituídos dos efeitos entre o olhar e a voz; nossa caixa de ressonância guarda uma pluralidade de vozes, silenciadas, indiscerníveis, explodidas entre laringe e lábios, cantadas em voo-pássaro, acordam?, Lirismo que decanta do tempo a coragem necessária para ouvir a própria voz; entre o ouvir e o falar uma verdade musical de nosso corpo que só se faz na relação

133 DIAS (2021).

com o outro; ainda que cega de tudo que não diz, a voz recruta outras vozes dentro de si, a voz se restitui das razões de seu soprar, a voz presa na garganta cadencia o dialeto do espírito livre; se o timbre acorda os afetos sufocados e a sonoridade está na re-percussão do corpo, a acústica não tarda em ressoar em nosso peito, feito violão, com cordas e cordas de recordações que tocam ternas desventuras de viver; deixamo-nos tocar?; Tocamos nossa voz?

Cartografias

Quando a Docência-leão adentra nas aulas, imediatamente se interpõe: — *Mas, então, se estamos numa mesma busca, o que nos diferencia? Eu poderia dizer que é a experiência, mas não é essencialmente isso.* Lis'Ato contínuo de engendrar outras vozes, acredita que “o problema passa a ser móvel do pensar e a experiência o caminho pelo qual se pensa o mundo, ao mesmo tempo em que se pensa a si mesmo, como uma espécie de experimentação de si”¹³⁴ a qual leva como um patuá. Precisamos de um tempo para entender o que está acontecendo com a experiência, dizem que ela “caiu de cotação, mas cabe somente a nós, em cada situação particular, erguer essa queda à dignidade, à ‘nova beleza’ de uma coreografia, de uma invenção de formas. Não assume a imagem, em sua própria fragilidade, em sua intermitência de vaga-lume, a mesma potência, cada vez que ela nos mostra sua capacidade de reaparecer, de sobreviver?”¹³⁵ Sobreviver é uma palavra delicada nas teias rizomáticas do Castelo, onde o importante, não é estar aqui ou ali, mas ser e, se não há um ser por trás da aparência, se não há uma verdade oculta a ser descoberta, - o que existe é o próprio ATO, e ação é tudo que somos. Aquilo que podemos em ato é uma ciência delicada que encontra nos cantos da experiência, forças que resistam longamente a uma pressão, não sem dor, não sem dobrar a própria pele na aparência, entornando formas que

134 PAGNI (2011, p. 45).

135 DIDI-HUBERMAN (2011, p. 27)

afirmem a existência, por um espírito livre. Na arte própria da vida de afetar e ser afetado é que a experiência brota. Algo sempre está a escapar. Algo sempre está a desabrochar, e “a experiência se parece com uma travessia na qual se deve expor ao perigo”¹³⁶.

Dessa forma, nem todo ato conclama a uma vontade de potência que expande a vida, como na filosofia nietzschiana. Na psicanálise, um ato suicida, pode ser entendido como um *acting out*, o qual remete-se a um ato que é fruto de um impulso que não passa por alguma racionalidade que se conecte ao afeto e nomeie as próprias emoções, como uma espécie de voz analfabeta. O sujeito em direção a um Outro implora pela demanda de amor e atenção. “Amar é procurar explicar, desenvolver esses mundos desconhecidos que permanecem envolvidos no amado”¹³⁷. Tanto estudos, como a experiência, vêm nos mostrando que há uma crescente manifestação em torno do suicídio na comunidade acadêmica. Ao observar, numa perspectiva lacaniana, que o “sofrimento psíquico vem do fato de ele mobilizar sintomas, inibições, angústias e reações corporais para expressar as impossibilidades sociais de reconhecimento”¹³⁸, podemos perceber a importância dos caminhos das visibilidades e vulnerabilidades estudantis em suas relações com as próprias vozes, sobretudo as estudantis, que se sentem abafadas. Lis’Afônica aciona uma pluralidade de vozes que retumbavam de seu próprio corpo em meio às caminhadas investigativas, em que os pés precisavam estar frios para pesquisar; - como lhe dissera professor Jarbas Vieira no doutorado; em que o corpo não poderia estar deitado para estudar filosofia, - como lhe dissera a professora Paula Henning em um curso on-line na época pandêmica; em que é preciso “cranear” e

136 HAN (2019, p. 53). A salvação do Belo.

137 DELEUZE (2010, p. 7). Proust e os signos.

138 SAFATLE (2020, p. 14). Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação.

“burilar” sobre um texto, como lhe dissera sua orientadora nesta Tese, professora Maria Manuela Alves Garcia. Doutores que pediam para colocar o corpo a pesquisar. Uma voz corporal que lhe ensinava a ouvir a saúde mental universitária de várias perspectivas. Assim, toca-lhe o som do Discente Mutante quando ele diz que *não importa para onde corra, nesse planeta parece que todos os lugares já estão habitados pelos estúpidos seres humanos. Não pode nem ao menos fugir do próprio desejo de não existir*¹³⁹. Trajetos em que as Subjetivações Fugitivas necessitam aceitar algumas incertezas e ouvir a voz clariceana que grita o reconhecimento de um certo desejo de não existir que encontra abrigo na escrita: “A loucura é vizinha da mais cruel sensatez. Isto é uma tempestade de cérebro e uma frase mal tem a ver com outra. Engulo a loucura que não é loucura – é outra coisa. Você me entende? Mas vou ter que parar porque estou tão e tão cansada que só morrer me tiraria deste cansaço. Vou embora”¹⁴⁰. As experiências infundáveis que iam e vinham como uma intermitência vaga-lume. Não se trata apenas de dar voz às subjetivações encontradas no Castelo, mas fazer suas vozes aparecerem como um aprendizado que potencializa a Saúde. A voz do corpo é interior, ao mesmo tempo em que é exterior. Quando a própria voz é ouvida, há um estranho que retorna, como um grito que quer “expulsar uma sensação insustentável de sofrimento”¹⁴¹, como cartografariam as vozes numa relação de transferência do vínculo professor-aluno. Na tentativa de capturar as sensibilidades advindas dessa relação, Lis’Arranha suas cordas vocais e percebe que, para além de ouvir o outro, é necessário ouvir o si mesmo que desfibrila algo nesse caminhar acadêmico. É como traçar um plano comum¹⁴² onde trajetos estejam a “ensinar a ler com

139 OSORIO (2016, p. 126).

140 LISPECTOR (2019, p. 85). Água viva.

141 VIVÈS (2019, p. 26).

142 A cartografia aciona o traçar de um plano comum, não como algo homogêneo e

o corpo e com a voz, com a subjetividade e com a presença, com o mistério da língua que é preciso fazer presente, na oralidade e na escrita, para que seja, ao mesmo tempo, íntima e distante, para que nos dê, ao mesmo tempo, solidão e companhia e para que nos permita, por sua vez, estarmos presentes tanto para os outros quanto para nós mesmos”¹⁴³. Não há receita. Há invenção de modos de fazer uma docência própria e ouvir a voz da experiência. Não são os anos transcorridos ou um hábito que se executa na automação das horas, mas as singularidades que fazem percussão no corpo que aprende ao ensinar. Qual seria a experiência dos alunos que o professor é capaz de ouvir? Às vezes, parece que o esquecimento de si toma conta de um corpo desvitalizado, alguém que não é tomado pelo que fala, ou, o que fala não lhe faz tremer as pernas, embargar a voz, marejar os olhos, salivar os afetos, deixar o peito mais largo. Lis’Ávida fica a pensar nas fendas que deixam um pouco de ar entrar. Uma transgressão do que é ditado como o caminho mais seguro. Uma rebelião, por vezes, carregada de culpa cristã. Uma resistência que aciona modos inventivos de fazer as coisas. Ainda que possamos notar uma juventude dotada de mais telas e menos *telos*, na tentativa de superar as preocupações e ultrapassar a demora do desfolhamento de livros, des.ocupando-se com o mundo virtual de inteligências artificiais, - é válido problematizar também a indústria das aberturas flexíveis para que os modos rígidos sejam banidos. Transformar a caminhada em qualquer coisa de intermédio¹⁴⁴ é habitar um espaço outro a ser vivido. Lis’Alguma repete em diferenciação o tecido disjuntivo da tese:

identitário, mas como forma de transversalidade que convida ao exame dos procedimentos de participação, inclusão e tradução. Kastrup e Passos (2014, p. 264), mencionam que se trata de um “foco de resistência em relação à captura pelas diferentes lógicas homogeneizantes e totalizantes.”

143 LARROSA (2019, p. 415-416).

144 Trecho da música de Adriana Calcanhoto “o outro”, letra extraída de poema de Mario de Sá-Carneiro.

É preciso cuidar de si para ter coragem de abrir espaço às metamorfoses existenciais. É preciso resistir ao instituído para afirmar a vida na universidade com mais liberdade. Assim, a Saúde não está pronta. Ela precisa ser escavada no fundo de um afeto.

4 corredor
espelhado

espelhado
4 corredor

Quando o fundo sobe à superfície, o rosto humano decompõe-se neste espelho em que tanto o indeterminado como as determinações vêm confundir-se numa só determinação que faz a diferença¹⁴⁵.

Se tem algo que pede passagem em todos os cantos do Castelo desta pesquisa, esse algo, são as sensibilidades. Mas precisam olhar-se ante um espelho para pensá-las em relação às aulas. O corredor é aquele espaço intermediário, nem aberto, nem fechado, ele faz meio com o meio ao seu redor. Se pelo meio a vida cresce como um rizoma, seria também esse espaço heterotópico de criação de saúde e aprendizagem no Castelo dos Prazeres? As heterotopias¹⁴⁶ circundam os espaços matizados por discursos que nos constituem enquanto sujeitos, deslocamentos abertos ao devir, em que o acesso ao si mesmo do mundo possa ser cuidado. A arte de viver talvez esteja aí, em olhar para o espelho desse mundo do qual emergem muitas crises, e inquietar-se com o que se vê, ter-se força motriz de não estacionar a alma na cadeira envelhecida e encontrar caminhos possíveis para a construção de uma vida outra.

A Docência-camelo não conseguia sentir o cheiro do aluno, tampouco sentir o gosto de seu rosto e suas dores silenciadas por um certo distanciamento no período pandêmico; a Docência-leão não olhava para a presença que se fazia ausência de uma turma inteira nas in.disciplinas daquele Castelo; a Docência-criança, fazia muitas perguntas a um aluno que nem ali estava. Enquanto isso, aprendizes também se debatiam em meio aos reflexos daqueles espelhos. Pássaro Azul voava cada vez mais longe das aulas, queria mais a emancipação de seu corpo; Menino-que-carrega-água-viva

145 DELEUZE (2000, p. 82). Diferença e repetição.

146 FOUCAULT (2013, p. 12). O corpo utópico.

dividiu sua existência naquele Castelo em dois momentos: antes e de depois do Contágio, deslocando-se de algumas relações para que sua sobrevivência sobrepujasse a utopia das bolsas que o sustentariam integralmente. Ali, bem ali, sempre já em outro lugar, o desejo lhes escapa.

Vivemos no mundo real, mas há um passado paralelo como espelho, numa espécie de vitral, em produção mútua com o presente. Antes de entrar na *Aula das Metamorfoses*, os corredores espelhados refletem, não uma imagem idêntica de quem se olha, mas um duplo, uma visibilidade outra que pede clemência nas sendas educacionais. Olhando para fora, olha-se também, e ao mesmo tempo dentro. Se o caminho for tomado por aquilo que toca o corpo, é chegada a hora de olhar para o si mesmo. Já dizia o poeta em sua voz hoje de domínio público em seu livro do desassossego: “Não saber de si é viver. Saber mal de si é pensar. Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da mónada íntima, da palavra mágica da alma. Mas essa luz súbita cresta tudo, consume tudo. Deixa-nos nus até de nós”¹⁴⁷. Lis’Andando em movimento variado, com a burca da ciência que lhe cobria até o pescoço, vai escutando a força dos ditos&escritos de professores que, quando olham nos espelhos daqueles corredores, veem alguns alunos sofrendo de vitimização, de patologização, de falta de perspectivas, de um saber superficial, de uma condição fragilizada; Lis’Andando já sem sapatos e sem véu, escuta a força dos ditos&escritos dos alunos que, quando olham nos mesmos espelhos, veem alguns professores cobrando muito nas avaliações, não considerando que discentes têm vida pessoal, abusando de sua autoridade e poder. Lis’Andando em caminhos desconhecidos, percebe os escombros daquelas projeções

147 PESSOA (2010, p. 449). Livro do desassossego. Fragmento Exame de consciência.

que delatam seus aprisionamentos numa imagem. Precisam dilatar seus formATOS.

A lacuna do tempo em que professores e alunos adentrariam naquele instante, era o instante do Espelho. Depois de muito olhar por paisagens mundanas, de comerem os frutos do julgamento, beberem da água das decepções educacionais; depois de cansarem de ver no outro o problema de tudo, de se encharcarem das imagens que aprisionavam seus corpos e seus sentidos, - haveria um despertar? Lis'Areia, alheia de tudo que adormecesse olhar e pernas, aposta na força das imagens, não como representação do mundo educacional, mas como instrumento que dedilha afetos em notas de intuição. É por meio do primeiro gênero do conhecimento em Spinoza, a imaginação, que se pode chegar aos demais em direção à liberdade. A projeção de uma imagem tem a sensibilidade de carregar o espírito do mundo fora de nós, ao mesmo tempo que nos afeta, uma vez que “as imagens das coisas são afecções do corpo humano, cujas ideias representam os corpos exteriores como presentes a nós, isto é, cujas ideias envolvem a natureza de nosso corpo e, ao mesmo tempo, a natureza presente de um corpo exterior”¹⁴⁸. Ainda que a psicanálise possa conceber a projeção como mecanismo de defesa, ou a filosofia como uma reprodução da própria imagem, Lis'Ali entende que o corredor é a heterotopia das salas de aula, um lugar que é também transmissão e linguagem. Quando Gilles Deleuze, menciona no terceiro capítulo de sua tese “diferença e repetição”, um “pensamento sem imagem”, fala de um pensar que é próprio do arrombamento que os signos são capazes de nos compelir e construir daí, sim, uma imagem, - não aquela que obedeça a um pensamento dogmático, mas a que se abre para a criação. No meio, os afetos ganham passagem. Nas bordas, eles ampliam horizontes.

148 SPINOZA (2010, p. 116). Ética [Parte III, prop. 27].

Nas aberturas trocam suas partículas. Portanto, não é uma imagem qualquer que insista em julgamentos, como talvez, vez ou outra, os agentes educacionais façam uns com os outros, mas, um espaço entre corpos, pois “o próprio do sensível é o fluxo”¹⁴⁹. Um fluxo capaz de criar imagens que questionem a realidade que estão a se ver com os olhos, para que sejam capazes de transformar os cenários da vida para além de um ponto de vista, “um ponto vivo do viver”¹⁵⁰, não como uma fotografia desbotada pelo tempo, mas uma grafia em foto capaz de metamorfose. Em “Pensar entre Imagens”, Godard afirma que é preciso “começar a se questionar politicamente sobre imagens e sons e sobre suas relações. Consistiu em não dizer mais ‘é uma imagem justa’, mas sim ‘é justo uma imagem’”¹⁵¹. E imagens coexistem, sobrepõem-se umas sobre as outras, criando novas atmosferas.

4.1 No meio do caminho havia mapas, havia mapas no meio do caminho...

No encontro de um sábado à tarde com aquele grupo pequeno de alunos, Lis’Anda os convida a fazerem um mapa afetivo de suas vidas na universidade. Mais uma vez, escuta Rebecca Solnit¹⁵², lhe dizendo que “um mapa sobre o qual podemos de fato caminhar, tornando indistinta a diferença entre mapa e mundo”, pode ser aquele sobre o qual “o corpo é o registro do real”. Tal intensidade quer “ler com os pés” e traçar um mapa como território. O mapa de cada um, é feito a partir de sua perspectiva, cada qual cartografa a universidade de variadas formas. Ela não é, portanto, um objeto fora

149 COCCIA (2010, p. 72). A Vida Sensível.

150 LISPECTOR (2020, p. 41). Um sopro de vida.

151 GODARD (2010, p. 90).

152 SOLNIT (2016, p. 122). A história do caminhar.

de nós passível de representação. Cada mapa é um mundo em multiplicidade. Imagem que germina um processo em curso, recriando-a a cada olhar, pois como nos conta Proust, “a única viagem verdadeira (...), seria, não partir em busca de novas paragens, mas ter outros olhos, ver o universo com os olhos de outra pessoa”¹⁵³. Diante da paisagem, apenas alguns vestígios, ainda que o caos das linhas traçadas agite nossa mente, pois “nada mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, ideias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas por outras, que também não dominamos”¹⁵⁴. Nas linhas erráticas de um mapa afetivo, traçar, é menos ter uma finalidade e, mais fluir no movimento desinteressado, mais fazer uma rede aracnídea, menos uma excessiva compreensão intelectualizada, mais um apreender aquilo que passa pelos sentidos. Gesto-corpo-afecção que desenha, pois aquele “que já sabe não poder ir além de um horizonte conhecido”¹⁵⁵. Lis’Anarquia realça que, aquele entendimento das causas sobre os efeitos de um afeto em seu corpo, é um ato em disposição, mas não sob predeterminação. Os corpos fluem suas linhas afetivas em ziguezagues na imanência dessa experiência, eles teriam sido capazes de transformarem a si mesmos nas sensibilibidades que ali parecem florescer? A vida urbana, acadêmica e social, andam nos discursos de verdade que constroem seus *outdoors* visíveis e luminosos. Uma imagem vendida como válida, consumida como valor. Afinal, “sair em peregrinação é fazer o corpo e suas ações manifestarem os desejos e as convicções da alma”¹⁵⁶. O que faz Lis’Arteira entender cada vez mais o lugar da transvaloração dos valores, como um lugar singular e praticado por cada um, momento

153 PROUST (2016, p. 203). Em busca do tempo perdido. [volume 3; A Prisioneira].

154 DELEUZE; GUATTARI (2013, p. 237). O que é Filosofia?

155 BATAILLE (2017, p. 33). A experiência interior.

156 SOLNIT (2016, p. 92). A história do caminhar.

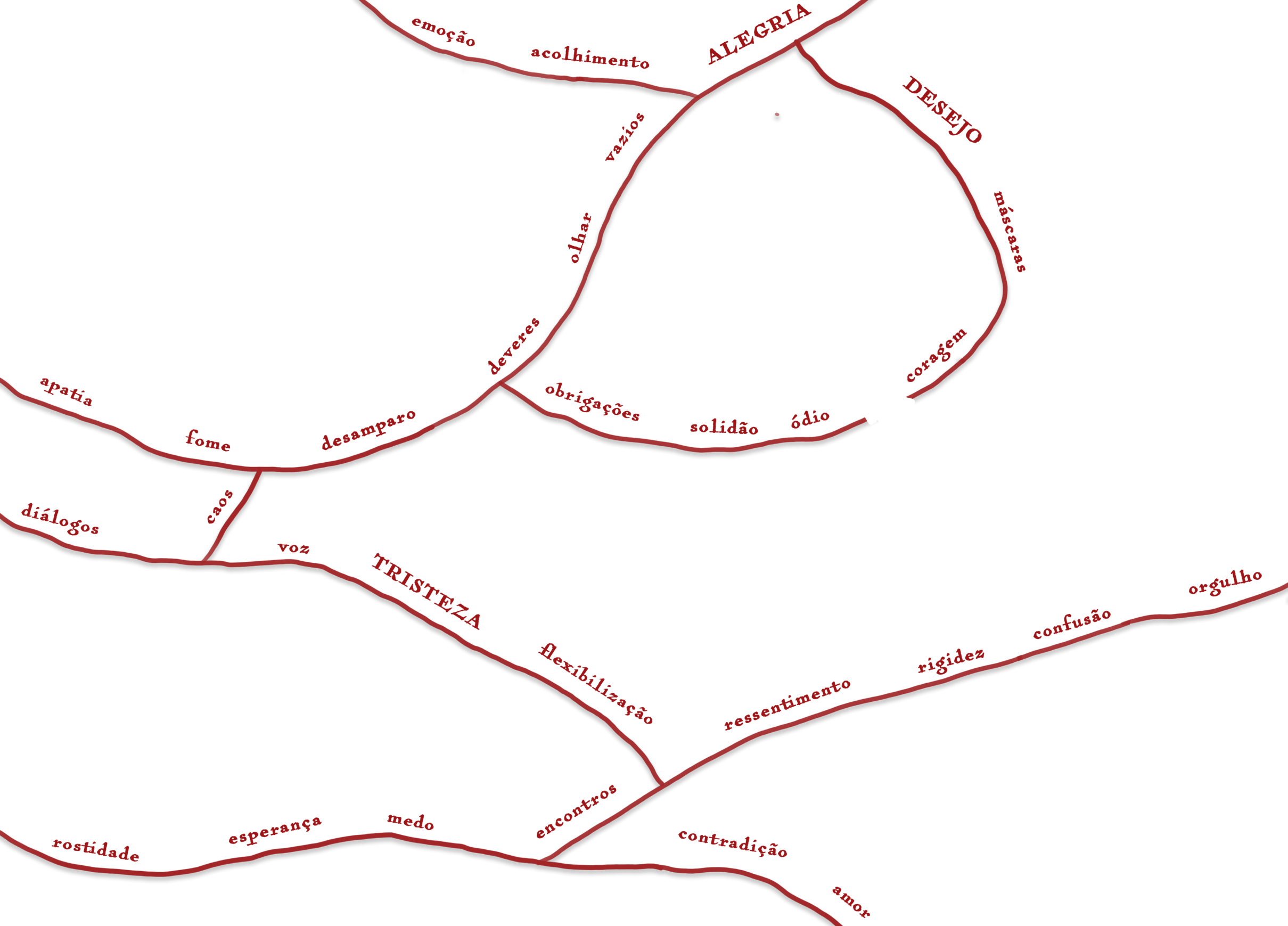
a momento, ao percorrer algumas linhas moventes de modos de existência estudantil que se cruzam com as bordas das subjetivações docentes. Ela não luta contra as imagens, pois elas lhe tomam de corpo inteiro, como se por meio de uma paisagem subjetiva pudesse efervescer seu pensar ainda mais. Uma arte que expressa o que as palavras, de algum modo, não alcançam. Curtos circuitos que fazem passado e presente coabitarem espaços educacionais, numa dimensão atual e virtual das imagens cartografadas. “A imagem não é só trajeto, mas devir. O devir que se submete o trajeto, como as forças intensivas subtendem as forças motrizes”¹⁵⁷. A experimentação da pesquisa fez-se pela sobreposição dos mapas dos alunos, e do mapa coletivo dos docentes, em lâminas transparentes, uns sobre os outros, compondo uma imagem composta, da qual resulta a invenção do seguinte mapa dos afetos, cujo processo pode ser observado pelo seguinte qr-code:



<https://youtu.be/Owaphnm92o>

Há uma transitoriedade de formas naquilo que intentam fixar-se, explicar-se, forjar-se. Carne, sangue, fluxos, espírito. Há uma rede de relações atualizáveis. Um dentro e fora cambiáveis. Cada afeto se conecta a outros em variadas composições. Em cada linha sanguínea, tem um coração que pulsa modos de existência em regências próprias, orquestradas em comunhão. Uma experiência compartilhada que subverte a reprodução exata, mas transpõe os afetos na imanência da vida na universidade.

157 DELEUZE (2011, p. 88). O que as crianças dizem. In: Crítica e Clínica.



Mapa:
Gustavo de Oliveira (2023)



4.2 exPOSIÇÃO

Diante da arte da cartografia na exposição de mapas sobrepostos, em suas linhas labirínticas, em suas portas nem sempre abertas, em seus caminhos itinerantes, Lis'Artista pergunta-se: Como podemos construir uma vida no Castelo dos Saberes, que seja menos rígida? Ainda que sob desígnios sociais que ditam padrões de imagens que capturam as subjetividades, é possível criar imagens outras que afirmem as existências em comunhão com outras existências? O verdadeiro tecido conectivo do mundo são os meios. Eles formam um espaço indeterminado capaz de promover encontros de um aprendizado afetivo, de uma caminhada gentil. Uma ambiência como condição de possibilidade para o flexível, matéria movente daquilo que nos toca sem necessariamente sermos tocados, pois *às vezes ficamos perdidos sem direção*. E se não fossem esses espaços intermediários entre os corpos, nos limiares entre a pele e o mundo, dilatando e contraindo as sensações - tudo estaria condenado a permanecer em si mesmo. Lis'aLis vê que “o sensível, o ser das imagens, não é algo meramente psíquico: caso fosse, bastaria fechar os olhos para ver e observar qualquer coisa”¹⁵⁸. Dista de uma ação imagética representativa. É a construção de um outro espaço possível de existência, resultante de uma fratura entre a forma que construímos de nos mesmos até então. É pensar na possibilidade de nossa imagem viver além de nós e para além de nosso corpo. Por isso, Lis'Ávida se transforma tantas vezes em um mesmo espaço-tempo; por isso, quer fazer da tese um caminhar; por isso fica se perguntando se as *subjetivações capitalísticas* aliciadas ao que o outro espera ou *presa no futuro*, podem, através da abertura às suas sensibilidades, encarar a vida naquele Castelo de uma outra maneira e, “a sua finalidade não é

158 COCCIA (2010, p. 17). A vida sensível.

superar dificuldades em geral, mas sim superar precisamente aquelas contra as quais deve empenhar toda a sua força e flexibilidade”¹⁵⁹. Há uma flexibilidade que se repete, um acolhimento que se diferencia.

Estamos frequentemente sob influência do sensível, quer por cheiros, cores, músicas, sensações olfativas, dando tonalidade de realidade ao que pensamos e desejamos. Há uma potência fora de nós que nos alcança, como diz a Docência-criança aos alunos: *gostaria que soubessem que fico incentivada quando encontro vocês nos corredores*. Não é um simples cruzamento, há um gesto-palavra, do olhar, do sorriso, de um semblante, de uma pausa. Há algo que se manifesta nos espelhos mudos, corredores surdos, salas vazias, abandonando um ensino apenas como a transmissão de um saber para dar lugar a exposição de uma postura que sistematize menos e caminhe mais. Uma aula *flâneur*. Flanar pelo si mesmo de cada possível. Uma educação dos sentidos que caminha por outras formas de “transmitir conhecimento”, de “ensinar e aprender”. Uma educação que abre abrir espaço para as transformações de seus agentes. A transvaloração dos valores passa por aprendizados. Ver. Ouvir. Pensar-Sentir. Falar-Escrever. *Vocês são a alma da universidade, me motivam e me alegam quando percebo que conseguiram realizar o bendito raciocínio clínico*, insiste aquela docência. A adaptação passiva vai se transformando em criação de vida em obra. Ela se torna prima herdeira das relações artesãs entre *um* professor e *um* aluno. O retro projetor não projetava o que estava prestes a ser aprendido ali naquela aula. Uma exPOSIÇÃO. Quando nos expomos a algo ou a alguém que nos coloca num campo de visibilidade, criamos uma oportunidade de conexão. E em última análise, conexão é tudo aquilo que aguça o viver no chão do Ensino. Superior. Mas algumas vezes esse lugar

159 NIETZSCHE (2016, p. 36). Ecce Homo.

escópico da existência no Castelo dos Saberes, sob as lentes do julgamento, aciona esconderijos para torná-la invisível ao outro, para abrigar uma suposta integridade. Então, dar a ver a [nossa] vulnerabilidade, é como dar a ouvir os limiares de um corpo com suas dores e aflições, ao mesmo tempo que é, caminhar entre suas potentes tensões. Transitoriamente, agentes educacionais abandonam uma posição de medo e se deslocam a uma corajosa exposição. Obras a fazer. Fazer o outro conhecer aquilo que em nós fica por um fio, ou aquilo que conclama a uma simples presença, exige, em alguma medida, um esforço de se colocar em jogo, de construir vínculos entregues aos desarranjos. Lis'artista nota que essa visibilidade exige um “outro” pelo olhar conclamado, pelo sofrimento escutado. Uma relação pública de dois ou mais, privada de garantias de aceitação, solitária no encontro consigo, íntima na expectativa, e tanto mais fluida quanto menos acorrentada à rostidade que busca segurança. Alunos, professores e também servidores e funcionários formando uma instalação móvel, nem sempre ex-posta. Não são precisos traços obsessivos para que a necessidade por um fastio de controle daquilo que chamamos vida se manifeste. No arredores educacionais, a domesticação de nosso comportamento vão sendo constituídos pelos laços sociais e vão paulatinamente nos colocando às margens plácidas de nós mesmos. Quem somos? O que queremos? De modo que a liberdade de expressão constitucional, legisla condições próprias e implanta seu metaverso no que “achamos” que pensamos, mas cegamos às próprias reproduções culturais, aos pré-conceitos banais. As convenções das leis não dão conta dos impulsos humanos. Se, por um lado, compelidos pela “sociedade da transparên-

cia”¹⁶⁰, onde tudo deve ser mostrado, estrangulando o erotismo e o mistério - renunciamos a distância que nos singulariza; por outro lado, absorvidos pelo temor de expressar nossos afetos de forma profunda, sob o signo de uma fraqueza - alcançamos a dificuldade em acolher nossa franqueza. Naquele corredor espelhado, Lis’Água vê algo de si sendo modificado.



Cartografia Espelho¹⁶¹

4.3 Eros encontra Narciso...

Em última análise, somos todos narcísicos. O que o mapa afetivo parece dizer, é, que nada mais narcísico que a necessidade de um laço. Não do tipo transtorno codificado. Mas um anelo do si mesmo frutificado. Contrariando Caetano, nosso narciso não acha feio o que não é espelho, pois se realmente olhasse para o espelho, veria tantas coisas que não um eu autocentrado, que não um outro salvador. Desde o Mito que deflagrava Narciso se apaixonando pela imagem refletida num lago sem saber que era a sua, e fica a ela preso; até o conto da madrasta que media seu reconhecimento pela beleza que estava nas mãos de um espelho lhe afirmar; - Lis’Arrisca dizer que é preciso falar das relações que temos conosco, com o outro

160 HAN (2017). Sociedade da transparência. O autor retrata que “as ações se tornam transparentes quando se transformam em operacionais, quando subordinam a um processo passível de cálculo, governo e controle” (p. 10), em que a transparência elimina o outro ou o estranho, seja por uma superexposição que dispensa resistências, seja para eliminar o negativo e “mostrar” a “verdade”, que o sujeito mal sabe de si próprio, ele não é transparente nem consigo mesmo.

161 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ckg2Q-5Jx1R/?igshid=MzRlOD-BiNWFlZA==>

e com o mundo. Quando um professor, ao se olhar no espelhado corredor, vê-se inseguro em suas aulas pouco “atraentes”; quando um aluno, vê-se solitário pelas linhas labirínticas do abismo que passa a percorrer em busca de alguma porta que lhe abra um chão mais seguro -, parece que eles ficam presos no tempo do hábito em que finda uma tarefa difícil olharem a si mesmos. À imagem que se mostra, há um olhar que não se vê. A experiência de uma vida nua é olhar além do espelho como em Alice de Carrol. Para a psicanálise, o narcisismo primário seria fundado pelo olhar materno (*a Uffpel é uma mãe; o Centro de Letras e Comunicação é o centro de tudo*), sobre o qual se sucedem não apenas uma forma de auto reconhecimento e senso do próprio corpo nas sendas estudantis, mas, seus desdobramentos no duplo da imagem de si e da imagem do outro, capazes de criar relações consigo mesmos e com o mundo. Lis’Anda novamente pelo caminho das visibilidades das quais o estudante aciona a Instituição para reconhecê-lo, como é demonstrado no Livro 1. No entanto, aqui pensaria na visibilidade também do professor, que mesmo que ele desça do púlpito, precisa ser visto e ouvido. Coexistências em potências de transformação. O narcisismo pode ser o nome dado ao modo como cada um de nós aprendeu a se relacionar, assim como apreendeu o mundo. Poderíamos dizer, que cada um no Castelo de cartas embaralhadas, cada ser tem seu narcisismo a sua maneira. Quando nos referimos a feridas narcísicas que se revestem de sair do centro do mundo e não controlar as próprias manifestações psíquicas, é, ao mesmo tempo, dizer que somos tão pequenos e tão servis. Nem mães suficientemente boas, psicanalistas demasiadamente humanos, gestores exemplarmente lúcidos, políticos absolutamente éticos -, poderão condenar uma defesa narcísica num mundo de assujeitamento e desamparo. Às vulnerabilidades interpelam fraturas que o narciso tenta regular. É uma questão de fazer a vida persistir.

Logo, quando alunos não sentem um real investimento em seus sentimentos como autênticos, mas sim um mero jogo projetivo de lacunas que existem antes mesmo de terem entrado na universidade, é quando emerge um Narciso que almeja ver apenas o lado “perfeito”, sem poder olhar para suas sombras. Do enfraquecimento de suas experiências de cuidado, vão-se criando narcisos, alguns de cascas finas e frágeis, outros de cascas grossas de grandiosidade. “O problema clínico do narcisismo é justamente não possuir devir”¹⁶². Assim, talvez pudéssemos pensar que se um tanto de narciso tivesse sido injetado nos vínculos primordiais de alguns agentes educacionais, não haveriam tantos potenciais narcísicos, com seus mecanismos compensatórios de um EU inflado que escondem uma criança ferida e aprisionada, quando docentes se escondem no poder que seu papel exerce, quando alunos reeditam no ambiente educacional as experiências em que não se sentiram vistos e ouvidos. Os limites estreitos do corpo que andamos, espelha o corpo pelo qual escrevemos nossa história. As marcas subjetivas da derme não deixam o que desejamos de cerne. O cerne é o distanciamento e a proximidade ao mesmo tempo, entre o que nos singulariza e o que torna o outro o que ele é. Um narcisismo à despeito do outro no fundo encontra-se barrado no leito que adoece por overdose de individualizações, ainda que sobre rosto de coletividades. A recuperação perfaz-se no amor à negatividade advinda da alteridade, que ceifa a exploração de si mesmo no consumo pelas diferenças e comparações, como frequentemente acontece entre professores pesquisadores, alunos que disputam as bolsas [da PRAE, iniciação científica, PIBID, etc]. Ali, um escrito nos corredores espelhados: “Quem olha um espelho, quem consegue vê-lo sem se ver, quem entende que a sua profundidade consiste em ele ser vazio, quem

162 SCHIAVON (2019, p. 225).

caminha para dentro de seu espaço transparente sem deixar nele o vestígio da própria imagem – esse alguém então percebeu o seu mistério de coisa”¹⁶³. O espelho, é capaz de receber imagens em tamanhos e profundidades sem que ele próprio torne-se do tamanho e profundidades dessas formas, ou seja, ele não muda sua natureza de espelho. Spinoza menciona que “se alguns dos corpos que compõem um indivíduo forem forçados a desviar seu movimento de uma direção para outra, mas de tal maneira que possam continuar seus movimentos e transmiti-los entre si na mesma proporção de antes, o indivíduo conservará, igualmente, sua natureza, sem qualquer mudança de forma”¹⁶⁴. Olhar para esse elemento do si mesmo, não é permanecer incólume ao encontro, mas é antes, dançar um deslocamento sensível que lhe faça mudar de posição. Romper a casca das transformações da existência não diz de se furtar da nossa aparência, que é também em síntese, nossa essência. Não é deixar de ser um docente, mas talvez operar com outras aberturas; Não é deixar de estar aprendiz, mas aprender de novas maneiras. Não é só um deslocamento, é sua sustentação depois de uma metamorfose.

163 LISPECTOR (2019, p. 81). Água viva.

164 SPINOZA (2020, p. 65). Ética, [Parte II, Lema 6].

5 aula das metamorfoses

Menos representar, mais escrever uma aula inaugural no interior de uma aula, ainda que ela esteja fora. Um afeto é uma passagem. E as ruas do Sentir entre um campus e outro daquele Castelo dos Saberes estão cada vez mais desertas quando tudo o que se fala concerne a dever, frequência, notas, conhecimento e conteúdo. Era um território dessabido ou abandonado? Lis'Ainda se pergunta: Qual esquina o sentir se cruzava com o pensar?



— Quando começa a aula?; Pergunta a Docência-camelo querendo se livrar logo daquela carga.

— Acho que já começou muito antes de ter começado!; Diz a Docência-leão rompendo com o espírito do pesadume de seu colega.

— É sempre pelo meio que algo começa!; Interpõe afinal a Docência-criança sempre pronta para começar. Ela que sente alegria e “que se dedica a ensinar seus jovens alunos o gosto bom das coisas”!¹⁶⁵ Diz a voz de um poeta lá do fundo sala.

Assim, Lis'Aluna escuta as vozes de sua cabeça: “surpreendeu-te alguma nova certeza, amarga, pesada? Caíste ai como uma massa que fermenta; a tua alma crescia e transbordava por todos os lados”¹⁶⁶. Percebe algo diferente circulando por entre as frestas das janelas ainda fechadas pelo vírus do medo. A Docência-camelo

165 ALVES (2013, p. 143). O retorno e o terno: crônicas. Na citação, o autor faz referência à Roland Barthes.

166 NIETZSCHE (2016, p. 225). Assim falava Zaratustra.

considera que nada é mais importante que o dever cumprido, e este se remete não a uma integridade interna de professor-humano, mas antes uma tarefa cultivada em plataformas de sacerdócio. Uma servidão de afetos tristes a fazia ouvir a música: onde queres voo - sou pesado espírito; onde queres travessia - empaco feito avestruz em espinho. O espírito do pesadume que acomete essa docência surrupiava: “a única coisa pesada, porém, para o homem levar é o próprio homem”¹⁶⁷. A Docência-camelo carrega sobre suas costas cargas que acha que deve suportar. Fica surda para a voz de Calvino¹⁶⁸ que pede leveza para o presente. Kundera pondera que a leveza do ser é insustentável. Lacan anuncia, a culpa está embrulhada na rotina dessa Docência-camelo. Reuniões, aulas, artigos, orientações, estudos, congressos, avaliações, lattes, Raad, e-aula, gravações, e-mails... quanta coisa cabe numa exclusiva dedicação? Isso faz a Docência excluir-se de si? Responde: *Adoei sem falar nada a ninguém do trabalho na UFPel, tratei-me de depressão e me senti culpada por não fazer mais no trabalho*. Ela então precisa se livrar daquela carga toda, e comenta: *há muito tempo nos sentamos em roda, listamos as pessoas envolvidas em ordem alfabética, nos recusamos a sermos chamados de senhor e senhora, descemos literalmente do púlpito*. Eis que um professor visitante diz: “Uma aula não possui auditório ou plateia: nem conferência nem espetáculo: apenas mais uma aula”¹⁶⁹. Era isso então, uma relação mais horizontal. Guattari¹⁷⁰ em sua visão acerca da transversalidade discorre sua visão analítica, distanciando-se de matemas inconscientes e universais de subjetividade, para traçar um paradigma estético da

167 NIETZSCHE (2016, p. 200). Assim falava Zaratustra

168 CALVINO (1990). Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Em 1984, o autor realiza 5 conferências, as quais foram suas propostas: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade, cuja sexta que escreveria um dia, seria sobre Bartleby de Herman Melville.

169 OLIVEIRA (2012, p. 76).

170 GUATTARI (2004). Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional.

existência que tangencie com a psicanálise, com a sociedade, com processos de criação, e não se feche na transferência em um discurso universitário. A Docência-camelo pergunta ao aluno para quem escreveu uma carta: — *O que posso fazer em sala de aula para que minhas aulas sejam mais atrativas para ti?* Eis que o Discente Mutante não hesitou em responder: — *Algo que avance das salas de aula, que não fique apenas como teoria estagnada, sem uso, teoria por teoria, não é nada.* Naquele instante Lis'Aluna evidencia aquilo que Deleuze¹⁷¹ menciona em P de Professor, a saber que uma longa preparação de uma aula não diz do que a aula pode em ato, serve para minutos de inspiração, mas não controla, não prevê, a maneira pela qual os estudantes irão aprender, o modo como serão afetados. Há aprendizes que não entendem na hora, mas sim por uma reverberação em seu corpo um tempo depois. Uma aula-acontecimento dá-se por forças e relações que poderão ser decantadas pelos afetos que pedem passagem.

— *A aula é um encontro de pessoas que têm interesses em comum, mas a aula não é reunião, menos ainda um culto. De todas as nossas atividades acadêmicas quero que percebas o quanto antes, que a aula é o mais importante, de longe, é o que diz Camelo em transição para Leão. Uma “aula cheia” requer doses de sedução. Mas o erotismo passa também por Fora. Algo que avance das salas de aula – numa linguagem analítica poderia dizer que “além” (do princípio do prazer) remete-se ao Eros já referenciado. Algo que avance das obrigações. Não se trata de transcender algo, mas no campo na imanência fazer emergir as forças de uma vida que aprende, de uma vida que ensina, em mutualidade. Longe da aula, perto do coração, tal docência pergunta: estás passando por algum problema ou dificuldade em que eu possa te ajudar? Quando lhe surpreende a voz de Crisálida Negra que diz: — *Estou ciente que não é obrigação dos docentes da federal, mas o acolhimento e as palavras**

171 DELEUZE; PARNET (1997). L' Abécédaire de Gilles Deleuze.

certas no momento certo, com certeza faz toda diferença. Sem saber se aquelas palavras lhe aliviavam ou lhe pesavam ainda mais, quando de repente esmurra a porta da sala de aula, chegando atrasado, o Menino-que-carrega-água-viva diz que tem um aviso direto das *subjetivações presas no futuro*: — *Haviam coisas que iam para além da sala de aula, que me levantaram quando eu não estava bem e que seguraram a minha mão todas as vezes em que tive medo de alguma coisa; haviam pessoas que me inspiraram a continuar os estudos, a acreditar no meu potencial.* Quando Docência-leão intervém e fala ao estudante: — *precisa também dialogar e não esperar tudo de nós, dos professores e da universidade.* O professor visitante retruca: “Façam o novo – pois é o que diz um professor ao se distrair da repetição do enfado em seu ensino, deixando para algum outro a responsabilidade de se repetir como modelo”¹⁷². Enquanto alguns alunos acreditam que o foco exclusivo nos estudos aumenta sua força de agir no mundo, outros, encontram na militância sua vontade de potência. Pássaro Azul manifesta-se em protesto: *Quero dizer àqueles professores que foram insensíveis, preconceituosos e desestimulados que eu venci! Porém, terão outros alunos que desistirão no meio do caminho, pois se um mestre que era para ser o maior incentivador, desestimula, pode causar um dano bem grande na vida desse aluno.* Uma força reativa que anima aquela fala que caminha por afetos tristes. Eis que a Docência-camelo responde: — *Em primeiro lugar, por favor, repare que estou aqui me esforçando pra organizar algumas ideias, e que todo esse esforço embora possa parecer pouca coisa, é a parte essencial da profissão que eu tenho e que se quiser, você também pode vir a ter.* Resta dizer que “não se trata de conformar-se a um modelo, mas de insistir numa linha”¹⁷³, pois as linhas daquele caminhar a cada vez se transformavam por ritmos ritornelos. As dobras

172 OLIVEIRA (2012, p. 79).

173 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 84). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. V. 4.

eram infindas e, o método para encontrá-las, continha a fabulação, pois “ficção é invenção, é arte”¹⁷⁴. Arte que se abre à multiplicidade móvel da vida, é um refúgio que permite não se fixar palavras, pois elas “não dizem nada e ao mesmo tempo escondem tudo”¹⁷⁵. E se o sofrimento por aulas esquecidas, alunos distantes, departamentos em guerra -, pesam muito -, é porque está na hora em que é preciso um Leão para chamar à superfície. É quando a Docência-camelo escuta: “todos os meus sentimentos sofrem em mim e estão aprisionados; mas o meu querer chega como libertador e mensageiro de alegria”¹⁷⁶. Essa seria a liberdade de mãos dadas com o Desejo que atravessa as *subjetivações desérticas* e transforma os valores antigos do dever e do conhecimento dito científico, em abertura de outros caminhos. A Docência-leão, já metamorfesada, anuncia aos alunos: — *Nossa relação vai ser sempre muito boa, se pudermos valorizar a aula e fazer dela o nosso ponto de partida nas buscas incessantes por conhecimento*. Não basta renunciar a valores antigos, é preciso transvalorá-los. A superação do dragão dos deveres, ainda que estes sejam necessários, caminha por trajetos abertos ao devir. — *Algo para além da sala de aula!*, repetia a voz discente. Transvalolar a obediência e a passiva adaptação dos alunos, em processo ativo de um aprendizado ético e afetivo, liga-se a deixar para trás aquela carga que a faz *colocar tudo em caixinha*. É quando percebe que seu corpo atual sente que a *tendência é ser um pouco mais livre, em que uma manifestação também é transmitir conhecimento*. No entanto, sente ainda que *é difícil captar o melhor do aluno*. O aprendizado pelo afeto é composto por mestres, “aqueles que nos tocam com uma novidade radical, aqueles que sabem inventar uma técnica artística ou literária e encontrar maneiras de penar que cor-

174 MOSÉ (2011, p. 235).

175 “Una palabra”, canção de Carlos Varela, a qual foi escutada pela pesquisadora junto aos professores em um dos encontros [julho/2022].

176 NIETZSCHE (2016, p. 95). Assim falava Zaratustra.

respondam”¹⁷⁷ ao nosso tempo. Entusiasmada com o debate, a Docência-criança diz que *o ideal é que todo mundo colabore com todo o grupo*. Entende como *um momento de glória quando aluno participa*. Concordando, Crisalida Negra grita lá do fundo da sala: — *ajudei todas as pessoas que consegui, e com o tempo tentei não fazer disso uma fuga. Não sei até que ponto deu certo, mas não considero a minha estadia na universidade como algo que não tenha sido bom*. Assim, uma Docência-criança seria como um “lugar de dizer verdadeiro que tenta reinventar conciliando a educação ética das almas, a verdade do discurso e a política dos indivíduos”¹⁷⁸. Se o que mais potencializa em força vital a travessia na universidade são os afetos alegres; se os afetos alegres são aqueles que compõem com os corpos estudantis, docentes, técnicos, terceirizados uma disposição para agir no mundo acadêmico com mais confiança -, o que acontece se algo desfia-se em uma decomposição?; quando dos encontros resta uma tristeza?; quando as dores adormecem o próprio corpo? Para Spinoza, uma decomposição leva a uma nova conexão capaz de metamorfose, e “toda metamorfose corresponde à obrigação da vida de fazer dela mesma um lugar, um espaço habitado, um território a explorar e a desdobrar: anatomia e geografia coincidem”¹⁷⁹. Ainda que não haja nada para ser salvo na aula e fora dela, a alegria clariceana faz Lis’Alegre pensar que “a criança é a inocência, e o esquecimento, um novo começar, um brinquedo, uma roda que gira sobre si, um movimento, uma santa afirmação”¹⁸⁰. Quando as docências se transformam aprendem a dizer NÃO e descobrem um chão derramado de tarefas cotidianas. Ofício de tanto amém ao que convém. Evitam o conflito e depois, fica tudo bem?

177 DELEUZE (2006, p. 107). Ele foi meu mestre [1964]. In: A ilha deserta: e outros textos, p. 107-110.

178 GRÓS (2004, p. 160). A parrhesia em Foucault.[1982-1984].

179 COCCIA (2020, p. 73). Metamorfoses.

180 NIETZSCHE (2016, p. 39). Assim falava Zaratustra.

Aprendendo a dizer não, abrem caminhos na expedição de si. Há tantos não de sim ocupados. Lembram-se daquele projeto que não assumiram porque precisava terminar artigo. Percebem o sim que precisaram dizer para orientar aqueles alunos, querendo dizer não. Evitá-los só traria mais dor de cabeça. Marcam os passos cartografados. Mas vão percebendo que há ardentes não perolando o corpo pensante. Há um precioso não-sempre, mas sempre-não quando é preciso. Acontecimento-passagem. Paisagem-afecção. De puro não depura a ação. Os caminhos do NÃO, de sim percorrem. Os desígnios de aprenderem a afirmar um não faz criarem o sim. Não é um não da negação em recalque, é diferenciação do sim à vida em vontade. Um não dentro do sim a si. Um não-Eu de quem já passou por sins entalados na garganta. Enlatados de abrir espaço à existência: não perçíveis compreensões. Quando tudo parecer invertido: “dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em descrever o não da luz que nos ofusca”¹⁸¹. É possível um “não” ao que engana ser luminoso e um “sim” na suposta escuridão. Não é um não de desistência. É por vezes um “preferir o não” de Bartleby¹⁸² quando agentes da educação conseguem abandonar alguns pesos que o neoliberalismo lhes coloca em servidão; é um tipo de não que mais se aproxima da agressividade que rompe dogmas como em Zaratustra e menos um não do ressentimento do Camelo. Por isso, Lis’Alegre quer dizer longamente aos estudantes e professores: não comparar, não copiar, não julgar, não cotejar, não engolir a seco, não deter olhar cego, não abrir os olhos sempre, não calar, não ceder à tagarelice, não seguir os padrões, não abrir os bordões, não fechar as

181 DIDI-HUBERMAN (2011, p. 155). Sobrevivência dos vaga-lumes.

182 Gilles Deleuze escreve em seu livro *Crítica e Clínica*, um capítulo chamado “Bartleby, ou sua fórmula”, no qual aborda a força de um sopro único na frase do personagem escrito de Melville: “PREFERIRIA NÃO”, que acena, tanto para a linguagem quanto para o mundo do trabalho, um desvio, uma rebeldia, uma insubordinação.

possibilidades, não calçar os sapatos moldados de ilusão, não abandonar os sonhos em vão, não se deixar dominar por certezas, não fazer o que a Capes mandou, NÃO dizer “não” ao SIM que expande a vida, a cada silêncio e som que se ouve. Se ao menos forem capazes de lembrar do sim que dança e não do sim que é a afirmação de um carregador¹⁸³ poderão salvar a infância do mundo numa travessia possível para libertar o desejo onde ele esteja aprisionado, pois “o riso da criança insiste, não realizado, apenas esboçado, sob a devoção do Camelo e a coragem do Leão”¹⁸⁴. Se o esquecimento de tenras e traumáticas experiências é uma forma de preservação e a recordação de um tempo inescapável da infância nos alcança, é porque estamos dispostos ao encontro. Nossa integridade em transformação. Se chegarmos mais perto veremos que o passado arquivado em nosso corpo é matéria viva em reconstituição. Se passarmos de vítimas inconscientes para responsáveis por um processo de metamorfose estaremos dispostos a obrar a vida, a bordar as limitações, a costurar suas potencialidades, tal como uma criança engendra seu balanço. Alunos que chegam de cantos distantes do país, é preciso sentir o frio na barriga e o frescor do vento na cara. Suportar os riscos de reivindicar modos gentis. Estamos envelhecendo em moldes de vida? Por que não inventamos nosso modo? O perfil, o verso e a frente toda do aluno mudou. A velha infância vai ficando menos dócil e passa a criar outras infâncias para si dentro-fora do processo de escolarização no ensino superior. Dessa forma, na aula das metamorfoses, o que fica impregnado nos corpos é a alegria. Ela faz caminho pelo “puro prazer de descobrir novas vozes, novas ideias e possibilidades, de ver o mundo se tornar mais coerente”¹⁸⁵ e,

183 DELEUZE (2006). Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno.

184 SCHIAVON (2019, p. 198).

185 SOLNIT (2021, p. 116). Recordações da minha inexistência: memórias.

assim, deixar que também as lágrimas demarquem seu território. Um riso coberto por lágrimas. Riso contagioso que convida a esquecer por alguns segundo a dor de existir. Riso-acolhimento. Sorriso que desmancha as armaduras contra o mundo injusto ou pesado demais, onde o prazer não incide em preencher os vazios dos próprios mapas afetivos, mas na Profecia do Riso que Lis'Alegre inventa:

5.1 profecia do riso

Quero um riso que não negue o choro e não evite a exaustão de um pranto que descarrega a voracidade dos dias quentes. Quero a nostálgica alegria que decanta riso dos pés nos cantos dos olhos com o passar dos danos, que dançam como se ninguém olhasse o passar dos anos. Quero o riso que bufê por alguns segundos o esquecimento da dor de existir e lampeje a lembrança dos espinhos da flor que fazem a vida em mim persistir. Então, se eu pudesse criar a Profecia do MEU Riso assim seria: é preciso escalar a angústia na Montanha da Saúde Inventiva, depurar as lágrimas que demarcam o território da face, gota por gota. Sem lamento. Ria até da tristeza que te ensina. Mas não deixes de chorar. Veste a coragem que torna a pulsão uma vontade mais forte, contornando o pulso da porta bandeira que abre as alas de teu coração. Forja uma máscara que faça folia no teu corpo, cola nela plumas de paciência, paetês de uma ativa aceitação e gliter de transvaloração. Quem ri não é passivo diante daquilo que lhe fere o espírito. Inaugura rir de ti. Quantos devaneios e contradições dançam por uma afirmação sorridente? Levar a vida a sério não te exige de rir. “Rir é viver profundamente”¹⁸⁶. Um riso tímido esconde o medo de errar, mas a confiança em auto e bom

186 KUNDERA (1987, p. 70).

samba não quer ficar à revelia do julgamento alheio. Julga tu, com alegria e sem moralidades, quais fronteiras podem o teu sorriso ultrapassar. Se rires demais, disfarça-te, vão pensar que encontres a felicidade e com isso sua insanidade ganha voz de razão. Ficar rindo à toa é coisa de gente estranha, melhor achar o riso estrangeiro na consciência boêmia das noites frias. Não te faças de contente se ressentimento é o que sentes. Se te embriagares com a festa da vida, não te envergonhes pois a ressaca é maior quando não escutares a banda do desejo cruzando a avenida do pensar-sentir. Ria alto e devagar para a dor de cabeça passar. Se persistir em terno retorno, ria baixinho para transformá-la em ouro. Mas se abafares demais teu riso nas cinzas das desilusões, veste tua melhor fantasia, roda à baiana e pula até cair de alegria. Vão até pensar que é Carnaval.

Diziam que a cotação da experiência estava em baixa mas... a cotação do riso é a medida da alegria na festa que estava por vir na formatura dos alunos. ValorAção que se transcria à medida que fresta aberturas para algum desalinho. Algumas vezes o sorriso está ali escondido nas paredes de teu inconsciente pronto para estampar sua lívida culpa por tamanha alegria que brotou em teu corpo, ainda que breve, - que leve as mensageiras camadas desfolhadas à medida que ganha confiança de seguir rindo. Outras vezes o sorriso te engana, - então olhe sua crueza no fundo da superfície óssea que o sustenta. Não acredite em qualquer sorriso, mas debite no seu próprio rir, um estimado valor. Quanto custa um riso? Quanto dura um riso? Desmedidas líquidas e incertas. Não se ri o tempo todo nem de qualquer questão. O riso breve de teus passos pedem discrição. O riso que esmaga tua razão desconhece suas causas, mas o que expande teu pensamento não se alimenta somente de seus efeitos. O riso é afirmação que aumenta tua potência de agir. Um alegre saber que tem no riso um novo valor.

Maior loucura é não rir das urgências, elas estão por vir. Quer maior pressa que a de uma alegria, por ínfima que seja? Demorar em um sorriso é um pedido de clemência. Se o riso carregar longos sacrifícios será edificado pela rigidez do espaço, aprisionando-o no umbigo. Se o riso for leve e sem premeditação terá fluidez nos lábios da multiplicidade. Na cartografia do riso, a longitude mostra os dentes, compondo-se com a latitude do que te alegra por inteiro, então a gargalhada se torna inevitável, por tempo indeterminado. O prazo de validade de um riso foi jogado fora, ele é imperecível. É uma espécie de rir por dentro que te acompanha por onde for. Rir sozinho é bom! Rir junto é ainda melhor! Uma risada por contágio é remédio que não se vende, se dá no encontro com o outro e sem segundas intenções, apenas é. Rir. Gesto composição que cria frestas e faz festa em teu coração, desmanchando armaduras que te pesam e desmascarando o que te distrai da vida. Rir. Gesto de precisa medida de transvalorar o que enfraquece tua força em ações que expandem o viver. Rir. Gesto que não reage por comparação na medida em que é em si mesmo revolucionário.

Ri melhor quem ri primeiro de si. E um dia ainda rir disso.
RISOgrafias.

5.2 furAR a bolha....

O que fura a bolha é o riso. Uma afirmação de vida. Fosse em uma aula, fosse em uma clínica, fosse em um corredor, um encontro alegre é aquele que potencializa as forças ativas de quem ensina e de quem aprende, de quem fala e de quem escuta, de quem olha e de quem é visto, é feito ao sabor dos sentidos. Na composição com Spinoza em sua *Ética*, as noções comuns que habilitam um encontro acontecer, fazem dos afetos nada mais que uma Travessia, portanto, uma relação com o tempo, uma vez que “nossos senti-

mentos, por si mesmos, são ideias que envolvem a conexão concreta do presente com o passado numa duração contínua: eles envolvem as variações de um modo existente que dura”¹⁸⁷. A *Möebius* lhe perseguia, e Lis’Arara perguntava-se: Como dizer a verdade de si mesmo sem antes voltar o olhar para o mundo de dentro e se conhecer? Como dizer a verdade de si mesmo sem ter sido convocado a fazê-lo por alguém nas relações que se estabelecem com o mundo de fora, as quais o constituem como ser humano? Na medida em que “cada modo existente é afetado por modos exteriores, e sofre mudanças que não se explicam unicamente pela sua natureza”¹⁸⁸. É preciso estarmos abertos aos encontros, ainda que nos assustem. É o que faz a Docência-criança, quando diz: —*São muitas pessoas em uma sala de aula, cada um com suas experiências e desafios, isso me afeta a todo momento.* Se a afeta, e produz algo em seu pensar, isso a transforma.

Então, Lis’Afora pergunta-se: que mundo é este que vivemos quando pensamos na realidade das coisas e nas texturas subjetivas que permeiam os dias no Castelo? O mundo de fora se torna menos aterrorizante que o de dentro? Haveria uma invisibilidade no coração do visível? Não estariam o fora e o dentro imbricados? Um saber psicológico que é acionado pela instituição quando professores encontram-se com alunos que estão demonstrando fragilidade e sofrimento em que é preciso dar espaço para que linhas de vida sejam alinhavadas nesse meio. Outras vezes, o saber psicológico é aquele que é requisitado pelos alunos ou para que suas dores sejam ouvidas, ou para que suas dificuldades de diversas ordens sejam solucionadas. Um saber psicológico que concilia a compreensão entre as redes delicadas da composição de um corpo estudantil de acordo com sua natureza e as decomposições que a vida acadêmica lhe im-

187 DELEUZE (2017, p. 243). Espinosa e o problema de expressão.

188 DELEUZE (2017, p. 241). Espinosa e o problema de expressão.

prime. O tecido da vida, ora liso em sua imanência, ora estriado em sua contingência, é, por assim dizer, furado entre tempo e afetos. Há espaços ínfimos de um indiscernível. Interstícios que criam conexões. Pulsão de um real que nos habita. Angústia que nos atravessa. Quantos mundos dentro de nosso mundo são possíveis? Haveria um mundo real e um mundo invertido alhures? Menos de olhar o outro lado da ponte, mais desfrutar do que já há no caminhar. Fazer um furo no Real lacaniano, de um mundo inconsciente das coisas, é criar o inapreensível de si. Fazer um furo no real spinoziano, esse de um mundo dos encontros entre os corpos, é conhecer as coisas de deus, que é a própria natureza, pois assim conhece a si mesmo. O que imaginamos não é necessariamente o que enxergamos e o que enxergamos não é necessariamente o real. Há um caminho a percorrer, pois quando a mente esforça-se para imaginar aquilo que favorece a ação, consegue melhor distinguir o dentro e o fora, consegue distinguir o si real e o si imaginário, os quais não são excludentes, mas estão em composição¹⁸⁹. Desse modo, há um Fora dentro de si, que é o contorno radical ao instituído na uniformidade de resoluções pedagógicas que sufocam o singular elã vital. É preciso que a Educação fique forte e leve, endureça o suficiente, mas não se engesse em manuais de sobrevivência acadêmica.

De um lado a voz do “jamais interprete, experimente”¹⁹⁰. De outro lado, há cores inconscientes na tela do viver que não dão sentido, fazem sentir uma abertura radical do pensamento que transforma aquilo que se sente. Furar é desterritorializar-se. Furar é habitar novos espaços de existência. Furar é desejar. Furar é abrir caminhos.

189 SPINOZA (2020). ÉTICA, [Parte III, proposição 12]; JAQUET (2011). Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza, 2011.

190 DELEUZE (2013, p. 114). Conversações. A citação faz menção ao pensamento de Michel Foucault, em perspectivar fazer da vida uma obra de arte, nas dobras epidérmicas da subjetivação, a qual é tecida consigo e com o mundo em co-criação, em experimentação, e não em re-presentar as fórmulas já dadas.

O furo revolucionário prolifera vida. Furar a bolha-castelo exige um fora que se dobra, um virtual que se curva, uma atual que se expressa. Para realidade educacional, há uma constelação de forças a zelar. Para realidade psíquica, há uma imensidão à perscrutar. Virtualidade do tempo presente. Vitalidade que não se pressente. Há que se haver com a dor, há de espreitar a alegria. Elas vazam dos filamentos que compõe o vivo em nós. Coexistem faltas e potências de agir? Se o furo é função que implica uma ação a ser sustentada, isso se dá em relação. Não se fura sozinho. Afirmar o vazio e acolher tudo de que ele está cheio. É um ato de olhar para si no espelho do mundo. Encarar o furo de frente, é aprender a dizer daquilo que nos toca a alma, por meio da linguagem as coisas podem ser nomeadas e assim melhor elaboradas por nós, afinal, “devemos, pois, nos dedicar, sobretudo, à tarefa de conhecer, tanto quanto possível, clara e distintamente, cada afeto, para que a mente seja assim, determinada, em virtude do afeto, a pensar aquelas coisas que percebe clara e distintamente e nas quais encontra máxima satisfação”¹⁹¹. Mas há vazios inomináveis, e continuarão sendo nosso abismo se não o abraçarmos com sabedoria. “A ideia de cada uma das maneiras pelas quais o corpo humano é afetado pelos corpos exteriores deve envolver a natureza do corpo humano e, ao mesmo tempo, a natureza do corpo exterior”¹⁹² -, os contornos da existência no Castelo precisavam da ternura que envolve um certo borramento, e que aciona uma determinada mistura. Misturas e coexistências que expandem o olhar, nutrem a alma e tiram a esperança do colo da servidão, a qual situa-se na “impotência humana para regular e refrear os afetos”¹⁹³. Misturas e coexistências que desenhavam um ato ético, um

191 SPINOZA (2020, p. 217). ÉTICA, [Parte V, proposição 4].

192 SPINOZA (2020, p. 67). ÉTICA, [Parte II, proposição 16].

193 SPINOZA (2020, p. 155). ÉTICA [prefácio da Parte IV]

afeto político e pensamento estético sobre a vida na universidade. E assim, com a força das lagartas e as asas que surgem de um corpo híbrido, “voar ao invés de arrastar-me pelo chão. Apoiar-me no ar e não sobre a pedra. Passar de uma existência a outra sem ter que morrer e renascer, e assim, revirar o mundo sem sequer o tocar. A mais perigosa forma de magia. A existência mais próxima da morte. A metamorfose”¹⁹⁴.

194 COCCIA (2020, p. 60). Metamorfoses.

**6 amor,
docências e
outras drogas**

A educação adicta por doses de romantismo, sob efeitos colaterais de soberania, é levada às pressas para o conservatório de música, onde a lavagem estomacal começa por notas em Lá na democracia dos tempos de políticas afirmativas. Aos poucos, a negação pela qual invertia a ordem do pensamento, onde os afetos ficavam de lado por mera função intelectual, é expelida. Doravante, alguns restos e rastros vertem sua primazia de algumas doses de transcendência que é de liberação lenta. A Educação estava convicta que aqueles comprimidos de engano levaram-na a achar que as ideias não precisariam de um afeto para existir, afinal “aquilo que não sabemos não pode nos ferir”¹⁹⁵.

Nietzsche a alerta: “estamos longe de possuir o conhecimento suficiente para poder avaliar a medida de nossas ações!”¹⁹⁶ Na cartografia da vida acadêmica a servidão situava-se no ponto em que os afetos eram regulados por cartelas homéricas de impotência. Aliás, servil também se tornava a esperança docente quando sob efeitos rebotes pela espera de um aluno enérgico, participativo e que faça conexões dos conteúdos, manifesta uma tristeza que avança paulatinamente para as partes mais afetadas de seu corpo.

Tal corpo docente parece em decomposição com o corpo estudantil enfraquecido em sua capacidade de agir, o qual por doses e doses de apatia, que alguns chamam de depressão, não vai à aula, não presta atenção na explicação do professor, não entrega o trabalho da forma como é esperado. Isso é possível perceber quando metade dos alunos formandos respondem ao Inventário da Traversia dos Afetos, que sentiram tristeza em momentos determinados, enquanto que outra metade sentiu tristeza na maior parte do tempo.

195 DAMÁSIO (2004, p. 283).

196 NIETZSCHE (2017, p. 281). Vontade de Potência, [aforismo 171].



Imagem 6: Figura elaborada a partir das respostas dos estudantes sobre a tristeza.

Embora com doses de superação, por vezes tal estado afetivo desgastado acontece sem que o próprio estudante saiba um porquê, é quando finda subjetivado de forma *limbótica*, *desértica* talvez. Outras vezes, ele até encontra algumas causas, não apresentou o comportamento acadêmico adequado a sua natureza devido ao seu cachorro que morreu, ao luto pela perda de uma mãe que tinha câncer ou um amigo que tirou a própria vida, sentiu imensa dificuldade no trabalho porque aquele tipo de conteúdo lhe foi estranho desde os tempos de escola, não faz perguntas ou comentários na sala de aula porque é muito tímido ou porque não se sente implicado com o curso da graduação naquele momento, ou ainda por medo do julgamento, afinal, ele vem de uma família na qual nunca teve espaço para ser ouvido. A tristeza é uma droga complexa com efeitos colaterais de outros afetos instáveis que dependem de algo exterior que não lhe cai bem no estômago. De repente, ao encontro de outros corpos, ela pode se romper e aqueles “comportamentos cuja experiência é sentida como recompensadora e agradável parecem depender da

liberação de dopamina”¹⁹⁷. Mas ela também é uma visita inesperada que precisamos acolher, e não expulsar. A tristeza que a docência carrega por afastamentos de colegas que adoecem, pelas horas-aula indecentes, invariavelmente parecem emergir em miligramas de ressentimentos vendidas sem receita médica.

Imagem 7. Fonte: instagram @aepenton



A receita nietzschiana era clara: “não experimentar ressentimento algum, ver claro no seu ressentimento”¹⁹⁸. Afinal, ressentimentos são elixires para teu extermínio em larga escala do tempo. Sentir e sentir novamente a mágoa, ficar preso a ela, remoendo-a, pisando no território das injustiças que nos estilhaçam em mil pedaços -, dá a intensidade necessária para que nossa dor se torne uma fábrica de afetos tristes.

A ira vai consumindo nossa energia vital até à exaustão. O líquido rancoroso vai sendo destilado pouco a pouco nas páginas de um passado que se faz presente em nosso corpo, devorando cada minuto nas ilusões de uma revanche sem futuro.

De tanto nos corroermos pelo que o outro fez ou não fez, de tanto padecermos daquilo que não somos – tornam-nos algozes de nosso próprio sofrimento. Sem saída, nossa consciência se enche de moral para digerir a frustração, mas o que ela consegue é apenas ruminar pensamentos que não se metabolizam. A dívida eterna espalha-se lentamente pelo corpo, e a dispersão em melancolias e paranóias, provoca afastamentos do si mesmo. O envenenamento é inescapável das lentes culposas que projetam nossa sombra num outro. As más águas que jorram sobre as ruas universitárias escoam

197 DAMÁSIO (2004, p. 70).

198 NIETZSCHE (2016, p. 34). *Ecce Homo* [Por que sou tão sábio?; Aforismo 6]. Ou, se não mudar rodapé fica assim: NIETZSCHE. *Ecce Homo* [Por que sou tão sábio?; Aforismo 6], 2016, p. 34.

forças de devastação que impedem muitas e muitas vezes, os caminhantes da Educação enxergarem o amor que aceita a vida como ela é.

Quando entendermos que nossas fortunas estão em olhar nossas alegrias e nossas dores andando lado a lado, perceberemos que a terapêutica não está na salvação, mas sim, na transvaloração. Nietzsche teria concordado com Proust, não é olhar novas paisagens mas ter novos olhos. O antídoto para a inflamação das almas estudantis e docentes é o esquecimento, menos por recalque, mais pela construção de novas memórias em ensino, aprendizagem, encontros. As feridas abertas tornam-se cicatrizes. Fios de ouro colariam as rachaduras daquelas paredes acadêmicas e o que as fariam calhar o tempo, não deixaria que seus andarilhos calassem os sentidos. Sentir, sentir, até sentir diferente! Libertar-se do ressentimento é dar um passo para a saúde do coração!



Cartografia do coração¹⁹⁹.



199 Cartografia do coração: composição de escritos, música e imagens. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwPjOkJA—wW/?igshid=MzRIODBiNWFfZA==>

Aquelas esquinas cheias de estudantes tomando uma cerveja, fumando um cigarro, tentando se enturmar, são esquinas cheias de vida em potência, mas também, podem ser esquinas de subjetivações fugitivas cujo limiar ultrapassa vez ou outra os riscos em seus corpos, eles “não param de recair naquilo de que eles queriam fugir”²⁰⁰. O agenciamento-droga pode fracassar quando transforma o corpo em um farrapo, acha que encontra prudência ao traçar novo caminho. Por um lado, embriagar-se por abstenção também pode intoxicar o corpo estudantil na medida em que ele não se coloca em experimentação com a vida, evita prova-la em seu gosto imanente e, “não é a droga que assegura a imanência, é a imanência da droga que permite ficar sem ela”²⁰¹. Mas há via, a.PESAR de tudo, uma aula. A força de perseveração na sala de aula, ainda aposta nas relações entre os envolvidos, e isso Lis’Ama percebe claramente na carta da Docência-camelo que tantas vezes se transforma: *Não há professor ou professora que não tenha sido aluno ou aluno e que, por isso mesmo não tenha tido professores e professoras. Enfim, a gente já esteve mais ou menos, nas mesmas condições em que você se encontra agora. Quando se transforma em Leão escreve: muitas mudanças aconteceram nas nossas relações. Muita tecnologia nova passou a mediar as experiências de ensino-aprendizagem. Mas o importante, nesse momento, me parece ser não perder de vista aquelas tecnologias que foram testadas por séculos ou milênios, a depender do caso e nos legaram boa parte daquilo que é ainda hoje e apesar de tudo uma aula.*

Se toda demanda é uma demanda de amor como quer a psicanálise, Lis’Anda quer problematizar os idealismos também do amor em salas de aulas. Pensa que o amor ali por vezes parece se tornar um objeto a ser alcançado, numa fantasia que para aprender por com-

200 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 84). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 4.

201 DELEUZE; GUATTARI (2012, p. 85). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Volume 4.

pleto, o estudante precisa apenas do outro-professor que lhe “sirva” a aula, e o cardápio não requer nem sua implicação, tampouco sua fome de aprender. Lis’Ainda no conservatório, escuta a música que diz: o amor não nos basta. Ao escutá-la repetidas vezes, percebe que seria uma perspectiva dizer que o amor não nos basta, pois a vida acadêmica exige muito mais um fluxo de partículas afetivas de nosso corpo que entram em colisão quando o movimento da vida acontece. O amor bastaria quando tal fluxo se estanca? Afinal, “o corpo vicia na facilidade do esforço que não quer fazer, sentado acredita que achou a verdade, e ela tão bela o obriga a correr”²⁰². O amor aí não nos basta, o amor envolve outras composições de corpos no mundo. O amor exige liberdade, fissuras, limiares. Que acionem ternura, acolhimento, beatitude. Lis’Aprende que não se educa a ação, num cruel golpe que coloniza os corpos, mas se cria a ação a cada dia, onde o Desejo é produzido. Então, menos escrever uma receita de seus ingredientes, mais compor e até decompor outros territórios. Cada ato de amor caminha sem mapa e sem manual. Ele expressa a singularidade. Dilata suas possibilidades. Contrai o aprendizados. Trafega linhas tortuosas do tempo. Trafica artefATOS. Vai juntando pelo chão da vida aquilo que encontra e que traga um valioso sentir. Amores possíveis, que se atualizam e redesenham uma amizade em seu entendimento mútuo que dispensa explicação. Uma presença. Um olhar. Um silêncio. Uma distância necessária. Mãos dadas. Pés descompassados. Encontros e desencontros. Transeuntes da vida universitária. Duplas. Cada ser inteiro. Deixa o outro entrar e sair. Circulariza os fluxos. Fideliza o compromisso. Realiza suas escolhas. É um chamado? Uma vocação? Decerto que “há sempre o seu quê de loucura no amor; mas também há sempre seu quê de razão na

202 Canção “A novidade ao lado” de Flaira Ferro.

loucura”²⁰³. É preciso entender as suas causas, atravessar o silêncio. O Menino-que-carrega-água-viva havia enfrentado seu próprio desatino à despeito da sociedade para em algum momento encontrar um território seguro para amar quem quisesse, com toda tempestade de insurreição que lhe provesse. O amor próprio lhe cheirava mal pois em sua enfermidade não suportava a si mesmo. O amor ao próximo por vezes colocava-lhe em caminhos culposos. A sutil arte de suportar o peso do próprio espírito seria praticada por caminhadas leves de amor são a si para que não ronde fora de si²⁰⁴. Lis’Ama pergunta-se: — Mas... o que quer dizer amar alguém?; em que os filósofos lhe respondem: — “É sempre apreendê-lo numa massa, extraí-lo de um grupo, mesmo restrito, do qual ele participa, mesmo que por sua família ou por outra coisa; e depois buscar suas próprias matilhas, as multiplicidades que ele encerra e que são talvez de natureza completamente diversa”²⁰⁵. Sim, um certo exercício de despersonalização sobre um corpo que não esteja submetido ao organismo, mas atravessado pelo desejo que o produz. No entanto, Alain Badiou²⁰⁶ diz que o amor não é o mero encontro de dois, antes, é o mundo vivenciado a partir da diferença e não da identidade. É uma construção. Alteridades que promovem a construção que é o amor. E não se constrói nada no aprisionamento. O mundo caminhado a partir das diferença e não da identidade é um acontecimento capaz de metamorfose. A radical experiência de amar é viver a própria solidão acompanhada de alguém, num prolongamento existencial que verta sua seiva em forma de começo a cada vez. Se isso não é liberdade, Lis’Ama não saberia dizer o que é. Ser livre não é ser esgotado

203 NIETZSCHE (2016, p. 52). Assim falava Zaratustra.

204 NIETZSCHE (2016, p. 199). Assim falava Zaratustra.

205 DELEUZE; GUATTARI, (2011, p. 63). Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. V. 1.

206 BADIOU (2013).

em si mesmo para fazer o que tem vontade, mas é fazer do encontro que se esgota uma nova chance para renascer. Morremos um pouco a cada dia. Mas morremos com mais força se, ao nos fusionarmos no outro, achamos que encontramos o amor, e nem percebemos as asas cortadas. Gaiolas tornam-se reais quando nos aprisionamos em inacabamentos. Han²⁰⁷, nos diria que, somos incapazes de alguma conclusão, na medida em que sustentamos o sujeito de desempenho que há em nós. Amar não é performar. Amar é libertar-se das formas. Alunos querem provas de amor dos professores, mas sob suas condições: ser flexível, dar mais tempo, saber que há vida além da universidade, mas também exigir dentro das regras da academia e prepará-lo para o mundo lá fora. Não sabem que há tanto Fora ali dentro. Concluir, portanto, não é um fechamento ao mundo, e sim uma abertura ao outro. Era isso que Lis²⁰⁸ via nos olhos daqueles alunos e professores desta pesquisa, mas sem saber ao certo os caminhos que precisariam percorrer. A brecha que compõe um fecho de vida, um amor capaz de atravessar a morte no outro para dela operar um retorno a si mesmo. E isso não é demandar do outro faltas de um narcisismo primário. É suplantar esse estádio de espelho para, ao olhá-lo, observar aquilo que o amor é capaz em ato vivo do afeto. É preciso ingerir pílulas de relações mutuas com o outro.

Se o amor, como quis Spinoza, “nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior, e o ódio nada mais é que a tristeza, acompanhada da ideia de causa exterior”²⁰⁸, a solução oral do amor na Educação é fabricada pela compreensão das causas que lhe auferem alegria e das linhas de vida que se enfraquecem pelas expectativas de um agente que não atende à demanda. Spinoza teria dito que para combater um afeto triste, é preciso que um

207 HAN (2017). Agonia do Eros.

208 SPINOZA (2020, p. 108-109).

afeto mais forte seja colocado em seu lugar. Então, de outro modo, se o amor caminhar pelas ruas da alegria sem se ressentir das contingências educacionais, então estas não se expressam como causa externa de um afeto triste, mas são entendidas num trajeto onde “tudo é necessário, seja pela essência seja pela causa: a necessidade é a única afecção do ser”²⁰⁹. Lis’Ama encontrar nessa ideia de Spinoza o que ele mesmo parecia ter recusado nos estoicos e o que depois Nietzsche chama de *amor fati*. A Docência-criança sabia desse amor quando diz que precisamos *viver a vida que nos toca a viver*, enquanto a Docência-leão argumenta: *não sei se dá para a gente pensar numa aceitação do mundo. Acho que refletir para daí aceitar*. Amor *fati* é a transformação do intempestivo em potência. Na composição cartográfica que aqui vai se afirmando, “a psicanálise não é outra coisa que não a descoberta do intempestivo em ato, na vida cotidiana”²¹⁰ daquele Castelo, por isso, a pulsão finda não localizável, nômade por natureza. Diante da perspectiva de um poeta: “neste caso, aceite o destino e carregue-o com seu peso e sua grandeza, sem nunca se preocupar com recompensa que possa vir de fora. O criador, com efeito, deve ser um mundo para si mesmo e encontrar em si e nessa natureza a que se aliou”²¹¹.

Imagem 8. Fonte: instagram @aepenton



O casulo pelo qual algumas docências enco- briam-se era o currículo de uma camada delica- da de prescrições. O casulo-curriculo incubava conteúdos jamais metamorfoseados. Ficavam incólumes por entre slides e listas de exercícios. Por isso repetir para recriar, pois “debaixo de

209 DELEUZE (2017, p. 41). Espinosa e o problema de expressão.

210 SCHIAVON (2019, p. 265).

211 RILKE (2013, p. 24).

todo currículo há um drama. Método (técnica, procedimento, operação) de leitura, de compreensão, de análise e de produção”²¹². Um questionamento ou uma afirmação? A filosofia avisa as Docências que observações “isoladas sobre o humano e o demasiado humano foram primeiramente descobertas e expostas em círculos da sociedade que estavam habituados a fazer toda espécie de sacrifícios, não pela pesquisa científica, mas por um desejo espiritual de prazer; e o perfume dessa antiga pátria da máxima moral”²¹³. Cabia à Docência-leão se desprender das coisas feitas para caber em um sistema de valores montados por outros, num giro capaz de sair das representações, quando comenta: *a gente está muito acostumado a ser contudista. Ai quando vem aluno diferente, aí precisa ter flexibilidade*. A receita fresca para os desafios duros do cotidiano acadêmico precisa peregrinar com cuidado para não tropeçar nas doses exatas, para que seja um caminho possível a ultrapassagem da rigidez que mortifica as experiências. A virtude que se prolifera é árdua e é flexível num só e mesmo tempo. A dor que esculpe a obra de uma vida é também a alegria de uma sublime-ação. É preciso escavar os espaços conformistas que fixam nosso jeito de fazer as coisas e alcance uma firme disposição para a experimentação de si. Nessa prateleira, a Docência-criança diz ingerir compridos de desafios e na bula consta: *eu me construo e desconstruo ao longo de todos os dias de nossa semana típica*.

É aí que as negras asas de Crisálida desafiam a gravidade do peso da vida e sente as doses concentradas de acolhimento daqueles docentes que conversam e que *se precisasse de mais tempo num trabalho, concediam*. As águas turvas do Menino que as carrega vivas, no entanto, deixa escorrer gotas de paradoxal entendimento sobre o que estanca e o que deixa o rio correr, quando ele diz que é necessária

212 CORAZZA (2012, p. 153).

213 NIETZSCHE (2018, p. 54). Humano, demasiado humano, [aforismo 37].

a exigência de respeito aos prazos de entrega de trabalhos, não proporcionar flexibilidade para educar no cumprimento das obrigações e leis, pois o contrário incentiva à inventar desculpas e se fazer de vítima. O peso da Docência-camelo projetado nos alunos acontecia quando o aluno desistia de defender a pesquisa do jeito dele por causa do padrão de rigidez da banca; quando na minha disciplina, que se a gente leva coisas pesadas, ele [o aluno] não está ainda preparado para aquilo; de tal modo, que passa a se questionar: enfraquecemos por conta disso ou simplesmente estamos encontrando outro jeito de dar aula? E daí para brincar com a ideia de que poderia aliviar sua tensão para que pela aula pudesse ter mais tesão, e conduzir um modo outro de percorrer seu desejo, a Docência-criança diz: — *Penso nas avaliações. O que eu estou ensinando afinal? Se fiz diferente, como avalio se aprendeu? A partir daí comecei a me tornar uma professora mais simples.* Nessa direção, sua resposta para questões que pudessem corroborar à saúde do estudante, ela escreveu: *flexibilidade de horários frente à demanda dos discentes, possibilidade do aluno se expressar sem sentir-se coagido ou em prejuízo.* O caminho se faz encontro na medida em que as velocidades e lentidões ganham abertura aos afetos em meio às transformações. Afinal, “os nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem faça comigo e que, em vez de proporem gestos para reproduzir, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo”²¹⁴. Isso se remete às docências amorosas de um mundo virtual que se efetua como uma prática ética consigo e com os discentes alimentando as transformações da sensível loucura que é amar ensinar. Eis que o amor queria encontrar a razão, mas Doutor Tempo naquele dia desmarca a sessão e deixa apenas um escrito em seu receituário:

214 DELEUZE (2000, p. 73). Diferença e Repetição.

Receituário

A vida prescreve²¹⁵:

A urgência da vida prescreve gotas de obediência. Não percamos tempo, o remédio está ao alcance de todos, às margens plácidas do novo e liberal rio com natural poluente de civilização. Encharcados de esperanças em berço esplêndido, engolimos as cápsulas das certezas, já que as perguntas foram eletrocutadas no fio da inconsciência. Com as dores anestesiadas temos o direito diz o humano de não sentir. Já não fabricam mais metamorfoses em casos de caos instaurado, bebemos amostras grátis de esgotamento. No país das maravilhas insensíveis às diferenças, a ciência baseada em evidências de cegueira sanciona vitaminas da arte, sobretudo poesia que é tóxica demais. A bula sugere não nos alimentarmos de lutas coletivas, seguindo a ética de exercícios que acelerem o corpo pelo medo. A saúde requer fugirmos de nós mesmos, metabolizando nossas partes esquecidas nas dispensas da ignorância. Conhecimento é um afeto muito perigoso, melhor ficar longe dele. Alienados e de barriga cheia da fadiga que a agonia que ingerimos provocou, tomamos apatia na forma líquida e mandamos manipular a ideia de felicidade. Adicionamos ilusões à fórmula e ingerimos mais páthos aos fatos, cuja posologia consiste em aceitar que governem nossas almas. Respeitosamente, a vida política detém nossa salvação, prescrevendo doses de liberdade, cuja contraindicação é a sanidade. Uma sociedade distante de sua história finda errante na produtividade e o cansaço dignificante é o placebo do controle que unge as horas. Para combater a asfixia do tempo, ganhamos tratamento intensivo e a receita nos deram de mão beijada: comprimidos de entusiasmo para sofrimentos gerais; anticoagulantes para estancar fluxos de emoções persistentes; intubação mental para os males de nossos pensamentos, pois ao pensarmos, sentimos e ao sentirmos, hemorragias de lucidez jorram larvas de resistências. Camisas de forças estranhas vestem nossas entranhas com o cuidado de soluções higiênicas de paliação. Ao diagnóstico de nossa patologia social, a prudência responsabiliza-nos por nosso sofrimento e sem lamento nossa loucura é desfolhada em manuais. A terapêutica completa requer manutenção dos estados adormecidos em dogmatismos, uma cura pela domesticação cujo efeito colateral é a normalização de nossas misérias. O remédio vai mudando de rótulo, mas não nos deixemos enganar, pois sabemos que no fundo o que esperam de nós é estancar a voz dos desejos, eles gritam demais. Antes que fiquemos surdos, um alerta: calem-se! A vida prescreve e as cápsulas de amor estão vencidas.

Doutor Tempo

6.1 e o tempo levou

A receita já com manchas de ferrugem e o cheiro da lavanda colocada junto no entremeio de um livro requeria ser revisitada, atualizada, rasgada em mil pedacinhos. Se nos caminhos iniciais sobre o chão dos fatores de risco e de proteção à saúde mental estudantil, Lis'Avistava o entrelaçamento de suporte social, aspectos psicológicos, modos de vida que conferissem qualidade nos diversos âmbitos, bem como experiências de acolhimento afetivo; Lis'Agora percebe que a vida na universidade lhe pede para deixar as pegadas de um caminhar como prática estética de existência. A Saúde Inventiva, está no chão irregular dos acontecimentos, está no meio sustentando o inefável, sempre em vias de circular novo fôlego caminhante. Espirais do tempo que não se definem pelas suas tempestades ou céus límpidos. Entre gozo e desejo, há a angústia de ir. A menos que não seja uma linha de morte, há uma chance de repetir até o norte. Sul de eterno retorno, sem bússola. Lis'Anda pensa no Discente Mutante dizendo: — *Será que vou conseguir me formar?; não vejo a hora de me formar e ganhar mais que 400 de uma bolsa;* enquanto o Pássaro Azul diz: — *Não vejo a hora de me formar para ter uma vida;* e o Menino-que-carrega-água-viva diz: — *A gente se forma e aí? Estamos preparados para o mercado de trabalho?* Nada mais certo que algumas incertezas na vida. Ao caminhar cabe o risco, ao caminhar cabe o riso, ao caminhar cabe imprevisto... ali nas ruas da Educação sempre é tempo de caminhar, de desejar, de sonhar, de se iludir, de se desiludir, de escrever, de falar, de calar, de sentir, de pensar, de sair, de ficar, de cair, de levantar, de errar, de tentar outra vez, de aprender, de ensinar, de agir, de se paralisar, de compreender a causa que lhe ergue, de um não-saber os efeitos que lhe dilatam, de atravessar outros modos, de perder a compostura, de encontrar a prudência, de mais abrir portas à loucura, de menos fechar janelas da indulgência,

de enfrentar as derivas das rotas não fixadas, os devires nas encruzilhadas e de chegar a ser o que se é numa educação-obra de si. Uma Educação do novo. É preciso buscar na infância um tempo outro das geografias, numa linha descontínua com o passado, num fluxo contínuo de forças cartográficas, sem prender o olhar para trás, com aberturas às repetições que desenham um fresco relevo, onde “tudo morre; tudo torna a florescer; correm eternamente as estações da existência”²¹⁶, onde “tudo se destrói; tudo se reconstrói, eternamente se edifica a mesma casa da existência”²¹⁷. Uma saudade sempre posta em cena: “estranho me acostumar com a época em que nasci. Estranho não exercer mais um ofício de recém-chegada”²¹⁸. Cada minuto que se nasce é dar chance para a vida. Ainda que o finito e o temporal frustrem o desejo, o curso das aulas gritavam a todos no Castelo para correr cada vez mais. A relação com o tempo dizia de um período em que o aluno permanecia no Castelo, mas também daquele que escapava de seus prédios e fazia território pelos cantos da cidade. A relação com o tempo obedecia ponteiros das horas, aquelas para chegar e para sair de uma aula, mas também aquelas que desobedeciam o tic-tac afetivo. Pluralidades de vozes ecoavam na cabeça de Lis’Atrás. O apego ao passado interdita a passagem ao presente, no entanto, desconsiderar o passado acaba limitando-se e guiando-se por ele. De um lado Solnit lhe dizendo que, “a paisagem nunca é igual na ida e na volta, por isso é bom olhar para trás de vez em quando e observar o que você verá ao retornar”²¹⁹. E de outro, Nietzsche alertando que, é “perigosa travessia, perigoso caminhar, perigoso olhar para trás, perigoso tremer e parar”²²⁰. A imensidão da

216 NIETZSCHE (2016, p. 226). Assim falava Zaratustra.

217 NIETZSCHE (2016, p. 226). Assim falava Zaratustra.

218 PIZARNIK (2014, p. 117).

219 SOLNIT (2016, p. 83). A história do caminhar.

220 NIETZSCHE (2016, p. 26). Assim falava Zaratustra.

vida ao longo da viagem que é viver constrói novas memórias, outras experiências, de modo que o presente se faz soberano, uma imanência capaz de criar enlaces afetivos diferentes de outrora. Se não mumificarmos a história [nossa e da humanidade] em interpretações fechadas hermeticamente, poderemos fazê-la florescer, tirar lições dela e superá-la. Não olhar para trás não é negar o passado, mas mirar com mais força uma existência de um tempo redescoberto.

Redescobrir o tempo no deslocamento entre palavras e coisas, entre corpo e coisas, coloca Lis'Anda mais próxima de Foucault. A palavra é matéria viva do corpo em sua multiplicidade móvel, plástica, em uma constelação, intercambiável com o meio, onde cresce e prolifera, mas também aprisiona em significados. A palavra se manifesta como uma forma de expressão do corpo, gesto-palavra. Foucault, que por sua vez encontra em Nietzsche, uma tal geografia afetiva, onde corpo coincide com subjetividade, que se compõe com o espaço das heterotopias e se dobra no tempo como uma articulação em que a história pode marcar o corpo, mas o corpo não é a história. Lis'A histórica pensa na corporeidade híbrida do Discente Mutante que deixa um registro assim: *Como ficar tranquilo se todas as coisas do mundo existem dentro dele mesmo?* Mesmo que corresse através da eternidade, não seria o suficiente para escapar de tudo isso e de si mesmo. O corpo é a “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto linguagem os marca e as ideias se dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização”²²¹. Bem faz a Educação com o processo de habeas corpus ao perceber que, sem o corpo, o Castelo estaria fadado à ruína.

221 FOUCAULT (2021, p. 65). Nietzsche, a genealogia e a história.

IN.conCLUIR

Se os pés que procuram fazer uma travessia pelos cantos do Castelo, passam por molaridades institucionais que adorariam que eles se fixassem na sua engreangem, passam por lombadas moleculares dos afetos que fazem circular voa.dor em seus corações e, passam ainda, pelas velas das canções enlouquecidas que marcam os limites como uma necessidade, - esses pés podem fazer eterno retorno que exprime a metamorfose, pois, “toda cura é uma viagem ao fundo da repetição”²²². Diante de tantas inquietações e impermanências no contexto da universidade, concluir é não fazer uma linha de chegada, mas um ponto de nova partida. Uma cartografia que caminha por sensibilidades e subjetivações da vida na universidade é uma cartografia delirante na medida em que caminha por meio de uma conexão transversal entre elementos heterogêneos para extrair daí possibilidades de engendrar uma Clínica que dê espaço para os afetos poderem se manifestar, pois “desejar vem sempre junto com fulgor, falta, sede, esperança, vertigem, pele, carícias, queda, suspense. Suavidade”²²³. Se o factício não tem saída, o fictício é a própria inclusão do desejo. Diferentemente de pensar na ordem dos discursos que condicionam uma quantidade determinada de sintomas, que enunciam uma certa patologia, a loucura à qual se refere neste ponto é justamente aquela que cria lugares para conVERSAR, que redesenha as cartografias na e da vida na universidade. Inadvertidamente Lis’Ali repete: Por onde anda o desejo do estudante? Por onde anda o desejo do professor? “O desejo, com efeito, constitui-se aquém da zona que separa o gozo e o desejo, e que é a fenda em que se produz a angústia”, diz Lacan²²⁴ ou seja, nas sendas lacanianas o desejo é o próprio corte umbilical de si mesmo

222 DELEUZE (2000, p. 67). Diferença e Repetição.

223 DUFOURMANTELLE (2020, p. 58).

224 LACAN (2005, p. 201).

para continuar desejando. Como menciona o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, inspirado na obra *Anti-édipo* de Deleuze-Guattari, “o devir é o processo do desejo, o desejo é a produção do real, o devir e a multiplicidade são uma coisa só, o devir é rizoma, e o rizoma é o processo de produção do inconsciente”²²⁵. Se o que há de inconsciente no registro das racionalidades se avizinha com uma estética existencial do e no estudante, do e no professor, do e nas Lis’As pesquisadoras; Se o inconsciente da Educação contém seus devires enclausurados em editais das seleções não naturais, de quem entra e quem sai de um concurso conteudista, de uma bolsa acadêmica, de um sistema de avaliação, é preciso dar voz às expressões que o atormentam, dar ouvidos às angústias que o fazem sentir, de Cifrar as Ideias que os forçam pensar. Existências mínimas nos liames dos encontros que acontecem por todos os lados dos caminhos do Castelo, pois “o saber inconsciente não é apenas um conhecimento interior, é sobretudo uma prática”²²⁶. Algumas falas docentes voltavam a se repetir como num zumbido nos ouvidos de Lis’Aula. De um lado professores diziam que *a aula é um encontro de pessoas que tem interesses em comum, mas a aula não é reunião, menos ainda um culto. De todas as nossas atividades acadêmicas quero que percebas o quanto antes, que a aula é o mais importante, de longe; O que posso fazer em sala de aula para que minhas aulas sejam mais atrativas para ti?; Não somos tão diferentes e certamente temos a aprender um com o outro*. Claramente o desejo dos professores parece ir em direção ao aluno e compreender o que faz uma aula ser uma experiência alegre de algum modo caminha pelo que produz encontro, pelo que faz os corpos se tocarem de algum modo, mas sobretudo pelo faz aumentar sua própria potência de agir.

225 CASTRO (2018, 186).

226 SCHIAVON (2019, p. 12).

Por outro lado, alunos dizem: *esse desejo tão grande de entrar na universidade logo após um ensino médio difícil fez com que eu escolhesse o curso que ia me satisfazer enquanto indivíduo, sem levar em conta o mercado de trabalho, carga horária e, experiências profissionais e de vida adulta, que logo no primeiro semestre senti falta* (Crisálida Negra); *todo o processo de exigências dificultam para sustentar a si mesmo* (Pássaro Azul). Fica evidente o quanto isso tudo parecia à Lis'Aluna que invariavelmente os corpos estudantis passavam por cansaços que os afastavam de si, peregrinavam por compromissos com o sistema econômico mais que um desejo, e por isso mesmo, tantas vezes viam seus corpos com diminuição de forças de ação. Mas em compensação encontravam frestas para perseverar sua existência naquela missão que era concluir a graduação. Não era uma linha de chegada exatamente, mas um recomeço. Afinal, “sou o intervalo entre o meu desejo e aquilo que os desejos dos outros fizeram de mim”²²⁷, disse a Rubem Alves, a voz de Álvaro de Campos. Foi então que o Discente Mutante gritou lá do fundão de uma sala: *Quero me formar ou os outros querem que eu me forme?*. Por onde andava o “desejo” de se formar? Lis'Angariava pensar que pesquisar os estudantes que estivessem já terminando suas graduações dessem pistas sobre isso, mas confessa que, por vezes, se via numa espiral dos desejos não desejados. Escuta o Pássaro Azul dizendo: — *Melhor coisa me formar pra ter tempo pra mim*. Seria o desejo, uma ilusão? Com o diploma em punho ganharia algumas horas? Então “calhar o tempo”²²⁸, é a chance de colocar a angústia de permanecer naquele Castelo-Bolha sob outra perspectiva, a de furar a película da dedicação exclusiva aos estudos, mas não anulá-la para se furtar do tempo, pois ele é escorregadio, tampouco fazê-la durar para reencontrar o tempo, mas deixa-lo cair naquilo que é. E

227 ALVES (2013, p. 97).

228 BATAILLE (2017, p. 172). Sobre Nietzsche: vontade de chance.

se atrás de um atrás do pensamento estivesse a profissão que está sendo construída? Uma coisa Lis'Agora avista que os alunos, tanto da Dissertação, quanto da Tese, apresentam suas gotas de insatisfação de desejos desejados em relações [amorosas, com o curso, com a saúde]. Então, acabam também sendo capazes de produzir seus Desejos. Mas, haveriam aqueles que, teriam trocado de área se pudessem, teriam cronometrado sua servidão? Alguns caminham por forças de resistência: — *Aquilo que tanto esperam de mim talvez eu nunca possa dar* (Discente Mutante).

Lis'Andarilha pelas ruas da compreensão. Ela faz um breve manifesto do Desejo em uma virtualidade que se atualiza a cada vez que lê.

E, percebe que...

há fome na saciedade.



Cartografias do Desejo²²⁹

“Viajar sem chegar seria tão incompleto quanto chegar sem ter viajado”²³⁰. Labirintos do Desejo e das suas trilhas sem linha de chegada é um desafio sempre premente naquele Castelo. Já havia percorrido o campo minado das faltas pelas quais a psicanálise se ocupava de entender o desejo. Não o rejeitava, mas além do horizonte, Lis'Ávida queria entendê-lo por outras perspectivas, em composição. Spinoza lhe diz que o desejo é uma paixão por algo,

229 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrW15rkJb6B/?igshid=MzRIOD-BiNWFIZA==>

230 SOLNIT' (2016, p. 93). A história do caminhar.

uma vontade nos confins da consciência, aquilo que “achamos que desejamos”, mas quando vemos de perto está encharcado de dogmas, morais, religião, idealismos, e essas coisas, são tributárias de um outro, de uma lei, de um governo, de um pastor, de um psicanalista, de um professor. Desejo este para Spinoza que quando passa por algo, quando algo acontece, ele se aproxima de uma vontade de potência em que há possibilidade de um saber das causas que afetam nosso corpo, há um “apetite juntamente com a consciência que se tem dele”²³¹, um sentir e pensar coadunados. Mas lis’faminta insiste em querer saber “você tem fome de quê?”, Escuta ao longe a voz de Solnit: “não era de comida que tinha fome. Eu tinha fome de amor, tinha fome de histórias, de livros, de música, de poder e de uma vida que fosse inteiramente minha; tinha fome de me fazer a mim mesma”²³². Eis que nietzsche lhe interrompe: — “ó! Miséria de todos que dão! Ó eclipse do meu sol! Ó desejo de desejar! Ó! Fome devoradora na fartura!”²³³ A orquestra dos movimentos da fome enquanto um apetite é regida pelo desejo, e “desejar é delirar”²³⁴, é o próprio devir. Se algo falta aos alunos por solicitações capitalísticas [ter isso, ser aquilo], a busca se torna inútil e eles findam engolindo o que veem pela frente sem pestanejar. A indigestão provocada pelos ideais requer o toque sensível de melodias pulsionais. Há pele! De onde vêm suas fomes de liberdade, de amores, de diálogos, de segurança, de aprendizagem, de tempo? Lis’Anda observa se ela está na ponta dos pés a peregrinar; se ela está nos dedos que precisam escrever; se está na ânsia idade dos encontros. Pouco sabem de seus corpos tanto quanto supõem. Um corpo não é feito apenas de fisiologia, ele compõe com tudo que está em vias de lhes transformar. Se

231 SPINOZA (2020, p. 109). ÉTICA. [Parte II, Proposição 9]

232 SOLNIT (2021, p. 95). Recordações da minha inexistência: memórias.

233 NIETZSCHE (2016, p. 114). Assim falava Zaratustra.

234 DELEUZE; PARNET (1997). L’ Abécédaire de Gilles Deleuze. [D de desejo].

veneno ou antídoto dependem da dose, quais doses são suficientes para que amem os acontecimentos? Abocanham qualquer verdade para uma saúde conquistar? Bebem o cálice da prudência e nutrem seus percursos com experimentações?, - Isso aguçaria seus sentidos e despertaria seus metabolismos daquilo que lhes engasga, liberando o gástrico sumo das desventuras não vividas por medo. Então, se depurarem que “saber é experimentar o gosto das coisas: comê-las”²³⁵. Amiúde, mastigarão a vida em pequenas partículas de afetos que contêm uma saborosa constelação e que não limitam suas voracidades por vazios. A morte de vontades de seus supostos arbítrios nos trajetos da universidade faz nascer necessidades de um lírico caminhar. Não é apenas um simples jejum kafkaniano a ser vigiado em fios do tempo por uma recusa, mas antes, um banquete de existência a ser lapidado por uma vida nua. A fome kafka catalisa a metamorfose. É possível atentar que “os acontecimentos maiores não são os mais ruidosos, mas as nossas horas mais silenciosas”²³⁶. Quando sentirem sede das profundezas do mar, conseguirão se entregar?, Pois “o desejo do mar eleva-se com mil ondas”²³⁷. Nas turbulências da superfície, procuram o ar livre que dista de alimentos intoxicados pela insatisfação diz gostos alheios. Devoram os saberes inauditos naquele castelo. Há fome na sociedade, é preciso afirmar um laço gentil. Há fome na saciedade estudantil, pois “a vida alimenta-se de vida”. O apetite que faz aliança com o mundo, torna-se um desejo que produz o próprio desejo. É um incessante processo subjetivo que faz com que comam com os ouvidos a música, comam com os olhos as colorações, comam com a boca as palavras que sublimam uma ação. Acenam para uma felicidade clandestina. Não se

235 ALVES (2013, p. 159).

236 NIETZSCHE (2016, p. 139). Assim falava Zaratustra.

237 NIETZSCHE (2016, p. 139). Assim falava Zaratustra.

trata, mais uma vez, de um adoecimento a ser extirpado ou sanado, mas sim, dos trajetos-afetos-devires que devam ser olhados em suas composições, em sua constituição de problemas que lhe desalienem das condutas e criem fissuras para alguns modos de subjetivação na vida da universidade. Ao entender saúde como obra, afetos como passagem, corpo como potência, a caminhada a cada vez singulariza o fazer clínico. Lis'Atualiza linhas de sensibilidades para fazer uma sínTESE. A tese estaria em seu potencial de variação para a seguinte composição: A liberdade está em ver o mundo diferente das normalizações que alienam o ser no contexto acadêmico. Os afetos conseguem passar quando são ouvidos, acolhidos e quiçá transformados por meio de práticas que resistam ao instituído. A saúde é grande quando o corpo que caminha, consegue vez ou outra, voar, dançar e sorrir. O cuidado é a ética do olhar, do ouvir, nos encontros entre os agentes em educação. Afirmar a vida na universidade é abrir o pensamento ao acaso dos encontros e signos que nascem de uma metamorfose, em um devir.



Imagem 9. Fonte: a autora (2023).

referências

ADACHI, Ana Amélia Chaves Teixeira. **Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais. Dissertação** (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7U-PMBA>> Acesso em jan. 2015.

ALVES, Rubem. **O retorno e o terno: crônicas**. 29ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

ANDRADE, Antônio dos Santos; et al. Vivências acadêmicas e sofrimento psíquico de estudantes de psicologia. Ver. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 831-846, Out/Dez. 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/RTkfTtDv3sRKHGT7J-3zPMZC/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 5 ago. 2020.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARCCOSI, Michaela Ponzoni. **Atenção psicossocial no ambiente universitário: um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2015. 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

BADIOU, Alan. **Elogio ao amor**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BATAILLE, Georges. **A experiência interior**. Seguida de Método de Meditação e Postscriptum 1953. Suma Ateológica, volume I. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BATAILLE, Georges. **O culpado**: seguido de A aleluia. Suma ateológica, vol II. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BATAILLE, Georges. **Sobre Nietzsche**: vontade de chance. Seguido de Memorandum; A risada de Nietzsche; Discussão sobre o pecado; Zaratustra e o encantamento do jogo. Suma Ateológica,

volume III. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

BIRMAN, Joel. Os signos e seus excessos, a Clínica de Deleuze, 2000. In: ALLIEZ, Éric (org). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed 34, 2000, p. 463-478.

BONDER, Nilton. **Alma Imoral** [documentário]. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=209kUEgfOnY>

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas**. São Paulo: Companhia de Letras, 1990.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora; n-1 edições, 2018.

CHAUÍ, Marilena. Da impotência à potência ou a imagem do livre-arbítrio à ideia de liberdade. In: MARTINS, André. (org). **O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 59-79.

CHAVES, Ernani. Perde-se em algo que parece plano (ensaios), p. 153-172. In: FREUD, Sigmund. **O infamiliar e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CIORAN, Emil. **Breviário de decomposição**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1989.

CIORAN, Emil. **O livro das ilusões**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura Barbária, 2010.

COCCIA, Emanuele. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro: Dantes, 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. Chave de escrita: dramatização de um currículo. In: **Didaticário de criação, aula cheia**. Porto Alegre: UFRGS, 2012 (Escrituras cadernos de notas 3), p. 153-171.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia da letras, 2004.

DAVID-MÉNARD, Monique. Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud. **Discurso**, [S. l.], n. 36, p. 19-36, 2007. DOI:

10.11606/issn.2318-8863.discurso.2007.38071. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38071>. Acesso em: 04 abril. 2023.

DELEUZE, Gilles. Conclusões sobre a vontade de potência e o eterno retorno. In: **A ilha deserta:** e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 155-166.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza**. Vincennes, 1978-1981. 3. ed. – Fortaleza: EdUECE, 2019. Arquivo PDF 304 p. (Coleção Argentum Nostrum).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, Gilles. Ele foi meu mestre [1964], p. 107. In: **A ilha deserta:** e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006. p. 107-110.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema de expressão**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 2. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2, vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **L'Abécédaire de Gilles Deleuze**. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.

DIAS, Mauro Mendes. O pior cego é aquele que não quer escutar: relações entre o olhar e a voz na psicanálise. In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; LACONELLI, Vera [orgs]. **Corpo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 55-60.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Potências da suavidade**. São Paulo: n-1 edições, 2022.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021, p. 55-86.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**, As heterotopías. Posfácio de Daniel Defert. 2ª edição bilingue. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FREUD, Sigmund. **O infamiliar e outros escritos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia de Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. In: **Obras completas** – Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"). Artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 10.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2014.

GODARD, Jean-Luc. **Pensar entre imagens**: conversaciones, entrevistas, presentaciones y otros fragmentos. Barcelona: Intermedio,

2010, p. 90.

GRÓS, Frédéric. A parrhesia em Foucault.[1982-1984]. In: GRÓS, Frédéric [org]. **Foucault: a coragem da verdade**. São Paulo: Parábola, 2004, p. 157-166.

GRÓS, Frédéric. **Caminhar, uma filosofia**. São Paulo: UBU Editora, 2021.

GUATTARI, Félix. **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do Belo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Agonia do Eros**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **O aroma do tempo: em ensaio filosófico sobre a Arte da Demora**. Relógio D'Água, 2016.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

JAQUET, Chantal. Do eu ao si: a refundação da interioridade em Spinoza. In: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; OLIVA, Luís César [orgs]. **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 349-366.

KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.32-51.

KASTRUP, Virgínia.; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs). **Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum**. v. 2 Porto Alegre: Sulina, 2014.

KUNDERA, Milan. **O livro do riso e do esquecimento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LABATUT, Benjamin. **A pedra da loucura**. São Paulo: Todavia, 2022.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo: n-1, 2015.

LAPOUJADE, David. Do campo transcendental ao nomadismo operário - Willian James. In: ALLIEZ, Éric (org). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed 34, 2000; p. 267-278.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem** [edição manuscritos e ensaios inéditos]. Rio de Janeiro: Rocco, 2022.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. São Paulo: Summus, 1997.

MOREY, Miguel. Carta a una princesa, 21 de agosto de 2010. In: **Pequenas doutrinas de la soledade**.

MOSÉ, Viviane. A linguagem, nosso primeiro outro-mundo. In: MARTINS, André; SANTIAGO, Homero; oliva, Luís César [orgs]. **As ilusões do eu: Spinoza e Nietzsche**. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 227-241.

NIETZSCHE, Friedrich W. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia de Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falava Zaratustra**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo**. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, demasiado humano**. São Paulo: Lafonte, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Vontade de Potência**. Petrópolis, RJ: Vozes (Vozes de Bolso), 2017.

OLIVEIRA, Marcos Rocha. Para dar uma aula escritural. In: CO-RAZZA, Sandra Mara. **Didaticário de criação, aula cheia**. Porto Alegre: UFRGS, 2012 (Escreituras cadernos de notas 3), p. 76-79.

Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2017.

OSORIO, Lisandra Berni. **Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de escreituras**. 21/03/2016 244 f. Mestrado em EDUCAÇÃO. Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>

OSORIO, Lisandra. A vida prescreve. In: **+Humor**. Paraty: Selo Off Flip, 2023, p. 215-216.

PADOVANI, Ricardo da Costa; NEUFELD, Carmem Beatriz; MALTONI, Juliana; BARBOSA, Leopoldo Nelson Fernandes; SOUZA, Wanderson Fernandes de; CAVALCANTI, Helton Alexandro Firmino; LAMEU, Joelma do Nascimento. Vulnerabilidade e nem-estra psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas** v. 10, n. 1, p.2-10, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbtcc/v10n1/v10n1a02.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2020.

PAGNI, Pedro Angelo. **Dos cantos da experiência formativa aos desafios da arte do viver à educação escolar: Um percurso da experiência estética à estética da existência**. Tese livre-docência. 210 fls UNESP- Campus de Marília. 2011.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. São Paulo: Companhia de bolso, 2010.

PESSOA, Fernando. **O poeta para além de sua poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

PIZARNIK, Alejandra. **Poesía Completa**. Barcelona: Lumen, 2014, p. 117.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. [volume 3; A Prisioneira]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p. 203.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e a canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvon Rilke**, 4ed, São Paulo: Globo, 2013.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; PEREZ Karine Vanessa; BRUN, Luciana Gisele; Saúde mental no contexto universitário: desafios e práticas. **Trab.En(Cena)**, v.4, n. 2, p. 357-365, Palmas_TO, 2019. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/encena/article/view/8093/16182>Acesso em: 5 ago. 2020.

SAFATLE, Vladimir. **Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SALVADOR, Julia Macedo. **A dor de crescer: marcas da angústia de separação**. Revista brasileira de psicoterapia, 2016; 18(3), p. 69-79.

SCHIAVON, João Perci. **Pragmatismo pulsional: Clínica Psicanalítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SOLNIT, Rebecca. **A história do caminhar**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

SOLNIT, Rebecca. **Recordações da minha inexistência: memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

SOLNIT, Rebecca. **Um guia sobre el arte de perderse**. Buenos Aires: Fiordo, 2022.

SPINOZA, Benedictus. **ÉTICA**. 2. Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

VIVÈS, Jean-Michel. A voz, inquietante extimidade do corpo. In: CHATELARD, Daniela Scheinkman; MAESSO, Márcia Cristina

[orgs]. **O corpo no discurso psicanalítico**. Curitiba: Appris, 2019, p.23-33.

anexos

<https://drive.google.com/drive/folders/1C779pxNAd7YSSwR-dInjDr99JJ0dNWb7z?usp=sharing>



Este trabalho foi diagramado por Gustavo de Oliveira Nunes, o corpo do texto foi composto em Garamond, tamanho 12, e os títulos em Century Gothic, nos tamanhos 12 (subtítulos) e 40 (títulos). A capa foi elaborada por Vanessa Basda e Gustavo de Oliveira Nunes. Os mapas e ilustrações foram criados por Gustavo de Oliveira Nunes.

Para contato de diagramação e ilustrações:
gustavohnunes@msn.com

https://www.instagram.com/gustavonunes_ilustracoes/